

Sônia Bertol
Felipe Mafalda Ohse
(Organizadores)

JORNALISMO NA FAC

incentivo à
iniciação
científica



Edição
Fac-similar

méritos
editora

Sônia Bertol
Felipe Mafalda Ohse
(Organizadores)

JORNALISMO NA FAC

incentivo à
iniciação
científica



Edição
Fac-similar

méritos
editora

2019 – versão livro em papel
2021 – versão fac-similar em e-book

© Livraria e Editora Méritos Ltda.
Rua do Retiro, 846
Passo Fundo - RS - CEP 99074-260
Fone: (54) 3313-7317
Página na internet: www.meritos.com.br
E-mail: sac@meritos.com.br

Charles Pimentel da Silva
Editor

Fabiana Beltrami
Foto da capa

◆ Todos os direitos reservados e protegidos pela lei nº 9.610 de 19/02/1998. Partes deste livro podem ser reproduzidas ou transmitidas, desde que citados o título da obra, o nome do(s) autor(es)(as), da editora e os demais elementos de referência, conforme normas da ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Jornalismo na FAC: incentivo à iniciação científica / organizado
por Sônia Bertol, Felipe Mafalda Ohse. – Passo Fundo:
Méritos, 2019.
184 p. : il.

ISBN: 978-85-8200-0694

1. Jornalismo. 2. Assessoria de Imprensa. 3. Notícia. I. Bertol,
Sônia (org.) II. Ohse, Felipe Mafalda (org.)

CDD 070.43
CDU 070.431

Bibliotecária responsável: Marisa Fernanda Miguellis CRB10/1241

Impresso no Brasil

Apresentação

Este livro é ideia antiga, que ganhou estímulos luminosos e prazerosos quando compartilhada com os alunos do curso de Jornalismo da Faculdade de Artes e Comunicação Social na Universidade de Passo Fundo. Daí advêm os textos, dos conhecidos TCCs (trabalhos de conclusão de curso), exigências à colação de grau na maioria das universidades brasileiras. As temáticas selecionadas para esta obra atenderam a preocupações contemporâneas.

Os capítulos deste livro permitem olhar mais detidamente para os fenômenos da realidade e, assim, refletir e melhor intervir em sua qualificação. Muitas pesquisas deixam nos seus agentes a sensação de que muito mais merecia ser registrado e dissecado, além das limitações metodológicas. O louvável desejo dos pesquisadores mostra, por extensão, o seu potencial de reflexão e análise.

Após a adaptação dos TCCs à estrutura de livro, as suas partes ficaram assim ordenadas: no *Capítulo I - A Assessoria de Imprensa da Prefeitura de Passo Fundo refletida nos jornais impressos do município*, a autora Kassîe de Carvalho investiga esta área que vem ganhando mais lugar dentro de instituições diversas, principalmente desde o fim da ditadura. A presente pesquisa é analítica descritiva quantitativa e, também, qualitativa sobre a forma de publicação do material enviado às redações, a fim de descobrir, entre outras coisas, variações na visibilidade aplicada às notícias.

Já no *Capítulo II - Aproveitamento dos releases da assessoria de imprensa da Associação Marauense de Futsal em portais de Marau*, a autora Francieli de Assis analisou *releases* publicados nos portais de notícia *online* da Vang FM e Tua Rádio Alvorada, assim como pesquisou na bibliográfica os conceitos que envolvem o assunto.

A autora Jaqueline Oliveira de Castro investiga no *Capítulo III - Análise da cobertura do caso Eloá, realizada pela jornalista Sonia Abrão*, se esta apresentadora incorreu em sensacionalismo e rompeu a ética jornalística. A pesquisa usou metodologia analítico-descritiva e o seu desenrolar é de instigante leitura.

No *Capítulo IV - Os valores-notícia na cobertura jornalística do Caso Diógenes Basegio*, o autor Caetano Bortolini Barreto, usando da análise de conteúdo, compara o jornalismo regional de Passo Fundo com o jornalismo do Rio Grande do Sul em um tema de importância para a opinião pública: a cassação de mandato do então deputado estadual Diógenes Basegio, em 2015.

Por sua vez, Luana Fiorentin, autora do *Capítulo V - Reação de jornalistas após situações traumáticas: estudo descritivo-analítico*, preocupou-se com os problemas psicológicos que jornalistas podem ter ao longo da profissão. Por isso, conceitos essenciais à pesquisa foram Jornalismo de Guerra, traumas psicológicos e estresse pós-traumático, em três âmbitos: trabalho, saúde e comportamento.

No *Capítulo VI - A Linguagem Humanizada no Jornal Nacional*, a autora Julia Maziero Possa busca compreender o uso, as limitações e os assuntos predominantes no discurso humanizado do citado telejornal, que desde os anos 60 chega a muitos lares brasileiros. O estudo analisou figuras de linguagem e linguagens conotativas emitidas entre novembro e dezembro de 2015, enquadrando-as em conceitos de história de interesse humano, contexto comunicativo e texto verbal. O resultado deste estudo, segundo a autora, surpreendeu até a ela mesma.

Se os TCCs já haviam marcado positivamente a vida dos acadêmicos, agora, com a publicação deste livro, certamente adicionaremos mais contraste às suas conquistas profissionais, com uma saudação à produção científica. Tenham uma boa leitura!

Sônia Bertol

Passo Fundo, outono de 2019

Sumário

APRESENTAÇÃO

Sônia Bertol..... 7

CAPÍTULO **I** - A ASSESSORIA DE IMPRENSA DA PREFEITURA DE PASSO FUNDO REFLETIDA NOS JORNAIS IMPRESSOS DO MUNICÍPIO

Kassiê de Carvalho 9

CAPÍTULO **II** - APROVEITAMENTO DOS *RELEASES* DA ASSESSORIA DE IMPRENSA DA ASSOCIAÇÃO MARAUENSE DE FUTSAL EM PORTAIS DE MARAU

Fracieli de Assis 35

CAPÍTULO **III** - ANÁLISE DA COBERTURA DO CASO ELOÁ, REALIZADA PELA JORNALISTA SONIA ABRÃO

Jaqueline Oliveira de Castro..... 65

CAPÍTULO **IV** - OS VALORES-NOTÍCIA NA COBERTURA JORNALÍSTICA DO CASO DIÓGENES BASEGIO

Caetano Bortolini Barreto..... 89

CAPÍTULO **v** - REAÇÃO DE JORNALISTAS APÓS SITUAÇÕES
TRAUMÁTICAS: ESTUDO DESCRITIVO-ANALÍTICO

Luana Fiorentin 115

CAPÍTULO **vi** - A LINGUAGEM HUMANIZADA NO JORNAL
NACIONAL

Julia Maziero Possa 135

CAPÍTULO

I

A ASSESSORIA DE IMPRENSA DA PREFEITURA DE PASSO FUNDO REFLETIDA NOS JORNAIS IMPRESSOS DO MUNICÍPIO

Kassiê de Carvalho¹
Sônia Bertol

INTRODUÇÃO

A Assessoria de Imprensa (AI) é uma área que vem ganhando lugar cada vez mais significativo dentro das empresas, órgãos e organizações, em grande parte no âmbito público, principalmente desde o fim da ditadura. Em Passo Fundo, cidade ao norte do estado do Rio Grande do Sul, não é diferente: a AI da Prefeitura Municipal de Passo Fundo (PMPF) pode ser vista diariamente estampada nas páginas dos jornais impressos locais. Partindo deste princípio, a presente pesquisa analítica descritiva quantitativa e, também, qualitativa tem como objetivo geral analisar a forma como os dois jornais impressos diários do município publicam o material que os assessores da PMPF enviam às redações. Dessa forma, levaremos em conta fatores como a quantidade de *releases* publicados por cada veículo, as alterações feitas nos materiais e quanto espaço essas publicações ocupam nas páginas dos periódicos, para sabermos se há diferença na visibilidade dada pelos veículos às notícias da prefeitura.

¹ Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo pela FAC/UPF – Universidade de Passo Fundo.

A COMUNICAÇÃO NA PREFEITURA DE PASSO FUNDO

Caroline Silvestro (2014) diz que a Assessoria foi criada em 2012, prevista na lei complementar 335/2012 pelo Art. 2º da lei n. 4.378, datada em 10 de janeiro de 2007. Na legislação, conforme Silvestro, cabe ao Departamento de Comunicação Social elaborar e desenvolver atividades de cunho jornalístico e que envolvam a administração municipal.

Além disso, ela considera que a referida lei indica ser de responsabilidade deste setor a produção de notícias ligadas à atuação do prefeito, do vice-prefeito e dos demais órgãos e autarquias que pertençam à prefeitura. Também, destaca ela, é de incumbência do Departamento de Comunicação fornecer informações às rádios, jornais, TVs e outros veículos, além de “realizar a escuta das rádios, *clippagem* dos jornais, [...] fazer a cobertura fotográfica dos eventos agendados e manter o portal da prefeitura atualizado com as matérias que são enviadas aos meios de comunicação” (SILVESTRO, 2014, p. 19).

Os dados a seguir, que se referem à assessoria e às pessoas que a compõe, foram obtidos no trabalho acadêmico realizado por um grupo de alunos do curso de Jornalismo da Universidade de Passo Fundo (CARVALHO et al., 2015), que visitou as dependências da AI e conversou com os profissionais, a fim de compreender a rotina do assessor de imprensa.

A AI da PMPF chama-se “Departamento de Comunicação Social da Prefeitura de Passo Fundo” e é composta por cinco profissionais:

Luciana Meneghetti: jornalista graduada pelo curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Função: diretora.

Fabíola Hauch: jornalista graduada pelo curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade de

Passo Fundo (UPF); mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade de Passo Fundo (UPF). Função: repórter e editora.

Álvaro Henkes: jornalista graduado pelo curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade de Passo Fundo (UPF); especialista em Jornalismo Digital pelo curso de Especialização em Jornalismo Digital da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Função: repórter.

André Silva: radialista. Função: repórter e apresentador de eventos.

Alex Borgmann: fotógrafo profissional. Função: fotógrafo.

A Assessoria de Imprensa da prefeitura, formada por esses cinco profissionais, é responsável por toda a comunicação da gestão municipal, tanto em relação à imprensa local, quanto em relação à comunidade. Diariamente são enviados *releases* com fotos às redações, convites para eventos e lançamentos, e são abastecidos o *site* e as redes sociais da PMPF com conteúdo elaborado pela própria equipe.

São produzidos, no mínimo, três *releases* por dia. Os jornalistas têm, de acordo com Graça Caldas (2009), um certo cuidado com a rotina das redações quanto à produção da notícia. Segundo os assessores de imprensa da PMPF, é dada atenção para fatores como: a) o horário de fechamento das edições impressas, portanto o *release* nunca pode sair da redação da AI depois das 18h; b) a foto da notícia, para que facilite a divulgação do material em portais; c) o tamanho do texto, para que fique mais sucinto e, conseqüentemente, mais fácil de ser veiculado.

O resgate dos dados acima nos parece extremamente importante, visto que nos aproxima da estrutura da AI da prefeitura municipal de Passo Fundo e também do material que é produzido em seu âmbito, o qual, no que concerne aos *releases*, representa o material de análise deste estudo.

Luciano Azevedo é o atual prefeito de Passo Fundo e, conforme a sua biografia publicada no *site* da Prefeitura Municipal de Passo Fundo, é formado em Direito e em Jornalismo pela Universidade de Passo Fundo. Começou sua carreira política nesta mesma cidade, tendo sido eleito vereador em 1992, reeleito em 1996 e mais uma vez reeleito em 2000. Entre 1997 e 1998 foi presidente do Legislativo Municipal, sendo o político mais jovem a presidir a Câmara.

Em 2004, concorreu ao Executivo, mas acabou perdendo. Em 2006, foi eleito deputado estadual pelo Partido Popular Socialista (PPS) e em 2010 foi reeleito ao cargo. Em 2012 veio a Passo Fundo concorrer à prefeitura e ficou. Em 1º de janeiro de 2013, Luciano Azevedo passou a administrar a cidade.

METODOLOGIA

Em um primeiro momento, fizemos a revisão bibliográfica deste trabalho, com a intenção de buscarmos a relevância de nosso objeto de estudo. Para tanto, utilizamos conceitos de autores, especialistas nas áreas em que vamos trabalhar para podermos montar a linha de pensamento da nossa análise.

Para Antônio Carlos Gil (apud FÁVERO; GABOARDI, 2008), uma pesquisa descritiva pode investigar a ligação entre determinadas variáveis ou descrever um caso. Por sua vez, Alfredo Boente e Gláucia Braga (2004) enquadram a pesquisa em “acadêmica” quando ela tem objetivos científicos, mas voltados ao mercado e não ao conhecimento, o que é o propósito desta pesquisa. Conforme os autores, a pesquisa descritiva é caracterizada por implicar análises quantitativas e qualitativas e, conseqüentemente, um levantamento de dados e uma explicação do porquê desses dados.

Definindo o conceito de pesquisa quantitativa, Paulo Ramos, Magda Ramos e Saul Busnello (2005) apontam que a análise é quantitativa quando se pode medir em números, classificar e analisar determinado dado, utilizando-se de técnicas estatísticas para obter os resultados. É essa a nossa proposta a partir do presente trabalho.

Já quanto à pesquisa qualitativa, Tatiana Gerhardt e Denise Silveira (2009) indicam que esta ocorre aprofundando-se na compreensão do assunto com que se trabalha. Segundo Minayo (apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009), a análise qualitativa funciona em torno dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, “o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 32). Neste trabalho, iremos analisar qualitativamente o conteúdo dos *releases* enviados pela AI, que é nosso objeto de estudo, com base nas características das notícias de Comunicação Pública propostas por Duarte (2007) e especificadas a seguir:

Institucionais: falam sobre como funcionam as organizações, que responsabilidades têm e qual é o seu papel. Referem-se a pontos como estrutura, políticas, serviços, poderes, esferas de governo, entes federativos, funções dos agentes públicos que as compõem, direitos e deveres do cidadão. Basicamente as notícias institucionais dizem o que esperar, onde buscar e reclamar.

De gestão: são discursos, metas, intenções, motivações, prioridades e objetivos dos agentes a fim de esclarecer e orientar o debate público. Ao se elaborar este tipo de notícias, são definidas as ações e processos decisórios dos agentes públicos que atuam em temas de interesse público.

De utilidade pública: notícias de temas do dia a dia, como serviços e orientações sobre imposto de renda, campanhas de vacinação, sinalizações e causas sociais.

De prestação de contas: notícias com finalidade de explicar ou esclarecer sobre decisões políticas e onde foram usados recursos públicos. Assim a sociedade pode acompanhar, avaliar e fiscalizar a ação de um governo.

De interesse privado: notícias dirigidas somente ao cidadão, empresa ou instituição, como dados de imposto de renda e cadastros bancários.

Mercadológicas: notícias de produtos e serviços que têm concorrência no mercado.

Dados públicos: informações de controle do Estado e que dizem respeito ao conjunto da sociedade e ao seu funcionamento. Exemplos: normas legais, estatísticas, decisões judiciais, documentos históricos, legislação e normas.

Para esta pesquisa acadêmica descritiva, qualitativa e quantitativa, faremos uso de um período construído para amostragem, no qual serão elencadas cinco edições dos jornais para o estudo, sendo esses periódicos o *Diário da Manhã* (DM) e *O Nacional* (ON).

As edições, escolhidas de forma aleatória, foram as do período entre 16 e 24 de março de 2016, edições de terça-feira a domingo, porque o DM não circula às segundas-feiras. Optou-se por este intervalo de tempo justamente porque nenhum evento paralelo e/ou atípico acontecia no município, do contrário interferiria na rotina das redações.

As edições escolhidas foram: 16 de março, quarta-feira; 18 de março, sexta-feira; 19 e 20 de março, sábado e domingo (edição conjunta de fim de semana); 22 de março, terça-feira; 24 de março, quinta-feira. Quanto ao serviço prestado pela Assessoria de Imprensa, os dias entre 13 e 23 de março de 2016 foram os escolhidos para separarmos os materiais enviados às redações.

As edições formam uma semana construída, ou seja, uma semana criada artificialmente a fim de podermos fazer um recorte

e analisá-lo quantitativamente. Nos jornais impressos dos veículos de comunicação citados, avaliamos a forma como foram publicados os *releases* enviados às redações pela Assessoria de Imprensa da Prefeitura Municipal de Passo Fundo.

Assim, aplicando os conceitos de análise aos jornais impressos, o objetivo desta pesquisa foi:

- 1) Sabendo que as duas redações recebem simultaneamente os *releases* da Prefeitura, identificar quais foram os materiais aproveitados em cada uma das redações.
- 2) Avaliar quais foram os espaços gráficos dados a essas publicações, quanto à sua localização, bem como quanto à área que o texto e foto(s), se fosse o caso, ocuparam na página. Também apontar se as fotos utilizadas foram feitas pelo veículo de comunicação ou enviadas pela assessoria.

Dos materiais aproveitados, elencamos as alterações que eles receberam em cada veículo impresso, fosse no título, fosse no corpo do texto, e em qual classificação se encaixou o tipo de informação repassado pela assessoria.

ANÁLISE DOS DADOS

Identificação dos materiais aproveitados pelas redações

A partir de agora, faremos a análise dos dados obtidos por intermédio do nosso período de amostragem. Primeiramente, iremos descrever características básicas das edições de amostra dos jornais, como quantidade de páginas em cada dia da semana e uma relação quanto às páginas coloridas (cor) e em preto e branco (PB) de cada uma. Depois, elencamos os materiais enviados pela AI da PMPF que foram ou não utilizados pelos veículos de comunicação em estudo.

Quadro 1 – Características dos jornais.

Data	16/03	18/03	19 e 20/03	22/03	24/03
Páginas ON	16	20	16	16	16
Páginas coloridas ON	Todas	Todas	Todas	Todas	Todas
Páginas DM	12	16	16	12	12
Páginas coloridas DM	1, 4, 9 e 12	1, 4, 5, 8, 9, 12, 13 e 16	1, 4, 5, 8, 9, 12, 13 e 16	1, 4, 9 e 12	1, 4, 9 e 12

Podemos notar que o jornal ON circulou durante todo o período de amostra com todas as páginas coloridas, enquanto o DM teve apenas em alguns dias. Detalhe: em apenas uma das edições os dois jornais circularam com a mesma quantidade de páginas.

Entre os dias 14 e 23 de março de 2016², período retirado para análise dos envios de material pela AI da Prefeitura, as redações receberam 35 *e-mails*, sendo 4 convites para eventos e lançamentos de projetos promovidos pela Prefeitura e 31 *releases*.

Dos 30 *releases*, as duas redações juntas aproveitaram 15, no período de amostragem. Duarte (2009) diz que as variações podem caracterizar a qualidade do material enviado pela assessoria, casada com a confiança que os chefes de redação têm nos jornalistas da Assessoria de Imprensa, considerando-se também a possibilidade de o restante dos materiais terem sido veiculados no período fora da amostragem.

² O período definido para amostragem do material produzido pela Prefeitura de Passo Fundo é diferente do período de amostragem dos jornais. A explicação coincide com a ressalva de Duarte (2007), de que uma das características da AI é produzir material no dia e enviá-lo em tempo hábil para que os editores o utilizem no jornal, porém, às vezes, isso ocorre no dia seguinte.

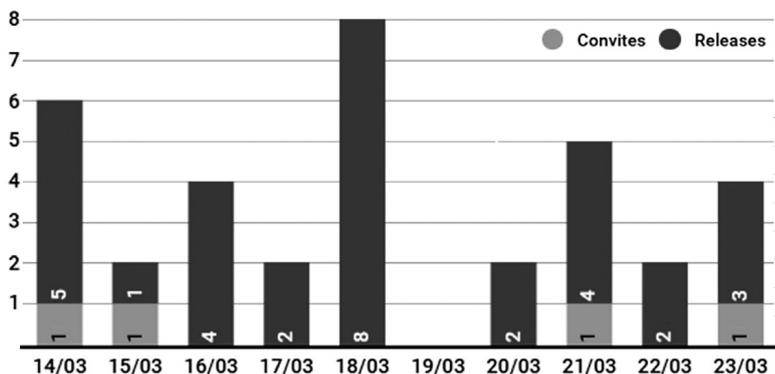


Figura 1 – Releases e convites enviados aos jornais.

Quadro 2 – Datas de recebimento e publicação dos materiais.

Data recebimento	Release/Assunto	DM	ON	Publicado no DM	Publicado no ON
14/03	Capela Petrópolis		X	-	16/03
15/03	Conferência da Cultura	X	X	16/03	16/03
17/03	Novo secretário da Semcas	X	X	18/03	18/03
17/03	Plano Municipal da Cultura	X		18/03	-
18/03	Nova presidência da APL		X	-	19 e 20/03
18/03	Infraestrutura no interior	X	X	22/03	19 e 20/03
18/03	Minha Escola de Cara Nova	X		19 e 20/03	-
18/03	Novo semáforo	X	X	19 e 20/03	19 e 20/03
18/03	Palestras sobre a dengue	X	X	22/03	22/03
21/03	Prêmio do Sebrae		X	-	22/03
21/03	Concurso do IPPASSO	X	X	22/03	22/03
21/03	Av. Sete de Setembro fechada		X	-	22/03
22/03	Lanchonete da Gare		X	-	24/03
23/03	Meu bebê, meu tesouro	X	X	24/03	24/03
23/03	Cais da São Cristóvão	X	X	24/03	24/03

Observação: publicados por ambos = 8; publicados apenas pelo ON = 5; publicados apenas pelo DM = 2.

O Quadro 2 evidencia que o ON publicou mais materiais da PMPF, em relação ao DM, ao longo do mesmo período.

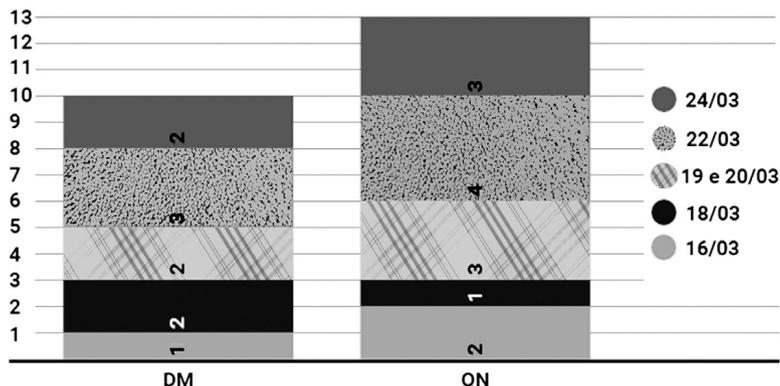


Figura 2 – Releases utilizados pelos jornais.

Analisando os números deste gráfico, nota-se que *O Nacional* publicou mais materiais do que o *Diário da Manhã*. Entretanto, devemos analisar outros fatores antes de emitir uma conclusão. O jornal ON teve, em quatro das cinco edições analisadas, mais páginas do que o DM. E não é apenas isso. No próximo subcapítulo, levando em consideração o modo de visualização de página (Silva, 1985) e de centímetro \times coluna, ou cm/col (Mesquita, 2010), poderemos saber que espaço as publicações ocuparam.

A disposição das matérias nas páginas dos jornais

Separados os *releases* recebidos dos realmente aproveitados, é hora de analisarmos os espaços gráficos dados pelos jornais ao material publicado. Para isto, usaremos a fórmula que Mesquita (2010) propõe para o cálculo de investimento por página, porém, desconsiderando o índice do valor do anúncio.

$$\text{Quantidade de colunas} \times \text{altura} = \text{espaço total que publicação ocupa na página}$$

Assim, podemos ressaltar que uma página de jornal tabloide (formato de ambos os nossos objetos de estudo) equivale a 170 e meia página equivale a 85.

Quadro 3 – Espaço ocupado pelos *releases* no *Diário da Manhã*. As linhas cinzas representam publicações na capa do periódico.

Release/Assunto	Edição	Pág.	Cor	PB	Cálculo	Foto
Conferência da cultura	16/03	8		X	5 col X 19cm = 95	Sim/AI
Conferência da cultura	16/03	1	X		1col X 4,3cm = 4,3	Não
Novo secretário SEMCAS	18/03	4	X		3col X 4,8cm = 14,4	Não
Plano municipal de cultura	18/03	7		X	2col X 20,1cm = 40,2	Sim/AI
Minha escola de cara nova	19 e 20/03	4	X		3colX24,5cm+10,4=83,9	Sim/AI
Novo semáforo	19 e 20/03	1	X		4col X 12,8cm = 51,2	Sim/DM
Novo semáforo	19 e 20/03	9	X		5col X 15,9cm = 79,5	Sim/AI
Palestras dengue	22/03	2		X	2col X 8,6cm = 17,2	Sim/AI
Concurso IPPASSO	22/03	2		X	2col X 4,2cm = 8,4	Não
Infraestrutura no interior	22/03	2		X	2col X 7,3cm = 14,6	Não
Meu bebê, meu tesouro	24/03	2		X	0,96col X 10,5cm = 10,8	Não
Cais da São Cristóvão	24/03	4	X		2col X 19,3cm = 38,6	Não

Observação: Total de espaço ocupado = 458,10.

Quadro 4 – Espaço ocupado pelos *releases* no jornal *O Nacional*.

Release/Assunto	Edição	Pág.	Cor	PB	Cálculo	Foto
Capela Petrópolis	16/03	3	X		2,09col X 4,7cm = 9,82	Não
Conferência da cultura	16/03	11	X		3col X 26,8cm = 80,4	Não
Novo secretário SEMCAS	18/03	4	X		2,61col X 16,8cm = 43,84	Sim/AI
Nova presidência APL	19 e 20/03	3	X		2,23col X 10,8cm = 24,08	Não
Infraestrutura no interior	19 e 20/03	3	X		2,15col X 7cm = 15,05	Não
Novo semáforo	19 e 20/03	12	X		3col X 11,2cm = 33,6	Não
Concurso IPPASSO	22/03	3	X		2col X 5cm = 10	Não
Av. Sete de Setembro	22/03	3	X		2,28col X 3,3cm = 7,52	Não
Prêmio Sebrae	22/03	4	X		1,44col X 29,5 = 42,48	Não
Palestras dengue	22/03	5	X		1,14col X 2,5cm + 5,13 = 7,98	Não
Meu bebê, meu tesouro	24/03	2	X		1,82col X 8cm = 14,56	Não
Lanchonete Gare	24/03	3	X		2,25col X 8,5 = 19,12	Não
Cais da São Cristóvão	24/03	12	X		3col X 18,6cm = 55,8	Sim/AI

Obs.: Total de espaço ocupado = 364,25.

Ao analisar a área ocupada pelas publicações nos jornais, levando em conta o número de matérias publicadas, podemos notar que no *Diário da Manhã*, mesmo este tendo dado lugar a menos materiais provenientes da AI, os *releases* da PMPF tiveram mais espaço. Entendemos, assim, que o principal motivo para tal variável é a diferença no número de fotos publicadas pelos veículos, junto dessas matérias, já que enquanto o *O Nacional* deu lugar a duas

fotos, o *Diário da Manhã* publicou seis fotos em matérias desta assessoria, sendo uma, inclusive, na capa do jornal.

Neste próximo momento da análise, o conceito de visualização de página de Silva (1985) vai nos ajudar a entender a distribuição dos materiais nas páginas dos veículos impressos. Há seis pontos a serem destacados em uma página impressa: a zona primária, a secundária, duas zonas mortas, o centro ótico e o centro geométrico. Na dinâmica de leitura, Silva destaca que “a visão instintivamente se desloca com rapidez em diagonal para o lado inferior oposto, a rota básica da vista se projeta do lado superior esquerdo para o lado inferior direito” (SILVA, 1985, p. 47). Além disso, ele ainda ressalta o impulso que a visão tem de se focar primeiro nas páginas da direita de uma publicação impressa, ponto que vamos avaliar nesta análise.

Quadro 5 – Principais descrições das publicações feitas nos jornais.

Release/Assunto	DM	ON
Capela Petrópolis	-	Zona primária, página ímpar e colorida, sem foto, próximo ao centro ótico.
Conferência da Cultura	Zona secundária, página ímpar e colorida (capa), sem foto e longe dos centros. Zona secundária, página par e PB, com foto, próximo ao centro geométrico.	Zona primária, página ímpar e colorida, sem foto, próximo ao centro ótico.
Novo secretário da SEMCAS	Zona secundária, página par e colorida, sem foto, longe dos centros.	Zona morta, página par e colorida, com foto, longe dos centros.
Plano Municipal da Cultura	Zona morta, página ímpar e PB, com foto, longe dos centros.	-
Nova presidência da APL	-	Zona morta, página ímpar e colorida, sem foto, próximo ao centro geométrico.

continua...

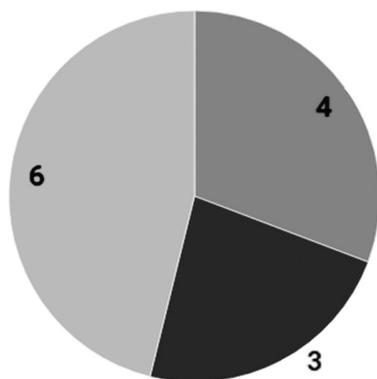
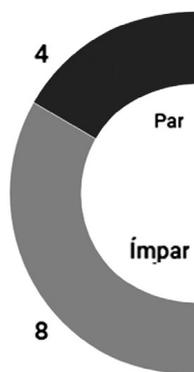
continuação...

Release/Assunto	DM	ON
Infraestrutura no interior (enviada pela AI sem foto)	Zona secundária a morta, página par e PB, sem foto, longe dos centros.	Zona secundária, página ímpar e colorida, sem foto, longe dos centros.
Minha Escola de Cara Nova	Zona primária, página par e colorida, com foto, próximo a ambos os centros.	-
Novo semáforo	Zona morta a secundária, página ímpar e colorida (capa), com foto, próximo ao centro geométrico. Zona primária, página ímpar e colorida, com foto, próximo a ambos os centros.	Zona primária, página par e colorida, sem foto, próximo ao centro ótico.
Palestras sobre a dengue	Zona primária a morta, página par e PB, com foto e longe dos centros.	Zona secundária a morta, página ímpar e colorida, sem foto e próximo ao centro geométrico. (Nesse caso, o <i>release</i> foi incorporado a uma matéria assinada por "Redação ON")
Prêmio do Sebrae	-	Zona morta a secundária, página par e colorida, sem foto, longe dos centros.
Concurso do IPPASSO (enviada pela AI sem foto)	Zona primária a morta, página par e PB, sem foto e longe dos centros.	Zona primária, página ímpar e colorida, sem foto, próximo ao centro ótico.
Av. Sete de Setembro fechada (enviada pela AI sem foto)	-	Zona morta, página ímpar e colorida, sem foto, longe dos centros.
Lanchonete da Gare (enviada pela AI sem foto)	-	Zona secundária, página ímpar e colorida, sem foto, longe dos centros.
Meu bebê, meu tesouro	Zona secundária, página par e PB, sem foto, longe dos centros.	Zona morta, página par e colorida, sem foto, longe dos centros.
Cais da São Cristóvão	Zona primária, página par e colorida, sem foto e próximo ao centro ótico.	Zona morta a secundária, página par e colorida, com foto, próximo ao centro geométrico.

A partir dos dados indicados no Quadro 5, podemos elencar algumas características particulares de cada veículo em relação às matérias. Segundo os gráficos a seguir das figuras 3 e 4, o jornal *Diário da Manhã* deu aos *releases* mais zonas primárias que *O Nacional*. Já este segundo deu aos materiais mais páginas ímpares.



Diário da Manhã



O Nacional



Figura 3 – Distribuição das zonas de visualização nos jornais.

Figura 4 – Distribuição das páginas nos jornais.

Isto é: enquanto o jornal DM ofereceu às matérias da PMPF 5 zonas primárias, 5 secundárias e 2 mortas, o ON ofereceu 4 zonas primárias, 3 secundárias e 6 mortas. Nos números do DM, estão inclusas as chamadas de capa. Quanto às páginas (pares

ou ímpares) em que cada *release* foi publicado, considerando a importância de cada uma na disseminação da notícia, ON teve 8 publicações em páginas ímpares e 5 em pares, ao passo de que o DM teve 4 publicações em ímpares e 8 em pares (incluindo as chamadas de capa).

Observando esses dados, podemos concluir que há um equilíbrio nas publicações, isto é, os jornais, ao tratarem o conteúdo, “compensam-se” entre si, já que, à medida que o *O Nacional* ofereceu menos zonas primárias e secundárias (áreas de maior visualização nas páginas), deu às matérias mais páginas de maior visibilidade (ímpares), enquanto o *Diário da Manhã*, mesmo tendo dado apenas duas zonas mortas (áreas de pouca visibilidade), as páginas de publicações foram, em sua maioria, pares, sem contar que no DM metade das publicações foram em páginas em preto e branco, fator que não se pode comparar com o ON, visto que as edições da amostragem foram inteiramente coloridas.

Além disso, destacamos mais um ponto da análise: a publicação de fotos nas matérias por ambos os veículos. Apenas quatro *releases* foram enviados sem imagem. Entretanto, de 13 *releases* publicados pelo ON, apenas dois apareceram com foto (as duas da Assessoria de Imprensa), ao passo que, de 10 *releases* publicados pelo DM, em cinco constavam fotos, todas da AI, e mais uma feita por um jornalista do próprio veículo, que foi para a capa do periódico com chamada para o *release*. Assim, por mais que o DM tenha publicado um número maior de matérias da prefeitura e dado-lhes mais espaço que o ON, entende-se que essa variável ocorreu pela diferença na quantidade de fotos publicadas pelos veículos.

*A edição dos releases produzidos pela AI
e suas categorias noticiosas*

Duarte (2009) indica várias características na relação entre a assessoria de imprensa e os veículos de comunicação, mas a que vamos trabalhar aqui é a questão autoral dos textos da assessoria. O autor destaca que, uma vez enviado o texto, este deixa de ser da assessoria, pois os veículos o tomam como seu, fazendo as alterações e acrescentando as informações que bem acharem necessárias. O leitor não vai saber que a notícia não foi produzida na redação, já que na matéria não irá constar o nome do assessor, deduzindo assim que a busca de pauta e apuração das informações foram feitas pelos jornalistas do veículo. Dessa maneira, nesta última parte da análise, colocaremos os *releases* lado a lado com as publicações nos jornais para sabermos qual dos veículos interferiu mais nos textos da assessoria e de que forma isso ocorreu.

No quadro a seguir vamos explorar a primeira parte da análise qualitativa, que diz respeito à edição dos materiais.

Quadro 6 – Comparativo entre as edições aplicadas pelos jornais aos *releases* publicados.

Release/assunto	DM – características	ON – características
Capela Petrópolis	-	Título diferente; parte do segundo e o terceiro parágrafos foram cortados.
Conferência da Cultura	Título diferente; título original virou linha de apoio; foi retirado o último subtítulo.	Título diferente; texto publicado na íntegra
Novo secretário da Semcas	Título diferente; a última linha do primeiro parágrafo, que fala sobre o secretário anterior, foi cortada; todo o segundo parágrafo foi cortado.	Título permaneceu; texto publicado na íntegra.
Plano Municipal da Cultura	Título permaneceu; foi inserida linha de apoio; o nome do teatro foi removido.	-

continua...

continuação...

Release/assunto	DM – características	ON – características
Nova presidência da APL	-	Título diferente; o texto foi todo remontado no formato de dois tópicos, utilizando trechos do <i>release</i> .
Infraestrutura no interior	Título diferente; texto publicado na íntegra.	Título diferente; texto publicado na íntegra.
Minha Escola de Cara Nova	Título diferente; foi inserida linha de apoio; texto publicado na íntegra.	-
Novo semáforo	Título permaneceu; linha de apoio foi trocada; texto publicado na íntegra; foi inserido um olho.	Título diferente; texto publicado na íntegra.
Palestras sobre a dengue	Título permaneceu; texto publicado na íntegra.	Título diferente; texto publicado na íntegra como subtítulo de outra matéria.
Prêmio do Sebrae	-	Título diferente; parte do título original virou linha de apoio; texto publicado na íntegra.
Concurso do IPPASSO	Título permaneceu; texto publicado na íntegra.	Título diferente; Texto publicado na íntegra.
Av. Sete de Setembro fechada	-	Título diferente; texto publicado na íntegra.
Lanchonete da Gare	-	Título diferente; o texto foi remontado no formato de dois tópicos, entretanto, o <i>release</i> na íntegra consta na publicação.
Meu bebê, meu tesouro	Título diferente; o segundo e parte do terceiro parágrafo foram cortados.	Título diferente; o segundo parágrafo foi cortado.
Cais da São Cristóvão	Título diferente; título original virou linha de apoio; texto publicado na íntegra.	Título diferente; foi inserida linha de apoio; texto publicado na íntegra.

Enquanto o jornal *Diário da Manhã* modificou seis dos 10 títulos de *releases* publicados e fez alterações em 40% dos textos dos *releases*, o jornal *O Nacional* modificou 12 dos 13 títulos de matérias da Assessoria da Prefeitura e alterou apenas 23% dos textos. Isso, em números, representa, respectivamente, quatro matérias editadas contra seis publicadas integralmente e três matérias editadas contra 10 veiculadas na íntegra. Isto é, o jornal *O Nacional* tem mais preocupação em modificar os títulos das matérias do que modificar as matérias em si, enquanto o *Diário da Manhã* se satisfaz com títulos prontos, adiciona elementos como olho e linha de apoio³ e altera mais os textos dos *releases*.

Quadro 7 – Classificação das notícias encaminhadas pela AI.

Assunto \ Categoria	Categoria						
	Institucionais	Gestão	Utilidade pública	Prestação de contas	Interesse privado	Mercadológicos	Dados públicos
Capela Petrópolis				X			
Conferência da Cultura			X				
Novo secretário da Semcas		X					
Plano Municipal da Cultura			X				
Nova presidência da APL			X				
Infraestrutura no interior			X				
Minha Escola de Cara Nova				X			
Novo semáforo			X				
Palestras sobre a dengue			X				
Prêmio do Sebrae		X					
Concurso do IPPASSO			X				

continua...

³ “Olho” é um recurso utilizado por jornais que destaca alguma fala de entrevistado, replicando ela em meio ao texto. “Linha de apoio” é uma frase disposta logo após o título que auxilia no entendimento do assunto e introduz o leitor ao texto.

continuação...

Assunto \ Categoria	Institucionais	Gestão	Utilidade pública	Prestação de contas	Interesse privado	Mercadológicos	Dados públicos
Av. Sete de Setembro fechada			X				
Lanchonete da Gare					X	X	
Meu bebê, meu tesouro	X						
Cais da São Cristóvão				X			

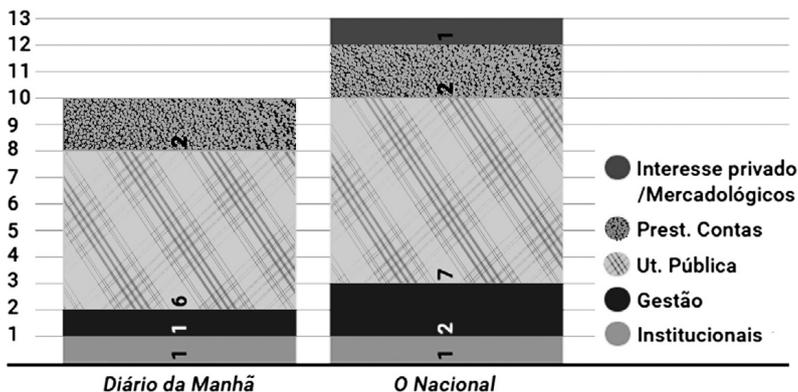


Figura 5 – Notícias da PMPF representadas por categoria em cada jornal.

Analisando a Figura 5, com base nos enquadramentos de Duarte (2009), nota-se uma disparidade quanto aos assuntos abordados pelos veículos. Notícias de utilidade pública, por exemplo, foram maioria em ambos, entretanto identificamos no *Diário da Manhã* uma notícia a menos de gestão e uma a menos de interesse privado/mercadológico, em relação ao *O Nacional*. Entendemos, a partir dessas métricas, que o DM mostrou-se mais preocupado

com a informação que chega à população, à medida que o ON deu mais atenção à prefeitura como um órgão atuante no município.

Em suma, o DM publicou menos conteúdo em mais espaços, editou mais os textos e teve como objetivo informar o leitor para o próprio benefício dele, sem privilegiar as áreas de publicação, já que foram poucas as páginas ímpares. Por sua vez, o ON publicou mais conteúdo em menos espaço, mas em páginas de maior visibilidade, além de que editou menos textos e optou por contar ao leitor quem é a gestão municipal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após analisar a forma com que os jornais impressos diários de Passo Fundo tratam o material enviado pela Assessoria de Imprensa da Prefeitura Municipal de Passo Fundo (PMPF), descobrimos que há alguns quesitos em que as maneiras de publicação compensam-se, equilibram-se, enquanto há outros que diferem bastante.

Bourdieu (1997) deixa claro que há uma censura invisível nos veículos de comunicação chamada de “campo econômico”, ou seja, o investimento que vem de fora do veículo é capaz de interferir no que é veiculado. E, de fato, com essa pesquisa, a partir de provas captadas no próprio portal da transparência da PMPF, podemos ressaltar a diferença em investimento em imprensa entre os dois jornais objetos de estudo (*O Nacional* e *Diário da Manhã*), mostrando que, no mesmo mês em que recortamos a amostragem dos materiais, o investimento no ON foi três vezes maior.

Desta forma, o *Diário da Manhã* publicou menos materiais do que o *O Nacional*. O conteúdo destes materiais teve um caráter informativo, quase que um apelo social, por contar à comunidade o que estava acontecendo à sua volta, e primou pela comunicação visual, notável pela taxa de publicações fotográficas junto das

matérias. *O Nacional* também registrou esse caráter informativo em suas publicações, afinal, acima de qualquer censura invisível que possa existir, essa é a função do jornal. Porém, houve publicações que deram destaque à Prefeitura e ao seu gestor.

Outro ponto importante é o fato de os textos terem sido pouco editados no *O Nacional*. Jornalisticamente falando, ambos editaram pouco. Na faculdade aprendemos que é obrigação da Assessoria colocar dados institucionais no texto e é obrigação da redação retirar esses dados. Entretanto, o índice de alteração nas publicações de ON foi muito baixo em relação à quantidade de material publicado, o que nos leva ao questionamento: seria isso uma consequência de fundo econômico ou apenas da rotina acelerada das redações que faz com que os jornalistas deem menos atenção à edição do texto? Não sabemos.

A Assessoria de Imprensa (AI), por sua vez, desempenhou bem seu papel, embora tenha se deixado notar demais nos textos, contrariando o conselho de Duarte (2009), que seria evitar ao máximo inserir a organização ou instituição de forma muito evidente no texto (título ou lide).

Por último, mas não menos importante, gostaríamos de ressaltar a surpresa que foi a análise, já que encontramos dados que não imaginávamos encontrar, como, por exemplo, o próprio número de *releases* publicados. Esperávamos um índice menor por parte do DM e quanto à área ocupada pelas matérias, idem. A ideia de desenvolver esta pesquisa, dando o enfoque que ela teve, surgiu de um período de estágio em que convivíamos diariamente com a rotina da redação, observando o relacionamento entre os jornais e a AI da Prefeitura. Assim, a pesquisa serviu para eliminarmos visões distorcidas e arraigadas que tínhamos quanto ao desempenho dos veículos em questão e abriu portas para análises futuras quanto ao mesmo tema, talvez com um recorte maior na amostragem e com objetivos mais profundos do que o desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

BERTOL, Sônia; FROSI, Fabíola. O surgimento da mídia impressa no município de Passo Fundo: os primeiros 50 anos. In: BATISTELLA, Alessandro (Org.). *Passo Fundo, sua história*. Passo Fundo: Méritos, 2007.

BOENTE, Alfredo; BRAGA, Gláucia. *Metodologia científica contemporânea*. Rio de Janeiro: Brasport, 2004.

BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BRANDÃO, Elizabeth; BUENO, Wilson da Costa; MARTINS, L; Matos, Heloísa; MONTEIRO, M. da Graça; NOVELLI, Ana Lucia. Conceito de comunicação pública. In: DUARTE. (Org.). *Comunicação pública: estado, mercado, sociedade e interesse público*. São Paulo: Atlas, 2007.

CARVALHO, Kassiê de; GRITTI, Roger; OLIVEIRA; Paula Fernanda de; POSSA, Julia Maziero. *A Assessoria de Imprensa da Prefeitura de Passo Fundo*. 2015. Trabalho acadêmico (Disciplina de Comunicação Empresarial) - Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2015.

CARVALHO, Paulo. *House organs: da teoria à prática*. Disponível em: <http://tupi.fisica.ufmg.br/michel/docs/Artigos_e_textos/Comunicacao_nas_organizacoes/006%20-%20Caracter%EDsticas%20do%20house%20organ.pdf>. Acesso em: 04 set. 2016.

DUARTE, Jorge. *Assessoria de imprensa e relacionamento com a mídia: teoria e técnica*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

FÁVERO, Altair Alberto; GABOARDI, Ediovani Antônio. (Org.). *Apresentação de trabalhos científicos: normas e orientações práticas*. 4. ed. Passo Fundo: Editora Universidade de Passo Fundo, 2008.

FENAJ – Federação Nacional dos Jornalistas. *Manual de assessoria de comunicação*. 4. ed. Brasília: FENAJ, 2007.

GALIEGO, Andreza. *Assessoria de imprensa ou de comunicação?* Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/feitos-desfeitos/_ed756_assessoria_de_imprensa_ou_de_comunicacao/>. Acesso em: 30 ago. 2016.

GEHRARDT, Tatiana; SILVEIRA, Denise. *Métodos de pesquisa*. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 18 out. 2016

GRUPO DIÁRIO DA MANHÃ. Disponível em <<http://diariodamanha.com>>. Acesso em: 18 set. 2016.

KOPPLIN, Elisa; FERRARETTO, Luiz Artur. *Assessoria de imprensa – Teoria e prática*. 5. ed. São Paulo: Summus, 1996.

MAFEI, Maristela. *Assessoria de imprensa: como se relacionar com a mídia*. São Paulo: Contexto, 2008.

MAINIERI, Tiago; RIBEIRO, Eva M. A. O. A comunicação pública como processo para o exercício da cidadania: o papel das mídias sociais na sociedade democrática. *Organicom*, São Paulo, n. 14, p. 49-61, jan./jun. 2011.

MANUAL DE COMUNICAÇÃO DA SECOM. *Glossário*. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/glossario/valor-noticia>>. Acesso em: 23 ago. 2016.

MATOS, Heloiza *Comunicação pública, esfera pública e capital social*. In: DUARTE, Jorge (Org.). *Comunicação pública: estado, mercado, sociedade e interesse público*. São Paulo: Atlas, 2007.

_____. Desafios da comunicação pública no processo de democratização no Brasil. *Revista Comunicações e Artes*, v. 17, n. 30, p. 22-30, 1997.

MAUAD, Sêmia. *Os segredos de um bom assessor de imprensa*. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-muad-os-segredos.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2016.

MESQUITA, Marcelo. Disponível em: <https://fbacademico.files.wordpress.com/2010/08/apostila-_jornal1c2ba-sem_2010.pdf>. Acesso em: 10 set. 2016.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PASSO FUNDO. Disponível em: <<http://pmpf.rs.gov.br>>. Acesso em: 7 ago. 2016.

RAMOS, Paulo; RAMOS, Magda Maria; BUSNELLO, Saul José. *Manual prático de metodologia da pesquisa*: artigo, resenha, monografia, dissertação e tese. Blumenau: Acadêmica; 2003.

SANTOS, Julio Cesar. *Relações públicas*: conceitos, definições e atividades. Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/artigos/marketing/relacoes-publicas-conceitos-definicoes-e-atividades/57899/>>. Acesso em: 7 ago. 2016.

SILVA, Rafael Souza. *Diagramação*: o planejamento visual gráfico na comunicação impressa. 6. ed. São Paulo: Summus, 1985.

SILVESTRO, Caroline. *Assessoria de imprensa nos jornais impressos de Passo Fundo*. 2014.

WEY, Hebe. *O processo de relações públicas*. São Paulo: Summus, 1986.

CAPÍTULO

II

APROVEITAMENTO DOS *RELEASES* DA ASSESSORIA DE IMPRENSA DA ASSOCIAÇÃO MARAUENSE DE FUTSAL EM PORTAIS DE MARAU

Francieli de Assis¹

Sônia Bertol

INTRODUÇÃO

A Assessoria de Imprensa (AI) é uma das áreas do jornalismo que mais cresceu nas últimas décadas. Em Marau, cidade localizada na região norte do Rio Grande do Sul, a área da AI começou a ganhar visibilidade a partir da criação da Assessoria de Imprensa da Associação Marauense de Futsal (AMF). Seus *releases* podem ser vistos com frequência nos veículos de comunicação da cidade, principalmente nos portais de notícias *online*. Com base nisso, o presente estudo descritivo analítico quantitativo e, também, qualitativo tem por objetivo geral analisar o aproveitamento desses *releases* pelos portais de notícia *online*: Vang FM e Tua Rádio Alvorada, ambas de Marau. O trabalho tem como base um estudo de campo via análise de uma amostragem intencional de *releases* publicados, pesquisa bibliográfica e estudo de conceitos que envolvem o assunto.

¹ Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo pela FAC/UPF - Universidade de Passo Fundo.

SOBRE A ENTIDADE E VEÍCULOS ANALISADOS

A Associação Marauense de Futsal (AMF)

A Associação Marauense de Futsal (AMF) é uma entidade esportiva de direito privado, sem fins lucrativos, com sede no município de Marau/RS e com o principal objetivo de incrementar a prática de esportes, em especial o futsal. Conforme documentos fornecidos por *e-mail* pela jornalista Alessandra Formagini, da Assessoria de Comunicação, a AMF foi fundada em 2008, época em que se findou a antiga equipe da Perdigão/Metasa, que representou Marau em campeonatos profissionais de futsal durante anos. Para dar sequência à prática do esporte no município, a AMF passou a participar de competições amadoras municipais e regionais.

Em 2016 Marau voltou ao cenário do futsal gaúcho profissional masculino com o anúncio da AMF na disputa do Campeonato Estadual de Futsal Série Bronze. Na temporada, a equipe chegou até a segunda fase da competição. Além disso, foi constituído o projeto social da Escolinha AMF, que promove de forma gratuita aulas de futsal para crianças e adolescentes do município. Atualmente são cerca de 200 atletas, na categoria masculina e feminina, atendidas na ação que acontece em turno inverso ao escolar. Já em 2017 a AMF está novamente disputando, na categoria masculina, o Campeonato Estadual de Futsal Série Bronze. Também neste ano, pela primeira vez no município, a entidade formou uma equipe feminina, que em 2017 disputou o Campeonato Estadual de Futsal Feminino Adulto.

A Rádio Vang FM

A Rádio Marau FM Ltda – Vanguarda FM foi fundada em de 28 de fevereiro de 1990. Com concessão de canal através da frequência 93.7, a emissora trabalha com potência de 10KW e abrangência em mais de cem municípios gaúchos. Tem sede na Rua

Reinoldo Matte, 423, no centro da cidade. Conforme documento de *email* enviado pela Direção da Vang FM (nome este adotado a partir de 2000), a rádio tem uma programação totalmente local, reunindo em sua grade de programação diversos programas segmentados. Através de um jornalismo de penetração regional, informa a sua audiência com programas variados durante a parte da manhã e tarde.

Conforme informações disponíveis no *site* da emissora (www.vangfm.com.br), entendendo que o ouvinte é a pessoa mais especializada em comunicação, desde o surgimento do canal de rádio a Vang FM procurou fazer pesquisa junto às escolas e entidades para traçar o perfil da programação. Sempre pensando em idealizar uma rádio plural (abrindo espaço para todos os pensamentos), foi implantado um projeto de jornalismo, esporte e participação efetiva do ouvinte. Sair dos estúdios foi um marco importante à emissora. A interatividade com o ouvinte foi sempre o forte da sua programação. O estilo segmentado (programas variados) é para atingir a todos os gostos. A Rádio Vang FM sempre priorizou suas raízes.

A emissora mantém uma linguagem regional e teve conquistas importantes, como, por exemplo, ter sido pioneira em transmitir futebol em FM, ter tido presença marcante em coberturas de eventos nacionais e internacionais, tendo sido também a primeira do interior do Rio Grande do Sul a fazer coberturas internacionais nas Copas do Mundo de Futebol da Itália (1990), Estados Unidos (1994), França (1998), Coreia/Japão (2002), Alemanha (2006), África do Sul (2010) e Brasil (2014), além de haver participado de feiras internacionais, como as de Lisboa, Sevilha e Hannover. Tudo foi realizado com repórteres, estrutura própria e com patrocinadores da própria cidade.

O Portal Online Vang FM

A partir do ano de 2004, a Vang FM sentiu a necessidade de investir na *web*. Como o grupo já possuía um jornal semanal, a plataforma digital incluiria, além do áudio da programação da emissora de forma *online*, um complemento do processo de geração de conteúdos jornalísticos. Em agosto de 2004 foi lançado o www.vangfm.com.br, hoje com números que ultrapassam a marca de 500 mil acessos por mês. Em recente levantamento realizado pela Associação Comercial, Industrial, Serviços e Agropecuária de Marau (ACIM), em parceria com a Faculdade da Associação Brasileira de Educação (FABE), a página da Vang foi apontada como *site* de informação mais lembrado na pesquisa Top Of Mind de 2016. Devido ao crescimento e aumento de demanda comercial, a Vang FM já viabiliza a construção de seu novo portal de informação que atuará de forma regional e com previsão de lançamento para fevereiro de 2017.

A Tua Rádio Alvorada

De acordo com o *site* da emissora², a então denominada Rádio Alvorada (passou a ser chamada Tua Rádio Alvorada em 2017) integra a então chamada RedeSul de Rádio (Denominada Rede Tua Rádio a partir de 2017), composta pelas seguintes emissoras: Rádio São Francisco de Caxias do Sul, Rádio Aurora de Guaporé, Rádio Cacique de Lagoa Vermelha, Rádio Cristal de Soledade, Rádio Cultura de Campos Novos-SC, Rádio Fátima de Vacaria, Rádio Garibaldi de Garibaldi, Rádio Maristela de Torres, Rádio Rosário de Serafina Corrêa, Rádio Sarandi de Sarandi, e Rádio Veranense de Veranópolis.

A Rádio surgiu em 1958, após uma conversa informal no Convento São Boaventura. No dia 13 de maio de 1959 foi auto-

² Disponível em: <www.tuaradio.com.br/tua-radio-alvorada>.

rizada, através da portaria 147, a instalação da Rádio Alvorada de Marau com 100 watts de potência. Pouco tempo depois, em 09 de julho de 1959, foi adquirido um imóvel com 6,150 metros quadrados, onde seriam instalados a torre e transmissores da emissora. No dia 19 de outubro de 1959 foram feitas as primeiras experiências, veiculando sua primeira mensagem musical, denominada “O silêncio”. Desse modo, a data ficou sendo o marco histórico da chegada do rádio em Marau.

Efetivamente, as atividades da Rádio Alvorada se iniciaram no dia 1º de janeiro de 1960. Em 1961, a Rádio Alvorada teve seu nome autorizado pela portaria n. 356B de 28 de novembro de 1961. Até então, a emissora era considerada, perante o Dentel, como filial da Rádio Veranense, de Veranópolis.

A partir do ano de 2014, começa um movimento de migração de toda a rede do AM para FM. Desta forma, a rádio passa a ter gradativa mudança na grade de programação. No ano de 2016 são criados novos programas, adaptados ao novo comportamento das populações das cidades de cobertura. Uma campanha começou para fixar a nova proposta, e as emissoras de rádio passaram atualizar o nome para Tua Rádio nas cidades de cobertura, antecedendo a mudança de marca. No ano de 2017 iniciou a migração e com ela a adaptação de novos programas e chamadas para a nova marca Tua Rádio. Dessa forma, a Rádio Alvorada passou a ter o nome de Tua Rádio Alvorada e a operar na frequência 107.7 FM, um novo marco histórico para a emissora.

O Portal Online Tua Rádio Alvorada

De acordo com informações repassadas através de documento de *e-mail* enviado à pesquisadora, uma reunião realizada pelos capuchinhos no ano de 2002 em Garibaldi determinou que as emissoras de rádio da rede Sul pudessem investir em conteúdo *online*. E em agosto de 2003, as emissoras, incluindo a Alvorada,

passaram a contar com *sites* institucionais e disponibilidade de *streaming*. Foi lançada no ano de 2007 a Intranet, onde todas as redações de jornalismo das emissoras estavam interligadas e passaram a trabalhar com a convergência de conteúdo.

No ano de 2011, novamente os *sites* são renovados e adaptados às novas linguagens de comunicação, onde o vídeo passa a ser também um novo elemento para distribuição de conteúdo. A presença digital continua se adaptando aos novos tempos, e os *slogans* das emissoras passam a usar: “Vivemos de Novidades”.

METODOLOGIA

O universo do presente estudo abrange a análise de uma amostragem dos *releases* enviados pela Assessoria de Imprensa (AI) da Associação Marauense de Futsal (AMF) aos portais de notícias *online* da Vang FM e Rua Rádio Alvorada da cidade de Marau/RS, com o objetivo de verificar o seu aproveitamento em ambos os veículos.

Visando uma forma de análise desse aproveitamento, a metodologia utilizada na pesquisa será de estudo através de categorias construídas para este fim, utilizando o referencial teórico embasado em conhecimentos adquiridos de leituras de diversos autores para construção do presente trabalho. Dessa forma, a leitura do conteúdo passa a trazer um esforço de interpretação através do apresentado por especialistas da área.

Com base no objeto de estudo da presente pesquisa, sabendo que ambos os veículos recebem simultaneamente os *releases* da Assessoria de Imprensa da AMF, identificamos os materiais aproveitados em cada portal de notícia *online*, a partir de alterações no título, no *lead* ou no corpo do texto, se foram utilizados linha de apoio do subtítulo, se foram utilizadas fotos da AI, se foram dados os créditos ou ainda se o veículo apenas aproveitou o *release*

como sugestão de pauta, realizando material próprio. Além disso, analisamos a classificação do tipo de informação repassada pela assessoria.

A pesquisa foi realizada de maneira descritiva analítica. De acordo com Vergara (2000), pode-se entender por pesquisa descritiva aquela que revela as características de determinada população ou fenômeno, mas não tem a obrigação de esclarecer por meio de explicações os fenômenos que apresenta, mesmo que esta sirva de fundamento para tal explicação.

O estudo valeu-se de pesquisa quantitativa, qualitativa e fez uso de processos bibliográficos como conceitos. Buscou-se saber não somente a quantidade de *releases* publicados pelos veículos, mas também a forma de publicação, uma vez que a análise quantitativa é mais objetiva, exata e controlada, enquanto a análise qualitativa é utilizada a partir da inferência da presença das categorias apresentadas.

Paulo Ramos, Magda Ramos e Saul Busnello (2005) definem o conceito de pesquisa quantitativa dizendo que ela é possível quando se pode medir em números, classificar e, assim, analisar determinado dado, utilizando-se de técnicas estatísticas para obter os resultados. Já quanto à pesquisa qualitativa, Tatiana Gerhardt e Denise Silveira (2009) apontam que esta é possível quando ocorre o aprofundamento na compreensão do assunto com que se trabalha.

ANÁLISE DA AMOSTRAGEM DOS *RELEASES*

Neste tópico apresentamos a descrição e a análise (qualitativa e quantitativa) dos *releases* enviados pela Assessoria de Imprensa da Associação Marauense de Futsal (AMF) aos portais de notícia *online* da Rádio Vang FM e da Tua Rádio Alvorada. A coleta dos *releases* obedeceu ao critério de seleção de amostragem intencional,

sendo escolhido o mês de maio de 2017, quando o time da AMF disputava o Campeonato da Série Bronze do Futsal Gaúcho.

Identificação dos materiais enviados pela assessoria

Em maio de 2017, os portais de notícia citados receberam 19 *e-mails* com *releases*, sobre os times masculino e feminino da AMF, e das categorias de base do Clube.

Quadro 1 – Cronograma de envio dos *releases* aos portais de notícia *online*.

Portal \ Data	2/5	5/5	6/5	8/5	10/5	11/5	13/5	15/5	18/5	21/5	23/5	24/5	26/5	27/5
Time Masculino	X	X	X			X	X		X	X	X		X	X
Time Feminino				X	X		X					X		X
Categorias de Base							X	X			X	X		

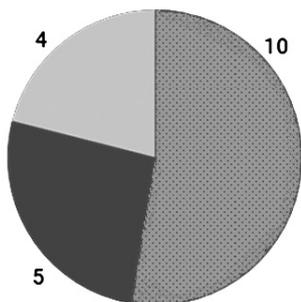


Gráfico 1 – *Releases* enviados aos portais de notícia.

Dos 19 *releases* enviados, 10 foram sobre o time masculino, que é o carro chefe do clube; 5 faziam referência ao time feminino e 4 *releases* falavam das categorias de base.

Com a representação gráfica, ao lado, compreende-se que 52,6% dos *releases* eram sobre o time masculino, 26,3% sobre o time feminino e 21% sobre as categorias de base.

Identificação da data e do aproveitamento dos releases

O quadro a seguir evidencia que o portal de notícias *online* da Vang FM aproveitou 18 *releases*, e o da Tua Rádio Alvorada, 16 *releases*.

Quadro 2 – Datas de recebimento e publicação dos materiais.

Release/Assunto	Data envio	Vang FM	Tua Rádio Alvorada	Publicado na Vang FM	Publicando na Tua Rádio Alvorada
1 - Torcida já pode garantir seu lugar para o jogo da AMF	02/05	X	-	03/05	-
2 - Em reencontro com a torcida, AMF enfrenta o Atlético Candelariense	05/05	X	X	05/05	06/05
3 - Perto da torcida e líder, AMF goleia o Atlético Candelariense	06/05	X	X	07/05	07/05
4 - AMF irá apresentar equipe feminina a comunidade	08/05	X	-	08/05	-
5 - AMF apresenta equipe feminina que disputará Campeonato Estadual Adulto	10/05	X	X	11/05	13/05
6 - Na véspera do Dia das Mães, times dos filhos de Dona Terezinha se enfrentam	11/05	X	X X	12/05	11/05 e 12/05
7 - Em Vila Maria, AMF faz 4 a 1 no XV de Novembro	13/05	X	X	14/05	14/05
8 - Equipe feminina da AMF sai na frente, mas perde para o Cometa	13/05	X	X	14/05	14/05
9 - Mãe: incentivadora de sonhos	13/05	-	-	-	-
10 - Atletas da Escolinha da AMF participam de avaliação no Grêmio	15/05	X	X	15/05	15/05
11 - Com novidades no plantel, AMF se prepara para ir a Caxias do Sul	18/05	X	X	19/05	19/05
12 - Com jogo de 10 gols, AMF vence em Caxias do Sul	21/05	X	X	21/05	21/05

continua...

continuação...

Release/Assunto	Data envio	Vang FM	Tua Rádio Alvorada	Publicado na Vang FM	Publicando na Tua Rádio Alvorada
13 - AMF espera o apoio da torcida para manter o 100% em casa	23/05	X	X	24/05	24/05
14 - Atleta da Escolinha da AMF avança para nova avaliação no Grêmio	23/05	X	X	23/05	23/05
15 - Equipe feminina da AMF vai à Itaquí em busca da primeira vitória	24/05	X	X	26/05	27/05
16 - Escolinha AMF promove a I Copa Marau de Futsal Sub-9 e Sub-11	24/05	X	-	25/05	-
17 - Em casa e líder, AMF enfrenta o Nadas Branco	26/05	X	X	26/05	27/05
18 - AMF empata em casa com o Nadas Branco	27/05	X	X	28/05	28/05
19 - Fora de casa, equipe feminina da AMF é goleada	27/05	X	X	28/05	28/05

Obs.: Publicados apenas pela Vang FM = 18; publicados apenas pela Tua Rádio Alvorada = 16.

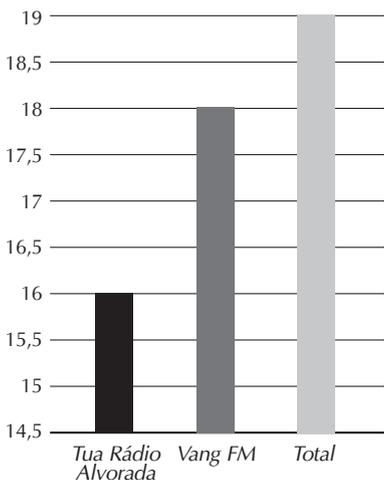


Gráfico 2: Aproveitamento dos releases.

Do gráfico ao lado, é possível estimar que o portal de notícias *online* da Rádio Vang FM aproveitou 97,7% dos materiais recebidos, enquanto a Tua Rádio Alvorada teve aproveitamento de 84,2%. Conforme o autor Jorge Duarte (2009), esse número elevado de aproveitamento demonstra a qualidade do material enviado pela Assessoria de Imprensa, bem como a confiança que os editores têm na Assessoria, ou

seja, a credibilidade. Além disso, também é considerado que o material não aproveitado na ocasião possa ter sido publicado em período fora da amostragem. Outro ponto importante a ser destacado é que ambas as rádios vinculadas aos portais de notícias transmitem os jogos da AMF ao vivo no Campeonato da Série Bronze de Futsal. Portanto, conclui-se que seja de interesse dos veículos acompanhar o Clube também no meio *online* do veículo.

Classificação das informações enviadas pela assessoria

O fato de a maioria dos *releases* enviados pela Assessoria de Imprensa da AMF ter sido aproveitada pelos portais remete-nos a pensar que, além da credibilidade da assessoria, os *releases* enviados possuem uma informação de relevância para os veículos.

Quadro 3 – Classificação das informações enviadas pela AI aos portais.

Release/Assunto	Time masculino	Time feminino	Categorias de base
1 - Torcida já pode garantir seu lugar para o jogo da AMF	Venda de ingresso	-	-
2 - Em reencontro com a torcida, AMF enfrenta o Atlético Candela-riense	Pré-jogo	-	-
3 - Perto da torcida e líder, AMF goleia o Atlético Candela-riense	Pós-jogo	-	-
4- AMF irá apresentar equipe feminina a comunidade	-	Pré-evento de apresentação	-
5 - AMF apresenta equipe feminina que disputará Campeonato Estadual Adulto	-	Pós evento de apresentação / Pré-Jogo	-
6 - Na véspera do Dia das Mães, times dos filhos de Dona Terezinha se enfrentam	Pré-Jogo especial	-	-
7 - Em Vila Maria, AMF faz 4 a 1 no XV de Novembro	Pós-jogo	-	-

continua...

continuação...

Release/Assunto	Time masculino	Time feminino	Categorias de base
8 - Equipe feminina da AMF sai na frente, mas perde para o Cometa	-	Pós-jogo	-
9 - Mãe: incentivadora de sonhos	-	-	Especial Dia das Mães
10 - Atletas da Escolinha da AMF participam de avaliação no Grêmio	-	-	Avaliação de atletas em grande time
11 - Com novidades no plantel, AMF se prepara para ir a Caxias do Sul	Pré-jogo	-	-
12 - Com jogo de 10 gols, AMF vence em Caxias do Sul	Pós-jogo	-	-
13 - AMF espera o apoio da torcida para manter o 100% em casa	Venda de ingressos	-	-
14 - Atleta da Escolinha da AMF avança para nova avaliação no Grêmio	-	-	Atleta avança na avaliação em grande time
15 - Equipe feminina da AMF vai à Itaqui em busca da primeira vitória	-	Pré-jogo	-
16 - Escolinha AMF promove a I Copa Marau de Futsal Sub-9 e Sub-11	-	-	Evento da escolinha
17 - Em casa e líder, AMF enfrenta o Nadas Branco	Pré-jogo	-	-
18 - AMF empata em casa com o Nadas Branco	Pós-jogo	-	-
19 - Fora de casa, equipe feminina da AMF é goleada	-	Pós-jogo	-

A partir do Quadro 3, no caso do time masculino, verificamos que todos os *releases* são de venda de ingressos, pré ou pós-jogos, ou seja, são essenciais para os veículos que acompanham o time na disputa da Série Bronze de Futsal. Sobre o time feminino, além dos pré e pós-jogos, observa-se os *releases* de apresentação do time à comunidade, sendo outro valor notícia de relevância

para os veículos. Já em relação às categorias de base, os *releases* são um pouco diferentes. Vemos *releases* de acompanhamento de atletas em avaliações de um “grande time”, um evento que será promovido pelo Clube para categorias de base e, ainda, uma matéria especial de Dia das Mães. Dessa forma, todos os *releases* possuem valor notícia e perfil para serem publicados em ambos os portais analisados, o que explica, juntamente com a credibilidade, o alto número de aproveitamento pelos mesmos.

*Forma de aproveitamento dos releases
no portal da Rádio Vang FM*

Em um comparativo com o portal de notícias *online* da Tua Rádio Alvorada, o portal da Rádio Vang FM publicou mais *releases* da Assessoria de Imprensa da Associação Marauense de Futsal (AMF) no período analisado.

Quadro 4 – Forma de aproveitamento dos *releases* no portal da Rádio Vang FM.

Release/Assunto	Título	Lead	Corpo do texto	Linha de apoio / subtítulo	Fotos	Créditos da matéria	Veículo utilizou texto próprio / Sugestão de pauta
1 - Torcida já pode garantir seu lugar para o jogo da AMF	Igual	Igual	Igual	Portal criou	Assessoria sem créditos	Próprio veículo	Não
2 - Em reencontro com a torcida, AMF enfrenta o Atlético Candelariense	Igual	Acrescentou uma frase	Igual	Portal criou	Assessoria sem crédito	Para assessoria	Não
3 - Perto da torcida e líder, AMF goleia o Atlético Candelariense	Diferente	Igual	Igual	Portal criou	Assessoria sem crédito	Para assessoria	Não

continua...

continuação...

Release/Assunto	Título	Lead	Corpo do texto	Linha de apoio / subtítulo	Fotos	Créditos da matéria	Veículo utilizou texto próprio / Sugestão de pauta
4 - AMF irá apresentar equipe feminina a comunidade	Igual	Igual	Igual	Portal criou	Assessoria sem crédito	Para assessoria	Não
5 - AMF apresenta equipe feminina que disputará Campeonato Estadual Adulto	Igual	Igual	Igual	Portal criou	Assessoria sem crédito	Para assessoria	Não
6 - Na véspera do Dia das Mães, times dos filhos de Dona Terezinha se enfrentam	Igual	Igual	Igual	Portal criou	Assessoria sem crédito	Próprio veículo	Não
7 - Em Vila Maria, AMF faz 4 a 1 no XV de Novembro	Igual	Igual	Não utilizou ficha técnica	Portal criou	Assessoria sem crédito	Para assessoria	Não
8 - Equipe feminina da AMF sai na frente, mas perde para o Cometa	Igual	Igual	Igual	Portal criou	Assessoria sem crédito	Para assessoria	Não
9 - Mãe: incentivadora de sonhos	-	-	-	-	-	-	-
10 - Atletas da Escolinha da AMF participam de avaliação no Grêmio	Igual	Igual	Igual	Portal criou	Assessoria sem crédito	Para assessoria	Não
11 - Com novidades no plantel, AMF se prepara para ir a Caxias do Sul	Igual	Igual	Igual	Portal criou	Assessoria sem crédito	Próprio veículo	Não
12 - Com jogo de 10 gols, AMF vence em Caxias do Sul	Igual	Igual	Não utilizou ficha técnica	Portal criou	Assessoria sem crédito	Para assessoria	Não
13 - AMF espera o apoio da torcida para manter o 100% em casa	Igual	Igual	Igual	Portal criou	Assessoria sem crédito	Para assessoria	Não

continua...

continuação...

Release/Assunto	Título	Lead	Corpo do texto	Linha de apoio / subtítulo	Fotos	Créditos da matéria	Veículo utilizou texto próprio / Sugestão de pauta
14 - Atleta da Escolinha da AMF avança para nova avaliação no Grêmio	Igual	Igual	Igual	Portal criou	Assessoria sem crédito	Para assessoria	Não
15 - Equipe feminina da AMF vai à Itaquí em busca da primeira vitória	Igual	Igual	Igual	Portal criou	Assessoria sem crédito	Próprio veículo	Não
16 - Escolinha AMF promove a I Copa Marau de Futsal Sub-9 e Sub-11	Igual	Igual	Acrescentou um parágrafo de <i>release</i> antigo	Portal criou	Assessoria sem crédito	Para assessoria	Não
17 - Em casa e líder, AMF enfrenta o Nadas Branco	Igual	Igual	Igual	Portal criou	Assessoria sem crédito	Para assessoria	Não
18 - AMF empata em casa com o Nadas Branco	Igual	Igual	Não utilizou ficha técnica	Portal criou	Assessoria sem crédito	Para assessoria	Não
19 - Fora de casa, equipe feminina da AMF é goleada	Igual	Igual	Igual	Portal criou	Assessoria sem crédito	Para assessoria	Não

Obs.: Títulos e *leads*: 17 iguais e 1 diferente; corpo do texto: 14 iguais e 4 diferentes; linha de apoio ou subtítulo: veículo criou 100%; fotos: 100% da assessoria sem créditos; créditos da matéria: 14 para a assessoria e 4 para o próprio veículo; veículo utilizou texto próprio/sugestão de pauta: em nenhum caso.

A partir do Quadro 4, podemos observar que, dos 18 publicados pela Vang FM, 17 foram iguais e apenas um sofreu alteração. O veículo não se preocupou em alterar o material recebido pela Assessoria. Nos *leads* verifica-se a mesma proporção, sendo 17 iguais e apenas um alterado. Já no corpo do texto, do

total de *releases* aproveitados, 14 mantiveram o texto original e 4 deles sofreram algum tipo de alteração. Apesar de os textos serem mantidos praticamente na íntegra, o veículo se preocupa em ler antes de postar e fazer alterações quando necessário.

Já sobre as linhas de apoio ou subtítulos, a assessoria da rádio não encaminhava o item pronto, ou seja, criou a linha de apoio ou subtítulo em todos os *releases* publicados. Sobre as fotos, a rádio não as creditou em seu portal de notícias. Quanto aos créditos da matéria, não notamos um padrão na sua exibição. Do total de *releases* publicados, 14 apresentaram créditos para a assessoria de imprensa e 4 tiveram os créditos dirigidos ao próprio veículo.

Dessa forma, em nenhum *release* recebido e aproveitado a Rádio Vang FM produziu o texto próprio, aproveitando somente a sugestão de pauta. Como citamos acima, o alto índice de aproveitamento dos *releases* nos remete à credibilidade que a assessoria possui. No entanto, conforme Lima (1985), o aproveitamento do *release* como notícia pronta é cada vez mais frequente por parte dos veículos. Assim, os empresários economizam mão-de-obra e não precisam investir em mais jornalistas. Por outro lado, observa-se cada vez mais um número crescente na abertura de vagas de trabalho em assessorias de imprensa, o que se acredita ser positivo principalmente quando a premissa é a de que o assessor de imprensa faz jornalismo na fonte, observando tanto as rotinas produtivas quanto as condutas deontológicas requeridas pela profissão de jornalista.

Apesar de o aproveitamento do *release* como notícia pronta ser negativo para o jornalismo em geral (pois é um texto sem apuração, não que seja inverídico), é bom para o assessor de imprensa, que alcança o objetivo de divulgar seu assessorado, com sua interpretação integral.

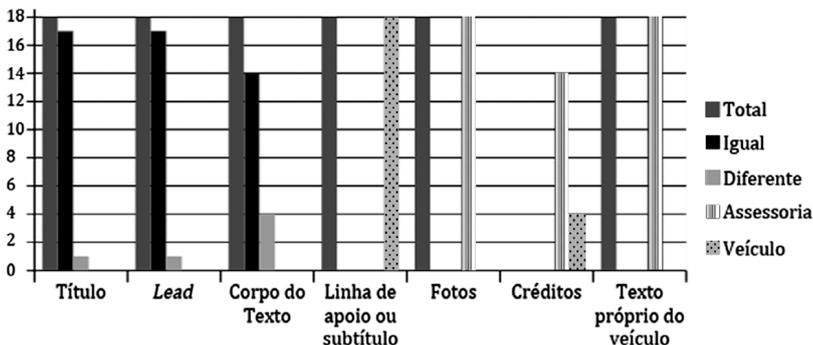


Gráfico 3 – Forma de aproveitamento dos releases na Vang FM.

Ao analisar o gráfico, percebe-se que no item Título o portal *online* da Rádio Vang FM manteve 94,4% do material igual ao recebido da assessoria, alterado apenas 5,5%. No item *Lead* percebe-se que os dados se mantêm idênticos aos títulos, com a mesma forma de aproveitamento. Já no item corpo do texto o veículo fez alteração em 22,2% do material e manteve 77,7% igual ao recebido. Também se observa que o veículo criou 100% das linhas de apoio ou subtítulo, bem como utilizou 100% das fotos enviadas pela assessoria sem os créditos para a mesma. Nos créditos da matéria observa-se que em 77,7% dos releases foram dados os créditos para a assessoria e em apenas 22,2% os créditos ficaram para o próprio veículo. Por fim, pode-se concluir que em 100% dos casos o veículo utilizou texto da assessoria, adaptando alguns releases, mas em nenhum acatando apenas a sugestão de pauta e realizando texto próprio.

Forma de aproveitamento dos releases no portal da Tua Rádio Alvorada

Em um comparativo com o portal de notícias *online* da Rádio Vang FM, o portal da Tua Rádio Alvorada publicou menos releases da Assessoria de Imprensa da Associação Marauense de Futsal (AMF) no período analisado.

Quadro 5 – Forma de aproveitamento dos *releases* no portal da Tua Rádio Alvorada.

Release/Assunto	Título	Lead	Corpo do texto	Linha de apoio /subtítulo	Fotos	Créditos da matéria	Veículo utilizou texto próprio / Sugestão de pauta
1 - Torcida já pode garantir seu lugar para o jogo da AMF	-	-	-	-	-	-	-
2 - Em reencontro com a torcida, AMF enfrenta o Atlético Candelariense	Diferente	Diferente	Cortaram um parágrafo	Portal criou	Assessoria sem créditos	Para assessoria	Não
3 - Perto da torcida e líder, AMF goleia o Atlético Candelariense	Diferente	Diferente	Alteração em um parágrafo	Portal criou	Assessoria sem crédito	Para assessoria	Não
4 - AMF irá apresentar equipe feminina a comunidade	-	-	-	-	-	-	-
5 - AMF apresenta equipe feminina que disputará Campeonato Estadual Adulto	Diferente	Diferente	Diferente	Portal criou	Próprio veículo	Próprio veículo	Sim
6 - Na véspera do Dia das Mães, times dos filhos de Dona Terezinha se enfrentam	Igual	Igual	Acrescentaram mês na data	Portal criou	Assessoria sem créditos	Para assessoria	Não
6 - Na véspera do Dia das Mães, times dos filhos de Dona Terezinha se enfrentam	Diferente	Igual	Acrescentaram mês na data e juntaram dois parágrafos cortando palavras	Portal criou	Assessoria sem crédito	Próprio veículo	Não
7 - Em Vila Maria, AMF faz 4 a 1 no XV de Novembro	Diferente	Acrescentaram mês na data	Acrescentaram uma frase	Portal criou	Assessoria sem créditos	Próprio veículo	Não

continua...

continuação...

Release/Assunto	Título	Lead	Corpo do texto	Linha de apoio / subtítulo	Fotos	Créditos da matéria	Veículo utilizou texto próprio / Sugestão de pauta
8 - Equipe feminina da AMF sai na frente, mas perde para o Cometa	Igual	Acrescentou mês na data	Igual	Portal criou	Assessoria sem créditos	Para assessoria	Não
9 - Mãe: incentivadora de sonhos	-	-	-	-	-	-	-
10 - Atletas da Escolinha da AMF participam de avaliação no Grêmio	Igual	Acrescentou mês na data	Igual	Portal criou	Assessoria sem créditos	Para assessoria	Não
11 - Com novidades no plantel, AMF se prepara para ir a Caxias do Sul	Diferente	Diferente	Alterações de palavras em todos os parágrafos	Portal criou	Assessoria sem créditos	Texto adaptado da assessoria	Não
12 - Com jogo de 10 gols, AMF vence em Caxias do Sul	Igual	Igual	Não utilizou ficha técnica	Portal criou	Assessoria sem créditos	Para assessoria	Não
13 - AMF espera o apoio da torcida para manter o 100% em casa	Igual	Acrescentou uma frase e data	Alteração de uma palavra	Portal criou	Assessoria sem créditos	Para assessoria	Não
14 - Atleta da Escolinha da AMF avança para nova avaliação no Grêmio	Igual	Acrescentou mês na data	Igual	Portal criou	Assessoria sem créditos	Para assessoria	Não
15 - Equipe feminina da AMF vai à Itaqui em busca da primeira vitória	Igual	Acrescentou frase e data	Acrescentou uma frase	Portal criou	Assessoria com créditos	Para assessoria	Não
16 - Escolinha AMF promove a I Copa Marau de Futsal Sub-9 e Sub-11	-	-	-	-	-	-	-

continua...

continuação...

Release/Assunto	Título	Lead	Corpo do texto	Linha de apoio / subtítulo	Fotos	Créditos da matéria	Veículo utilizou texto próprio / Sugestão de pauta
17 - Em casa e líder, AMF enfrenta o Nadas Branco	Diferente	Acrescentou uma frase e data	Cortaram uma frase	Portal criou	Assessoria sem créditos	Para assessoria	Não
18 - AMF empata em casa com o Nadas Branco	Igual	Igual	Não utilizou ficha técnica	Portal criou	Assessoria com créditos	Para assessoria	Não
19 - Fora de casa, equipe feminina da AMF é goleada	Igual	Igual	Igual	Portal criou	Assessoria com créditos	Próprio veículo	Não

Obs.: Títulos: 9 iguais e 7 diferentes; *leads*: 5 iguais e 11 diferentes; corpo do texto: 4 iguais e 12 diferentes; linha de apoio ou subtítulo: portal criou 100%; fotos: 15 da assessoria, sendo 3 com créditos para a mesma e 12 para o próprio veículo e 1 foto tirada pelo próprio veículo; créditos da matéria: 12 para a assessoria e 4 para o próprio veículo; veículo utilizou texto próprio/sugestão de pauta: em apenas um caso.

A partir da Quadro 5, no item título, identificamos que, do total de *releases* publicados, a Tua Rádio Alvorada manteve o mesmo título em 9 deles, fazendo a alteração em outros 7, ou seja, não manteve um padrão de publicação, mas se preocupou em alterar boa parte dos títulos originais. Sobre o *lead*, apenas 5 permaneceram iguais e 11 sofreram algum tipo de modificação, mostrando que o veículo procurou alterar o texto original da assessoria. Isso se torna ainda mais visível quando falamos do item corpo do texto, onde apenas 4 textos mantiveram-se originais, enquanto 12 sofreram alterações, comprovando que o veículo lê e procura fazer mudanças no *release* antes da publicação.

Como citado anteriormente, a assessoria de imprensa da AMF não encaminhava os *releases* com linha de apoio ou subtítulo. O veículo criou todas as linhas de apoio ou subtítulos em suas matérias. Quanto às fotos, novamente se observa que o veículo não manteve um padrão, pois das 16 publicadas, 15 eram da assessoria, sendo que apenas 3 receberam créditos e outras 12 foram atribuídas ao próprio veículo. Além disso, uma foto foi tirada pelo próprio veículo. Sobre os créditos às matérias, observamos que para 12 delas foi reconhecida a autoria pela assessoria de imprensa, enquanto 4 matérias tiveram os créditos atribuídos ao próprio veículo.

Dessa forma, observa-se que o portal de notícias da Tua Rádio Alvorada realizou texto totalmente próprio, utilizando somente a sugestão de pauta do *release* em apenas um caso. No entanto, grande parte dos materiais apresentou algum tipo de alteração, mostrando que o veículo se preocupa, em alguns casos, em não publicar a matéria tal qual o *release* da assessoria.

Como as alterações foram pequenas na maioria dos casos, podemos afirmar que o veículo utiliza a técnica do “empacotamento” da notícia, a qual, segundo Ferrari (2003), consiste em fazer pequenas alterações no texto recebido pelas agências de notícias conveniadas ou pelas assessorias de imprensa, como mudança no título, acrescentar *links* para outras notícias relacionadas ao tema da matéria que será publicada, com alteração de alguns parágrafos acrescentando outras poucas informações, adicionando fotos e vídeos, mas mantendo basicamente o texto, tal como foi recebido.

A seguir, o Gráfico 4 mostra que no item Título o portal *online* da Tua Rádio Alvorada manteve 56,25% do material igual ao recebido da assessoria, alterando 43,75%. Sobre o item *lead*, 21,5% dos *releases* mantiveram o mesmo formato, enquanto 68,7% deles foram alterados.

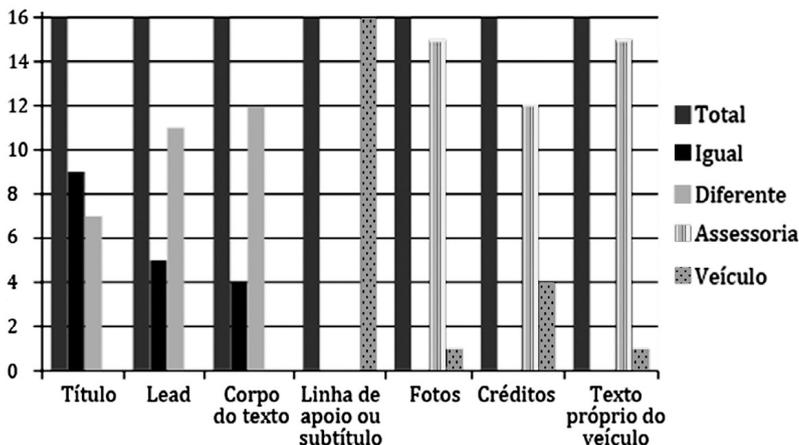


Gráfico 4: Forma de aproveitamento dos releases na Tua Rádio Alvorada.

O veículo fez alteração em 75% do corpo do texto e manteve 25% igual ao recebido pela assessoria de imprensa. Também se observa que o veículo criou 100% das linhas de apoio ou subtítulo. A rádio utilizou 93,7% das fotos recebidas, tendo atribuído a 18,7% delas o crédito original, enquanto a 81,2% dos casos o próprio veículo ficou com os créditos. Quando falamos em créditos da matéria, o veículo os deu à assessoria em 75% dos casos, sendo quem em 25% das matérias o próprio veículo definiu-se fonte original. Além disso, em 6,1% dos casos a Tua Rádio Alvorada utilizou apenas a sugestão de pauta, realizando texto próprio, sendo que em 93,7% dos casos foram utilizados os materiais da assessoria de imprensa da AMF.

Comparativo das publicações dos releases em ambos os portais

O portal de notícias *online* da Rádio Vang FM teve maior aproveitamento de releases da assessoria de imprensa da AMF em comparação com o portal de notícias *online* da Tua Rádio Alvorada, esta que se preocupou mais em fazer alterações nos

títulos, *leads* e corpo do texto e criar texto próprio, aproveitando apenas as sugestões de pauta. Quanto ao item linha de apoio ou subtítulo, ambos os veículos criaram 100% dos materiais, devido à assessoria de imprensa não fornecer o item pronto no *release*. No quesito fotos, a Tua Rádio Alvorada também se preocupou mais em fazer foto própria ou dar os créditos à assessoria. A Vang, por sua vez, utilizou 100% das fotos da assessoria sem os créditos para a mesma. Sobre os créditos da matéria, a Rádio Vang FM preocupou-se mais em dar créditos à assessoria, fazendo isso em 77,7% dos casos, enquanto a Tua Rádio Alvorada, em 75% dos materiais aproveitados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após descobrir o aproveitamento dos *releases* da Assessoria de Imprensa da Associação Marauense de Futsal (AMF) pelos portais de notícias *online* das emissoras de Rádio da Vang FM e da Tua Rádio Alvorada da cidade de Marau, conclui-se que alguns itens se equilibraram nas publicações, enquanto outros diferiram bastante. A Tua Rádio Alvorada publicou menos *releases* no período analisado, mas preocupou-se mais em fazer alterações nos materiais antes de publicar. Porém, observa-se que os textos sofreram poucas edições de maior relevância em ambos os portais, sendo que somente em um caso apenas a Tua Rádio Alvorada aproveitou um *release* como sugestão de pauta, fazendo material próprio. Ademais, os materiais foram utilizados praticamente como notícia pronta. Embora com pequenas alterações, a Tua Rádio Alvorada fez mais mudanças do que a Rádio Vang FM. Um ponto a ser destacado, que pode refletir nesse número no veículo, é o fato de a assessoria de imprensa da AMF, Alessandra Formagini, também trabalhar na redação da Rádio Vang FM.

É dever da Assessoria de Imprensa utilizar-se de dados institucionais no *release*, sendo obrigação do veículo que irá publicar checar os dados e aproveitar somente o necessário fazendo adequações. Inclusive, Lage (apud Duarte, 2009, p. 290), baseado em estatísticas americanas, cita que 60% das publicações feitas em veículos de comunicação são originadas de fontes institucionais. Como se não bastasse, também podemos concluir que o *release* enviado pela AI da AMF não é destinado somente ao meio *online*. Portanto, em muitos casos, texto de jornal impresso, por exemplo, é publicado nos portais praticamente sem edições.

Observando o índice de alterações da Rádio Vang FM, que foi muito baixo em relação à quantidade de material aproveitado, não se pode apenas pensar que isso reflete a credibilidade da assessoria, mas sim uma consequência da contenção econômica ou também da rotina corrida das redações que faz com que os jornalistas tenham pouco tempo para fazer edições. Importante: ao se utilizar o material praticamente na íntegra, não são checadas as informações, nem mesmo as institucionais. Financeiramente falando, a AMF não é uma patrocinadora dos veículos, sendo que investe um valor mínimo em mídia. Para realizar a cobertura dos jogos, os veículos de comunicação buscam seus próprios patrocinadores.

Por isso, não podemos afirmar com certeza qual é o motivo do alto número de aproveitamento dos materiais, nem mesmo da pouca edição dos *releases* por parte dos veículos. No entanto, os dados levam a pensar que o *release* não vem tendo mais a utilidade original. De sugestão de pauta, ele passou a ser utilizado como notícia pronta pelas redações. Apesar de isso ser bom para a Assessoria de Imprensa e seu assessorado, é ruim para o público consumidor da notícia, que fica refém de informações sem apuração, além de que o texto sai igual em diversos meios e veículos. Muitos *releases* foram publicados praticamente iguais em ambos os portais de Marau. Para o consumidor/leitor que acessa os dois

sites para obter informações, é no mínimo estranho perceber textos tão parecidos, pois para pessoas leigas, que nem mesmo sabem o que é um *release*, a impressão que fica é que os veículos estão copiando material um do outro.

Esta pesquisa surgiu do fato de a cidade de Marau ainda possuir poucas assessorias de imprensa, bem como de os times que disputam a Série Bronze do Futsal Gaúcho apresentarem raras assessorias profissionais com trabalho atuante de jornalistas. Assim, a pesquisa surge para mostrar que o material tem grande aproveitamento na imprensa, sendo viável manter a assessoria de imprensa ativa. Porém, não podemos ignorar a preocupação que o estudo traz, ao mostrar que o *release* publicado como notícia pronta é cada vez mais frequente, principalmente em veículos do interior do Estado.

Conforme Duarte (2009), o *release* é um material informativo distribuído aos jornalistas para servir de pauta, orientação ou para ser veiculado completa ou parcialmente, de maneira gratuita. É uma proposta de assunto, um roteiro, uma sugestão, mas do ângulo de quem o emite. Veículos de grandes centros, como a *Folha de São Paulo* e a *Zero Hora* de Porto Alegre trazem em seus manuais de redação a proibição de publicação de *releases* de assessorias de imprensa e agências de notícias na íntegra. Esses veículos apenas permitem o aproveitamento da sugestão de pauta, com publicação de material próprio da redação, após apuração dos fatos.

De acordo com Mafei (2015), os dados apresentados no *release* têm como único objetivo ajudar o jornalista a se pautar. Também não é notícia, porque serve para informar e não ser publicado. Em veículos do interior, no entanto, a situação que se vê é bem diferente. As redações estão cada vez menores e, muitas vezes, sequer são jornalistas que trabalham nos veículos. Dessa forma, os portais de notícia *online* da Rádio Vang FM e da Tua Rádio Alvorada refletem a situação da maioria dos veículos de interior,

onde, além do aproveitamento de *releases* ser muito elevado, grande parte do material enviado pela Assessoria de Imprensa recebe pouca ou nenhuma alteração antes de ser publicado.

Como forma de comprovar que o *release* não tem a mesma função atualmente comparado ao seu surgimento, o presente estudo pode ter prosseguimento por meio de análises de outros veículos e meios de comunicação de Marau ou de outras cidades do interior do Rio Grande do Sul para que os resultados possam ser comparados.

REFERÊNCIAS

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. *Manual do jornalismo esportivo*. São Paulo: Contexto, 2013.

BAHIA, Juarez. *Jornal: história e técnica*. 3. ed. São Paulo: IBRASA, 1972.

BARDOEL, Jo; DEUZE, Mark. *Network journalism: converging competences of old and new media professionals*. Disponível em: <<http://home.pscw.nl/deuze/pub/9.htm>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

CANAVILHAS, João Messias. Webjornalismo: considerações gerais sobre o jornalismo na web. In: FIDALGO, Antônio; SERRA, Paulo. *Jornalismo Online*. Covilhã: Universidade Beira Interior, 2003.

CAVALCANTI, Ivo Henrique França de Andrade Dantas. *O webjornalismo e suas potencialidades: um estudo de caso do portal NE10*. Disponível em: <<http://repositorio.ufpe.br/bitstream/handle/123456789/10786/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20IVODANTAS.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 27 ago. 2017.

CHINEM, Rivaldo. *Assessoria de imprensa: como fazer*. São Paulo: Summus, 2003.

COELHO, Paulo Vinicius. *Jornalismo esportivo*. São Paulo: Contexto, 2008.

DUARTE, Jorge. *Assessoria de imprensa e relacionamento com a mídia: teoria e técnica*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

FENAJ – Federação Nacional dos Jornalistas. *Manual de assessoria de comunicação*. 4. ed. Brasília: FENAJ, 2007.

FERRARI, Pollyana. *Jornalismo digital*. São Paulo: Contexto, 2003.

FRANJE, Marcelo Bechara S. N. *A produção do jornalismo esportivo digital na atualidade*. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-1106-1.pdf>>. Acesso em: 02 set. 2017.

GALIEGO, Andreza. *Assessoria de imprensa ou de comunicação?* Disponível em: <http://observatoriодаimprensa.com.br/feitos-desfeitos/_ed756_assessoria_de_imprensa_ou_de_comunicacao/>. Acesso em: 25 mar. 2017.

GEHRARDT, Tátiana; SILVEIRA, Denise. *Métodos de pesquisa*. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 18 out. 2016.

HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. Análise de conteúdo em jornalismo. In: BENETTI, Marcia; LAGO, Cláudia (Orgs.). *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2008. (Coleção Fazer Jornalismo).

KELLER, Treicy, 2015 APUD CARVALHO, Kassiê. *A Assessoria de imprensa da Prefeitura de Passo Fundo refletida nos jornais impressos do município*. 2016.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling. *Planejamento de relações públicas na comunicação integrada*. São Paulo: Summus, 2003.

LEMOS, Márcia de. *Dos artigos olímpicos de Nelson Rodrigues aos parágrafos telegráficos da Internet*. Disponível em: <<https://www.google.com.br/url?sa=t&rcrt=j&q=&esrc=s&source=w>>

eb&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwjl78GohIfWA
hWBhZAKHb9nDDsQFggmMAA&url=https%3A%2F%2F
Fwww.unilestemg.br%2Frevistacomplexus%2F01educacao%2Ftext
os_revista01%2F05artigo01_marcia_imprensa_esportiva.doc&u
sg=AFQjCNGNCq8oSdLWvgCCjhXZvYtZR65J4g>. Acesso
em: 02 set. 2017.

LIMA, Gerson Moreira. *Releasmania: uma contribuição para o estudo do “press-release” no Brasil*. São Paulo: Summus, 1985.

LOPES, Boanerges. *O que é assessoria de imprensa*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

LUCAS, Marcelo; FOLETTTO, Valéria; GRANEZ Marcio. *Como trabalha um repórter esportivo no interior: dificuldades e desafios*. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-2978-1.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

MAFEI, Maristela. *Assessoria de imprensa: como se relacionar com a mídia*. São Paulo: Contexto, 2015.

MAGALHÃES, Luana Cristina de Lima. *A influência das assessorias de imprensa na publicação de notícias on-line da editoria de economia*. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-0472-1.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2017.

MARTINO, Luís Mauro Sá. *Teoria da comunicação*. São Paulo: Vozes, 2009.

MAUAD, Sêmia. *Os segredos de um bom assessor de imprensa*. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-muad-os-segredos.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

MIELNICZUK, Luciana. Sistematizando alguns conhecimentos sobre jornalismo na web. In: MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos. *Modelos de jornalismo digital*. Salvador: Calandra, 2003.

MOHERDAUI, Luciana. *Guia de estilo web: produção e edição de notícias on-line*. 3 ed. São Paulo: SENAC, 2007.

PALACIOS, Marcos. *O que há de (realmente) novo no Jornalismo Online?* Conferência proferida por ocasião do concurso público para Professor Titular na FACOM/UFBA, Salvador, Bahia, em 21.09.1999.

PRADO, Magaly. *Webjornalismo*. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

RAMOS, Paulo; RAMOS, Magda Maria; BUSNELLO, Saul José. *Manual prático de metodologia da pesquisa*: artigo, resenha, monografia, dissertação e tese. Blumenau: Acadêmica; 2003.

RESENDE, Lino. *Economia, valor notícia e assessorias de imprensa*. 2003. Monografia de especialização. Faculdade Cândido Mendes, Espírito Santo, 2003. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/resende-lino-economia-valor-noticia.pdf>>. Acesso em: 08 abr. 2017.

RIBEIRO, André. *Os donos do espetáculo*: histórias da imprensa esportiva do Brasil. 1. ed. 2007.

RODRIGUES, Bruno. *Webwriting*: redação para a mídia digital. São Paulo: Atlas, 2014.

ROSSI, Clóvis. *O que é jornalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

SANTOS, Ana Lúcia Reis dos. *Informação fast-food*: um estudo de caso do jornal Último Segundo do portal IG. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporâneas). Universidade Federal da Bahia, Recife, 2002.

SILVA, André Luis Moreira. GONÇALVES, Douglas Baltazar. *As transformações no jornalismo esportivo do século XXI*: estudo de caso da assessoria de imprensa. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-3153-1.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

SILVA JR. José Afonso. *Jornalismo 1.2*: características e usos da hipermídia no jornalismo, com estudo de caso do Grupo Estado de São Paulo (Dissertação de mestrado), Facom/UFBA, 2000.

SOUZA, Flaviana de Cerqueira. *Função social do jornalismo esportivo: uma análise dos programas Globo Esporte e Esporte Espetacular*. 2006. Disponível em: <<http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/1976/2/20534040.pdf>>. Acesso em 07 abr. 2017.

SULLIVAN, Marguerite Hoxie. *Uma assessoria de imprensa responsável na era digital*. Edição da Série Manuais, 2012. E-book disponível em: <<http://pages.comunique-se.com.br/ebook-assessoria-imprensa-na-era-digital>>. Acesso em: 23 set. 2017.

TAVARES JUNIOR, Carlos Augusto. *Jornalismo esportivo: influências da prática na profissão*. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2016/resumos/R53-0148-1.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2017.

VERGARA, S. C. *Projetos e relatórios de pesquisa em administração*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

VIEIRA, André Luiz de Mesquita; SILVA, Fabiano José Morais da. *O papel do rádio na divulgação do futebol local*. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nordeste2014/resumos/R42-0999-1.pdf>>. Acesso em: 02 set. 2017.

CAPÍTULO



ANÁLISE DA COBERTURA DO CASO ELOÁ, REALIZADA PELA JORNALISTA SONIA ABRÃO

Jaqueline Oliveira de Castro¹
Sônia Bertol

INTRODUÇÃO

Muitas histórias nos são contadas diariamente através dos programas de televisão e algumas tornam-se ótimas estratégias par atrair audiência às emissoras, pois o acontecimento pode emocionar e prender os telespectadores, além de não se apagar fácil da memória. Neste sentido, foi escolhida a transmissão do Caso Eloá pelo programa *A Tarde é Sua*, apresentado pela jornalista Sonia Abrão na Rede TV, como objeto de estudo deste trabalho, que analisa a cobertura realizada pelo programa televisivo, especificamente a entrevista ao vivo. Essa escolha aconteceu após uma aula de Crítica da Mídia quando a professora citou o caso como um exemplo de “briga das emissoras por audiência”.

Mais no passado, com 12 anos na época do sequestro, lembro de ter acompanhado e me envolvido com a história pela televisão. Eloá Cristina Pimentel, 15 anos, foi sequestrada e morta a tiros por seu ex-namorado Lindemberg Alves, 22 anos, em outubro de

¹ Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo da FAC/UPF - Universidade de Passo Fundo.

2008, em Santo André (SP). O caso parou o Brasil. Lindenberg manteve Eloá e sua amiga, Nayara Rodrigues, 16 anos, reféns por mais de 100 horas.

O sequestro foi transmitido ao vivo em todas as emissoras de TV entre 13 e 17 de outubro. A emissora que temos em nosso objeto de estudo conseguiu até mesmo realizar uma entrevista ao vivo com o sequestrador, através do programa apresentado por Sonia Abrão. Esta entrevista é analisada neste trabalho.

METODOLOGIA

Este estudo trata-se de uma pesquisa que inclui uma análise de uma amostragem do programa *A Tarde é Sua* de Sonia Abrão durante o sequestro de Eloá Pimentel. Para melhor compreender e descrever a cobertura realizada pela jornalista, será utilizada a metodologia descritiva e analítica qualitativa.

Segundo Vergara (2000, p.47), a pesquisa descritiva é a que revela as características de determinada população ou fenômeno, mas não tem a obrigação de esclarecer por meio de explicações os fenômenos que apresenta, mesmo que esta sirva de fundamento para tal explicação. A pesquisa descritiva possibilita estabelecer correlação entre variáveis e definir sua natureza.

O uso do método analítico qualitativo apresenta algumas características, como descreve Ribeiro (2015), citando Gerhardt e Silveira:

objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados os mais

fidedignos possíveis; oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências.

Dessa forma, analisando o nosso objeto de estudo, vamos buscar descrever como foi a cobertura realizada pela jornalista Sonia Abrão durante o Caso Eloá, especificamente a entrevista feita ao vivo, seguindo conceitos de sensacionalismo e ética na abordagem da transmissão do sequestro.

ANÁLISE DOS DADOS

Cronologia do Caso Eloá

Era 13 de outubro de 2008, mais um dia normal em Santo André (SP). A adolescente de 15 anos, Eloá Pimentel, voltou da escola com sua amiga Nayara Rodrigues e mais dois colegas de aula, e logo se reuniram em sua casa para realizarem um trabalho.

Durante a tarde, por volta das 13h30min, o ex-namorado de Eloá, Lindemberg Alves, de 22 anos, invadiu o apartamento da jovem, localizado em um conjunto habitacional. Instantaneamente o Brasil todo ficou sabendo do sequestro de Eloá. Equipes de todas as emissoras de televisão deslocaram-se até Santo André para acompanharem de perto o caso. Os dois colegas da jovem foram liberados. Eloá e Nayara permaneceram nas mãos de Lindemberg.

A cobertura ao vivo do Caso Eloá iniciou cedo na manhã do dia 14 de outubro. Neste dia também começaram as negociações com Lindemberg para libertar a ex-namorada. Por volta das 22h50min Lindemberg liberou Nayara.

No dia 15 de outubro Nayara foi chamada pelos policiais para ajudar nas negociações. A jovem voltou ao apartamento onde a amiga estava. Neste dia, a apresentadora Sonia Abrão realizou uma entrevista ao vivo com Lindemberg em seu programa na Rede TV.

Dia 16 de outubro, as negociações e a transmissão do Caso Eloá seguiram nas emissoras de televisão. O sequestro já estampava a capa dos principais jornais impressos do país.

No dia 17 de outubro o sequestro chegou ao fim, infelizmente com um desfecho trágico para a jovem Eloá. Com quase 100 horas de sequestro, após a polícia invadir o apartamento, Lindemberg atirou contra a ex-namorada e a amiga Nayara. Eloá levou dois tiros: um na virilha e outro na cabeça, Nayara foi baleada no rosto. Imediatamente as jovens foram levadas para o hospital. Eloá estava inconsciente. A adolescente teve morte cerebral por volta das 23h30min de sábado, 18 de outubro.

Em 2012, após um julgamento de quatro dias, Lindemberg Alves foi condenado a 98 anos e 10 meses de prisão. Em junho de 2013 a pena foi reduzida pelo Tribunal de Justiça de São Paulo para 39 anos e três meses.

Dia 15 de outubro de 2008 – O dia “D”

Para cumprir os objetivos desta pesquisa e fazer o desenvolvimento da análise deste trabalho, utilizamos a edição do programa *A Tarde é Sua* do dia 15 de outubro de 2008, especificamente a entrevista ao vivo realizada por Sonia Abrão. Normalmente o programa tem duas horas de duração, das 15h às 17h, e sempre são tratados assuntos diversos. No entanto, neste dia o assunto de todo o programa girou em torno deste fato, e a entrevista em si teve duração de aproximadamente 25 minutos, tempo que pode ser considerado como privilegiado no tratamento de um único assunto – o que interpretamos como uma exploração exacerbada por parte da apresentadora, caracterizando sua postura como sensacionalista.

Análise

De acordo com afirmações feitas por Teixeira (2011), citando o Dicionário de Comunicação, o sensacionalismo é um estilo jornalístico caracterizado por intencional exagero da importância de um acontecimento. Pode-se questionar qual seria o interesse público e quais questões justificariam que o sequestro da jovem por seu ex-namorado tivesse a necessidade de gerar tantas manchetes e ganhar as proporções que teve na mídia, sendo abordado a todo o momento nos programas de televisão.

De 13 a 17 de outubro, o sequestro tornou-se assunto principal nos jornais. No entanto, questiona-se a postura da apresentadora Sonia Abrão, a qual nos pareceu ter passado dos limites da atenção ao acontecimento quando fez uma entrevista ao vivo com Lindemberg Alves e Eloá Pimentel. Sonia Abrão alimentou o programa com certos detalhes para sensibilizar e prender o telespectador desde o início da conversa quando perguntou a Lindemberg Alves sobre seu pai, como podemos observar no seguinte trecho:

Sonia: Exatamente, você foi criado sem seu pai, é isso?

Lindemberg: Sem o pai, assim, tipo, minha mãe foi meu pai e minha mãe mano, eu nem sinto falta porque minha mãe nunca deixou faltar nada pra mim.

Sonia: Sei, uhum... Mas você entende a dor da Nayara, você entende o que significa ausência de um pai, pelo menos do jeito que as pessoas precisam, é isso? Isso que mexeu com seu coração?

A apresentadora também falou sobre os pais de Eloá:

Sonia: Exatamente, e agora, não te colocou a hora que você pôs a Eloá no telefone com Luiz Guerra? Quando ela disse “pai eu te amo”,

“mãe eu te amo”, quando ela falou com os pais dela, ela mandou essa mensagem pros pais dela, que estão desesperados aqui do lado de fora, isso também não mexeu com seu coração?



Figura 1 – Momento inicial da entrevista de Sonia Abrão com Lindemberg.

Para Angrimani (1995), o jornalista tem como objetivo tocar, sensibilizar o receptor da notícia. Como podemos constatar no trecho acima, Sonia Abrão buscou iniciar a entrevista tocando forçosamente o telespectador, levando a uma dramatização de um aspecto da vida pessoal do sequestrador, que foi criado sem o pai. Completando a definição de Angrimani e contribuindo com as observações feitas, Amaral (2006) salienta que, basicamente, o jornalismo sensacionalista resume-se em causar sensações nos leitores, ouvintes e telespectadores. Com base nos trechos citados acima, podemos afirmar que a apresentadora buscou e conseguiu despertar exatamente estas sensações. Entretanto, vale a pena questionar se esta apresentadora desempenhou o papel social do

jornalista ou apenas alimentou uma história com apelos incomuns com o único intuito de ganhar audiência.

No decorrer da entrevista, a apresentadora, pela sua linguagem, mostrava-se cada vez mais dentro do jornalismo sensacionalista. Sonia utilizou da linguagem apelativa, exagerando na forma como falava com Lindemberg Alves, abusando da comoção para convencer o rapaz a encerrar o sequestro, como se fosse uma apaziguadora da situação:

Sonia: Libera a Eloá! Se libera também dessa história! Vamos resolver tudo isso, é tanta gente que ama vocês, sofrendo aqui do lado de fora [...]

Sonia: [...] então já dá um final pra essa história, que seja todo mundo são e salvo, inclusive você, inclusive você!

Sonia: Sei, então, dá uma segunda chance pra essa negociação toda aí, aí vocês já acabam com isso...

A apresentadora insiste também em saber do relacionamento de Lindemberg e Eloá, pedindo inúmeras vezes ao rapaz se eles já conversaram, se já resolveram a situação, perguntando-lhe o motivo que o levou a invadir o apartamento da ex-namorada, tornando a história um enredo de novela, sendo esta uma característica flagrante do jornalismo sensacionalista, como explica Teixeira:

Todos os dias assistimos aos mais variados assuntos sendo tratados pelos meios de comunicação, passando do esporte à economia, da política à cultura, da corrupção ao sequestro, e mais uma série de temas que se tornaram cotidianos na nossa vida. São histórias que se repetem diariamente, e a cada capítulo novas surpresas surgem para atrair o telespectador (TEIXEIRA, 2011, p.12).

Eis uma sequência de indagações iniciadas pela apresentadora do programa:

Sonia: [...] então por que que você invadiu o apartamento? O que você tá querendo, o que você tá buscando nessa história? É alguma vingança? É uma desforra? O que foi que aconteceu?

Sonia: Entendi, agora você já falou pra ela? Por que vocês tão aí a mais de 30 horas, quer dizer, eu acho que tudo que você tinha pra dizer pra ela, acertar as contas, colocar a situação de vocês em pratos limpos, já deu tempo de fazer, não deu?

Sonia: Olha, me fala uma coisa, o que você queria dizer pra Eloá? Você pode falar pra gente?

Sonia: Isso é uma coisa muito íntima de vocês, né? Agora, você já falou pra ela o que você queria falar? Agora que você disse que ela cooperando, você já conseguiu desabafar com ela, esclarecer tudo, o final do relacionamento?

Sonia: Eu acredito nisso, você gostava dela, ela foi sua namorada muito tempo, né? É isso?

Essas perguntas feitas por Sonia Abrão podem ser consideradas sem relevância informativa; são apenas uma forma estratégica de manter Lindemberg mais tempo na linha e elevar a audiência do programa. A apresentadora demonstrou não considerar aspectos da ética profissional, pois, de acordo com o código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (anexo C), especificamente o Art. 6º: “É dever do jornalista: [...] VIII - respeitar o direito à intimidade, à privacidade, à honra e à imagem do cidadão”.

Segundo afirmações de Mallagutti (2011), de todas as profissões, o jornalismo talvez seja uma das que mais exige ética profissional. Para o pesquisador, a prática jornalística é uma atividade em que se deve passar a maior transparência possível porque

é tida como meio gerador de opinião e como ponto de referência para confirmação ou negação de fatos.

Sonia invadiu a privacidade do ex-casal, ferindo um dos itens do Código de Ética dos Jornalistas. Os assuntos sobre o relacionamento e os motivos que levaram ao termino do namoro diziam respeito somente a duas pessoas: Lindemberg e Eloá.

Pedroso (2001) destaca que, para tornar uma notícia espetacular e sensacional, exagera-se na linguagem, na cobertura do fato e nas imagens, buscando a comoção e o envolvimento emotivo do público. Durante a transmissão ao vivo da entrevista exclusiva foram exibidas imagens do prédio onde a jovem morava e estava sob cárcere. Além disso, também apareceram fotos de Eloá, Lindemberg e Nayara, os “personagens principais da história”, como podemos observar nas figuras a seguir. As imagens reforçam mais a prática do sensacionalismo:



Figura 02 - Imagens do prédio onde aconteceu o sequestro foram exibidas.



Figura 03 - Fotos dos “personagens” do sequestro foram exibidas.

Sonia Abrão voltou a falar da família de Lindemberg, sobre a irmã do sequestrador, tentando novamente comover o telespectador e dramatizar a situação, além de tentar ganhar a confiança do rapaz ao dizer que ele era uma pessoa do bem. Somando tudo isso, a estratégia da apresentadora se caracterizou por estender o tempo de audiência. Vejamos outras passagens:

Sonia: Certo, olha, eu não sei qual das suas irmãs está aí em baixo, ou estava até agora pouco. Eu só posso te dizer que ela tá, assim, muito muito aflita, evidentemente, né! E ela só tem coisas boas pra falar de você! Ela tem passado muita informação boa, então a imagem que todo mundo tem de você aqui fora é de que você é um cara legal...

Sonia: Sei, certo! Mas você fala assim pra ela sair viva daqui, parece que você tá disposto a matar a menina, e isso não é verdade! Você não é esse tipo de pessoa, Lindemberg!

Sonia: Olha, você pode ter certeza que o Brasil inteiro tá rezando por vocês dois sabe, não é por ela só não, é por vocês dois! Tá todo mundo

muito preocupado com você e, ainda mais, que todas as informações que a gente já apurou a respeito de você, eu e outros jornalistas, são as melhores possíveis. É por isso que ninguém entende, sabe, você tá numa situação de risco como essa, ter colocado a menina nessa situação também.

Jespers (1998) também concorda que o sensacionalismo é uma forma tentadora de conseguir elevar a audiência, pois, além de ser de fácil entendimento, é um estilo “jornalístico” que não exige reflexão, afinal a imagem dos acontecimentos fala por si só. A partir das afirmações do autor, podemos constatar a busca insaciável de Sonia Abrão pela audiência.

Lindemberg fala que irá colocar Eloá na linha e, sem se preocupar com a ética profissional do jornalista, com as consequências de sua ação, ou mesmo com a adolescente, a apresentadora deixa claro seu sensacionalismo, sua sede pelo “furo” de reportagem, como podemos observar nos seguintes trechos:

Lindemberg: Sonia...

Sonia: Oi!

Lindemberg: Alô?

Sonia: Alô, pode falar eu tô te ouvindo Lindemberg!

Lindemberg: Vou deixar claro aí ó...

Sonia: ãh...

Lindemberg: Vou colocar a Eloá na linha...

Sonia: Ótimo!

Lindemberg: Pra deixar claro aí em rede nacional que ela tá bem!

Sonia: Eu ia te pedir isso agora, coloca a Eloá aí pra gente...

Lindemberg: Mas...

Sonia: ãh, fala! Pode falar...

Lindemberg: Fala aí!

Sonia: Alô? Alô Eloá?



Figura 04 - Inicia a entrevista de Sonia Abrão com a jovem Eloá.

Sonia parecia não se importar com o real sentimento da vítima e de sua família, e, sem pensar duas vezes, iniciou a conversa com a jovem Eloá Pimentel. Podemos perceber sua ansiedade para falar com a sequestrada, já que isto, com certeza, iria ao encontro do principal objetivo da apresentadora: elevar a audiência. Sonia Abrão foi tentando manter a entrevista com a jovem, que foi interrompida por Lindemberg Alves, de maneira extremamente sensacionalista, como nos mostram os seguintes trechos:

Eloá: Alô

Sonia: Oi, é a Sonia Abrão, você já conversou com o Luiz Guerra, nosso repórter e agora nós estamos ao vivo, esse tempo todo você tá vendo, o Lindemberg tá conversando com a gente, e a gente queria que você falasse novamente pro Brasil inteiro, para as pessoas entenderem que você tá bem né, na medida do possível. O Lindemberg tá falando

que você agora tá cooperando, que você tá mais tranquila. Você comeu, você já almoçou, não é?

Eloá: Já almocei já. (voz baixa)

[...]

Sonia: O Lindemberg tá ouvindo a gente?

Eloá: Tá, tá ouvindo.

Lindemberg interrompe a conversa e volta a falar com Sonia Abrão. O rapaz fala que irá desligar o telefone, e a apresentadora, para não perder a entrevista e ganhar ainda mais audiência, instantaneamente pede ao sequestrador para colocar novamente a jovem na linha, como podemos observar:

Lindemberg: Agora eu vou desligar o telefone porque...

Sonia: Você não quer me deixar só falar mais um pouquinho com a Eloá? Só pra ela mandar mais um recado pros pais dela, pra ela poder acalmar eles aqui do lado de fora? Deixa isso, vai!

Lindemberg: Um minutinho.

Sonia: Um minutinho, tá bom, tá bom.

Lindemberg: Vai Eloá...

(...)

Sonia: Eu queria que você mandasse uma nova mensagem pra seus pais, até pra mãe e pras irmãs do Lindemberg...

Eloá: Tá.

Agora a apresentadora utiliza da comoção e dramatiza a situação mais uma vez, pedindo para a jovem mandar um recado para sua família e para a família de Lindemberg Alves, criando, assim, um envolvimento emotivo no telespectador. Hohlfeldt (2002) salienta que a produção de matérias capazes de emocionar e escandalizar é a principal tônica dramática do jornalismo sensacionalista. Pode-se afirmar que Sonia Abrão utilizou forte-

mente dessa estratégia, exagerando na abordagem da situação. E a conversa com a Eloá Pimentel seguiu:

Eloá: Tá tudo bem, tá tudo bem! Tudo que eu peço é pros policiais ter tranquilidade, fazer tudo que ele pedir que vai dar tudo certo. É, eu tô bem, ele tá me tratando bem, tá todo mundo calmo, agora tá tudo sob controle. Ele tá cheio de bala, então qualquer decisão precipitada vai me prejudicar!

[...]

Sonia: Você quer mandar mais alguma coisa...

Eloá: Eu quero

Sonia: Pro seu pai e pra sua mãe...

Eloá: Deixar meus pais tranquilos, a família dele tranquila, ele não é má pessoa, vai dar tudo certo, já entreguei tudo nas mãos de Deus e vai dar tudo certo!

Sonia: Uhum. Ele disse que vocês já conversaram sobre o namoro de vocês, que tava tudo esclarecido...

Eloá: Vou ter que desligar!

Sonia: Tá bom então!

Eloá: Obrigada!

Sonia: Força tá?

Eloá: Tá bom, brigada!

No momento em que Sonia Abrão colocou a vítima na linha, sem pensar no que poderia acontecer, e de modo sensacionalista, visando apenas alimentar sua entrevista exclusiva para elevar sua audiência, a apresentadora feriu mais uma vez um dos Códigos de Ética dos Jornalistas Brasileiros. De acordo com o item IV do Artigo 7º do Código de Ética (anexo C): “O jornalista não pode: [...] IV - expor pessoas ameaçadas, exploradas ou sob risco de vida, sendo vedada a sua identificação, mesmo que parcial, pela

voz, traços físicos, indicação de locais de trabalho ou residência, ou quaisquer outros sinais.”

Karam (1997) lembra que é parte da moral de um jornalista agir de acordo com o que pensa e baseado naquilo que ele compreende ser ético e não buscar apenas pela audiência, como podemos constatar que aconteceu na realização e abordagem da entrevista feita pela apresentadora da Rede TV.



Figura 5 - Segundo momento da conversa entre a apresentadora e a jovem.

No curso de Jornalismo existem disciplinas específicas sobre ética. Os códigos são estudados, trabalhos são realizados. É dever do profissional formado saber como deve agir diante de uma situação de risco, como o caso da jovem Eloá. O jornalista deve buscar sempre ser ético em suas atitudes, principalmente em situações como essa, envolvendo vidas.

Sonia Abrão expôs Eloá para todo o Brasil. Esta jovem não poderia jamais dar uma entrevista ao vivo como se tudo estivesse ocorrendo normalmente. O sequestro da jovem já tinha se torna-

do na mídia algo além do que poderia ser. Eloá estava correndo risco de vida nas mãos de Lindemberg, sendo ameaçada durante a própria conversa do sequestrador com a apresentadora, como podemos observar:

Lindemberg: O capitão, eu falei pra ele não se aproximar do apartamento, ele pegou e... e, de manhã cedo, nós tava cochilando e ele pegô e apertô a campainha aqui meu. Me assustei quase atirei na menina!

Sonia: Pelo amor de Deus!

Lindemberg: Eu pensei que ele tava invadindo, eu já ia atirar nela! Já tirei o revólver e ela “não, não, não, não invade!” Ele ia fazer merda meu!

Sonia: Mas pera ai Lindemberg, se ele bateu na porta é porque ele não ia invadir, ele ia tentar conversar com você mais de perto, se não já podia ter metido o pé na porta, entrado atirando, eles não têm a intenção de fazer isso! Mas de jeito nenhum!

Lindemberg: Se fizer merda, ele vai acabar com duas vida aqui dentro.

Nessa conversa ficou claro que Eloá Pimentel correu risco de vida durante todo o tempo do sequestro. Lindemberg Alves revelou em rede nacional que quase atirou na jovem. Essa atitude mostra que ele estava pronto para fazer isso a qualquer momento. Pode-se concluir que, para a apresentadora, a entrevista exclusiva e a audiência pareciam ser mais importantes que a vida que estava em jogo lá dentro.

A situação do caso Eloá nos faz lembrar do filme “*O quarto poder*” (1997), onde o repórter Max Brackett (Dustin Hoffman), pensando apenas em uma grande reportagem, que lhe concedesse audiência, entrevistou ao vivo o sequestrador Sam Baily (John Travolta) em um museu, onde ele mantinha crianças e a dona do estabelecimento reféns. Pode-se constatar que aconteceu exatamente a mesma coisa durante a transmissão do caso Eloá no

programa de Sonia Abrão. A audiência estava em jogo. No filme, o sequestro também acaba em tragédia, a única diferença é que quem morre é o sequestrador.

Situações de “morte” também são focos do jornalismo sensacionalista. Conforme as afirmações de Traquina (2008), a morte é um dos principais valores-notícia utilizados ao buscar uma pauta “sensacionalista”, pela notoriedade que notícias com esse aspecto causam, trazendo mais audiência para o programa que irá veicular a reportagem, como aconteceu com o programa *A Tarde é Sua* na transmissão do Caso Eloá. A jovem corria risco de vida, podendo morrer a qualquer momento, este drama abordado pela mídia se tornou um fator relevante para a audiência.

A situação era extremamente tensa. A ação impensada da apresentadora podia ter gerado uma atitude radical de Lindemberg Alves durante a própria entrevista.

O conceito de sensacionalismo, conforme visto neste estudo, leva-nos a entender que Sonia Abrão explorou a tragédia para elevar sua audiência, desconsiderando a real gravidade da situação que estava acontecendo. Podemos constatar que durante toda a entrevista a apresentadora deliberadamente abusou da sua liberdade de comunicação na televisão aberta em rede nacional. A apresentadora mostrou-se em uma posição acima dos entrevistados, conduzindo e alimentando a situação e, assim, tornando-a cada vez mais longa.

O item II do artigo 11 do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros diz que o jornalista não pode divulgar informações de caráter mórbido, sensacionalista ou contrário aos valores humanos, especialmente em cobertura de crimes e acidentes.

O Caso Eloá foi um crime, valores humanos estavam envolvidos na história. A cobertura realizada por Sonia Abrão na televisão, em nosso entender, jamais poderia ter se dado de maneiras sensacionalista e antiética.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não pensei que o Caso Eloá mexeria tanto comigo, pois me deixou intrigada e, principalmente, despertou a minha vontade de fazer um mundo e um jornalismo melhores. Foram meses estudando o caso, assistindo vídeos de entrevistas, lendo artigos, notícias e reportagens especiais. Foi como reviver outubro de 2008, pois estava tudo ali para eu ver quantas vezes quisesse e acompanhar novamente o drama da adolescente que foi sequestrada e morta pelo ex-namorado.

No começo, confesso que duvidava encontrar respostas para meu problema de pesquisa. Ao fazer este estudo e desenvolver esta análise, foi possível concluir que, sim, Sonia Abrão foi uma jornalista extremamente sensacionalista e sem ética profissional durante o período da cobertura do caso, especificamente no dia que foi alvo de nossa análise, quando ela ultrapassou todos os limites ao realizar uma entrevista ao vivo com um sequestrador e uma sequestrada.

Após o desenvolvimento da pesquisa, pode-se concluir que explorar uma tragédia para conseguir elevar a audiência não é fazer jornalismo. O interesse pela audiência e pelo “furo” de reportagem venceu a ética jornalística no Caso Eloá. É dever do jornalista contar histórias, mas o profissional deve pensar bem na forma que está contando, já que um critério primordial para que um fato se torne notícia é o interesse público.

Posso afirmar que esta pesquisa foi mais do que um trabalho para concluir a faculdade de Jornalismo. Aconteceu para entender que tipo de profissional não poderia ser. Devo fazer meu trabalho como jornalista, desempenhar meu papel social de levar a informação para as pessoas, mas de maneira correta, sempre zelando pela ética profissional.

A apresentadora Sonia Abrão, por sua vez, usou da comoção e dramatização inúmeras vezes durante a entrevista, sensibilizando o telespectador e, assim, alimentando seu sensacionalismo, também fazendo com que a história muitas vezes se parecesse com um enredo de novela. A utilização de imagens durante a entrevista reforçou o sensacionalismo na televisão aberta em rede nacional. Além disso, constatamos que a apresentadora feriu três Códigos de Ética dos Jornalistas Brasileiros.

O que se assistiu durante a cobertura do Caso Eloá foi tudo o que aprendemos na faculdade em termos do que não se deve fazer em jornalismo. Com isso, espero que este estudo instigue outros na mesma área e sirva de alerta e reflexão sobre o real papel do jornalista na sociedade.

REFERÊNCIAS

A TARDE É SUA. Disponível em: <http://www.redetv.uol.com.br/>. Acesso em: ago., set. 2016.

ALBUQUERQUE, Daniela Aparecida de; MUNZLINGER, André; HACK, Josias Ricardo. *A norma linguística e os programas de entretenimento da televisão aberta brasileira*. 2013. Disponível em: <http://www.insite.pro.br/2013/Agosto/norma_linguistica_televisao.pdf>. Acesso em: 03 set. 2016.

ALENCAR, Márcia Oliveira de; RODRIGUES, Bruna Freitas. *Morte e sensacionalismo como notícia: o caso de linchamento em São Luís e a cobertura do portal G1*. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-0034-1.pdf>>. Acesso em: 02 set. 2016.

AMARAL, Márcia. *Jornalismo popular*. São Paulo: Contexto, 2006.

ANGRIMANI, Danilo. *Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa*. São Paulo: Summus, 1995.

BISTANE, Luciana; BACELLAR, Luciane. *Jornalismo de TV*. São Paulo: Contexto, 2006.

BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BUCCI, Eugênio. *Sobre ética e imprensa*. São Paulo: Schwarcz, 2000.

BRANCO, Alberto Manuel Vara. *A ética e a informação: o jornalista como profissional e o jornalista como pessoa*, 2005. Disponível em: <<http://www.ipv.pt/forumedia/6/9.pdf>>. Acesso em: 27 mar. 2016.

CABRAL, Danrlei; HARTMANN, Nadja. *Talk show: a crítica humorada no Programa do Jô*. 2015. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/sul2015/resumos/R45-0098-1.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2016.

CARDOSO, Letycia Moreira. *O humor no telejornalismo: a espetacularização da notícia*. Minas Gerais, 2014. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2014/resumos/R43-0382-1.pdf>>. Acesso em: 05 set. 2016.

CARVALHO, Ana Carolina Kleszcz De. *Estudo da cobertura do Caso Eloá pelo Jornal Nacional*. Brasília, 2009. Disponível em: <<http://www.repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/2199/2/20604740.pdf>>. Acesso em: 16 mar. 2016.

CARVALHO, Luciane Caldi d'Ornellas; PIMENTA, Francisco. *O infotainment como um novo caminho para o jornalismo*. Fortaleza, 2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-2541-1.pdf>>. Acesso em: 03 set. 2016.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. *Ética no jornalismo*. São Paulo: Contexto, 2008.

CORNU, Daniel. *Ética da informação*. Bauru: Edusc, 1997.

CUNHA, Keila Brenda da. *Disque Sequestrador: o programa A Tarde É Sua da Rede TV!, frente aos preceitos da ética jornalística*,

no caso Eloá. Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/39763356/DISQUE-SEQUESTRA-DOR-o-programa-A-Tarde-E-Sua-da-Rede-TV-frente-aos-preceitos-da-etica-jornalistica-no-caso-Eloa>>. Acesso em: 05 set. 2016.

DI FRANCO, Carlos Alberto. *Jornalismo, ética e qualidade*. Petrópolis: Vozes, 1995.

DEJAVITE, Fábila Angélica. *O poder do fait-divers no jornalismo: humor, espetáculo e emoção*. 2001.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011.

FARIAS, Edilsom. *Liberdade de expressão e comunicação: teoria e proteção constitucional*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2004.

FÁVERO, Altair Alberto; GABOARDI, Ediovani Antônio. *Apresentação de trabalhos científicos*. Passo Fundo, 2014.

FILHO, Ciro Marcondes. *O capital da notícia: o jornalismo como produção social da segunda natureza*. 1989.

GABLER, Neal. *Vida, o filme: como o entretenimento conquistou a realidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

JESPER, Jean-Jacques. *Jornalismo televisivo*. Coimbra: Minerva, 1998.

KARAM, Francisco José. *Jornalismo, ética e liberdade*. São Paulo: Summus, 1997.

LEAL, Plínio Marcos Volponi. *Um olhar histórico na formação e sedimentação da TV no Brasil*. 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-2009-1/Um%20olhar%20historico%20na%20formacao%20e%20sedimentacao%20da%20TV%20no%20Brasil.pdf>>. Acesso em: 24 ago. 2016.

LUGÃO, Ana Luiza. *Jornalismo sensacionalista: o programa Brasil Urgente em cena*. Brasília, 2010. Disponível em: <<http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/1846/2/20377680.pdf>>. Acesso em: 01 set. 2016.

MALAGUTTI, Anderson. *A ética de Jorge e ética em Kajuru*, 2011. Disponível em: <<http://decom.cesnors.ufsm.br/tcc/files/2011/09/TCC-anderson.pdf>>. Acesso em: 23 mar. 2016.

MALCOLM, Janet. *O jornalista e o assassino: uma questão de ética*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1990.

MATHEUS, Letícia Cantarela. *Marcos e problemas da história da TV no Brasil, 2014*. Disponível em: <<http://www.unicentro.br/rbhm/ed02/resenhas/01.pdf>>. Acesso em: 24 ago. 2016.

MATTOS, Sérgio. *Um perfil da TV brasileira*. Salvador, 1990. Disponível em: <<http://www.andi.org.br/sites/default/files/legislacao/02.%20Um%20perfil%20da%20TV%20brasileira.%2040%20anos%20de%20hist%C3%B3ria.pdf>>. Acesso em: 24 ago. 2016.

MELLO E SOUZA, Cláudio. *Jornal Nacional: 15 anos de História*. Rio de Janeiro, 1984.

MORAIS, Ilmara Toledo Lucio de; GONÇALVES, Douglas Baltazar. 2015. *Jornalismo cotidiano: o infotimento e a participação popular na construção da notícia*. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-2554-1.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2016.

MORIN, Edgar. *Cultura de massa no século XX: neurose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

PAIVA, Ana Carolina. *Sensacionalismo no jornalismo dentro do Facebook*. 2013. Disponível em: <<http://tcconline.utp.br/media/tcc/2015/04/TCC-Ana-Carolina-Paiva-comdpi.pdf>>. Acesso em: 04 set. 2016.

PATIAS, Jaime Carlos. O espetáculo no telejornal sensacionalista. In: COELHO, Cláudio Novaes Pinto; CASTRO, Valdir José de. *Comunicação e sociedade do espetáculo*. São Paulo: Paulus, 2006.

PATERNOSTRO, Vera Íris. *O texto na TV: manual de telejornalismo*. Rio de Janeiro, 1999.

PEDROSO, Rosa Nívea. *A construção do discurso de sedução em um jornal sensacionalista*. São Paulo: Annablume, 2001.

PEREIRA, Disonei dos Santos. *Entretenimento na informação jornalística: uma análise da rádio Bandnews FM Curitiba*. Curitiba, 2009. Disponível em: <<http://br.monografias.com/trabalhos3/entretenimento-informacao-jornalistica-radio-bandnews/entretenimento-informacao-jornalistica-radio-bandnews2.shtml>>. Acesso em: 04 set. 2016.

QUEIROZ, Caio Cardoso de. *As narrativas sobre ética profissional dos jornalistas de televisão em Juiz de Fora*, 2014. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/facom/files/2013/11/Caio-Cardoso-de-Queiroz-monografia.pdf>>. Acesso em: 27 ago. 2016.

RAUSCH, Fábio Antônio Flores. *O jornalismo sensacionalista na imprensa sul-rio-grandense: uma proposta de codificação de gênero*. Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<http://tede2.pucrs.br:8080/tede2/bitstream/tede/4445/1/431003.pdf>>. Acesso em: 16 ago. 2016.

REIS, Marcela Miranda Félix dos. *O espetáculo e sensacionalismo no telejornal piauiense Bom Dia Meio Norte*. Mato Grosso do Sul, 2012. Disponível em: <<http://www.unigran.br/mercado/paginas/arquivos/edicoes/3/8.pdf>>. Acesso em: 05 set. 2016.

REZENDE, Guilherme Jorge. *Telejornalismo no Brasil*, 2000.

RIBEIRO, André. *Os donos do espetáculo: histórias da imprensa*. São Paulo, 2007.

RIBEIRO, Izabela Silveira. *Jornalismo x entretenimento: o caso do Programa Mais Você*. Brasília, 2010. Disponível em: <<http://>

repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/1148/2/20710711.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2016.

RIBEIRO, Lidiane Vitor. *Comunicação e evangelização da juventude no Jovens Conectados*. Passo Fundo, 2015. Disponível em: <<http://repositorio.upf.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/746/PF2015LidianeVitorRibeiro.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 03 set. 2016.

ROCCO, Ary José Junior; BELMONTE, Wagner Barge. *A Copa do Mundo de 2014 e o valor-notícia: um chute nos “fundilhos” da imprensa brasileira*. Minas Gerais, 2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2012/resumos/R33-0229-1.pdf>>. Acesso em: 03 set. 2016.

SOUZA, José Carlos Aronchi de. *Gêneros e formatos da televisão brasileira*. 2006.

TAVARES, Bruno; POLLAKE, Carla. *A morte anunciada da TV aberta: realidade ou mito?* São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-3286-1.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2016.

TEIXEIRA, Marieli Rangel. *As propriedades do jornalismo sensacionalista: uma análise da cobertura do caso Isabella Nardoni*. Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<http://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/2064>>. Acesso em: 26 mar. 2016.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo*. Florianópolis, 2008.

VERGARA, Sylvia Constant. *Projetos e relatórios de pesquisa em administração*. São Paulo, 2000.

CAPÍTULO

IV

OS VALORES-NOTÍCIA NA COBERTURA JORNALÍSTICA DO CASO DIÓGENES BASEGIO

Caetano Bortolini Barreto¹

Sônia Bertol

INTRODUÇÃO

Diógenes Basegio nasceu em 1956, é médico e foi o primeiro gaúcho a ser presidente da Sociedade Brasileira de Mastologia (*O Alto Uruguai*, 2016). Seguiu também na carreira política, sendo eleito em 2004 o vereador mais votado em Passo Fundo, cargo que ocupou por dois mandatos. Foi eleito pela primeira vez deputado estadual pelo Partido Democrático Trabalhista (PDT) em 2010, reeleito por média em 2014 com mais de 30 mil votos e escolhido como líder do seu partido na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul em 2011 (*Assembleia*, 2016).

Seu segundo mandato, porém, teve curta duração, pois uma reportagem do programa Fantástico, da Rede Globo, exibida em sete de junho de 2015, acusava o então deputado de extorquir dinheiro de seus funcionários, realizar contratos fantasmas e forjar indenizações veiculares (*G1*, 2016). O político foi exposto por meio

¹ Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo da FAC/UPF – Universidade de Passo Fundo.

de imagem de câmera de vídeo escondida contando dinheiro do salário de seus assessores.

Após pressão da imprensa e da opinião pública, Diógenes Basegio tentou escapar de uma condenação grave renunciando ao seu cargo (ZH, 2016), porém mesmo assim foi cassado por unanimidade pela Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, tornando-o inelegível a qualquer cargo público por 11 anos (SUL 21, 2016). Sua cadeira na Assembleia foi ocupada então por Vinícius Ribeiro, também do PDT, que atuava como presidente da Companhia Riograndense de Artes Gráficas – CORAG (G1, 2016).

MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA

O presente estudo, que utilizou como metodologia a análise de conteúdo, tem por objetivo comparar o jornalismo regional de Passo Fundo com o jornalismo estadual do Rio Grande do Sul sobre o Caso Diógenes Basegio. Os jornais estudados foram: *O Nacional*, *Diário da Manhã*, *Zero Hora* e *Correio do Povo*, no período de 25 a 29 de novembro do ano de 2015, que mencionavam o então deputado Diógenes Basegio e a sua cassação na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul.

A metodologia utilizada neste estudo é a análise de conteúdo quantitativa e qualitativa. Segundo Laurence Bardin (1977, p. 19), “a análise de conteúdo é uma técnica de investigação que tem por finalidade a descrição sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação”. É um método utilizado comumente em processos de comunicação, já que qualquer transporte de significados de um emissor para um receptor, controlado ou não, pode ser escrito, descrito, decifrado e interpretado por técnicas de análise de conteúdo (BARDIN, 1977, p. 32). Com base no objeto de estudo elencado por este trabalho, que trata da análise

de conteúdo produzido pelo jornalismo impresso municipal de Passo Fundo e estadual de Porto Alegre acerca da cassação do então deputado Diógenes Basegio, foi empreendida a tarefa de verificar se este conteúdo continha os chamados valores-notícia, sendo neste estudo utilizados como categorias de análise estabelecidas por Nelson Traquina.

Utilizando o método de análise de conteúdo é possível tirar partido das mensagens comunicacionais para deduzir de maneira lógica conhecimentos sobre o emissor e meio da mensagem (BARDIN, 1977, p. 39). Esse método tem como objetivos a ultrapassagem da incerteza, que é o questionamento comparativo da visão do analista sobre a sua própria leitura e se ela pode ser partilhada, e o enriquecimento da leitura, para ir além do olhar imediato e espontâneo e explorar as interpretações e conclusões de uma leitura atenta e fecunda (BARDIN, 1977, p. 29). Além de servir para a formulação de hipóteses, a análise de conteúdo possibilita ao analista realizar descobertas e novas relações entre dados e interpretações, o que buscaremos realizar de forma quantitativa e qualitativa, inclusive comparando os periódicos entre si.

A análise de conteúdo, segundo Bardin, tem duas funções principais: a função heurística, que é exploratória e aumenta a propensão à descoberta, e uma função de administração de prova, em que hipóteses e questionamentos são elucidados por método de análise sistemática, garantindo assim afirmações e conclusões (BARDIN, 1977, p. 30). Este estudo se vale das duas funções, visto que o material submetido à análise era de conteúdo rico e diverso, apropriado para exploração, e também porque a presença do critério de noticiabilidade da proximidade (ou a sua ausência) está definida como alvo de debate dentro dos objetivos de pesquisa.

O próximo passo, após a análise, é a transformação de dados brutos em texto representativo, enumerando e classificando conforme as categorias antes estabelecidas (BARDIN, 1977, p.

104). Depois os dados são categorizados em temas e assuntos afins para isolar e organizar as mensagens (BARDIN, 1977, p. 117) e, por fim, tratar e interpretar os dados codificados. Nesta pesquisa foram aplicados os estudos de Nelson Traquina, que atribui a previsibilidade do esquema geral de notícias a critérios e operações que estariam aptos a receber tratamento jornalístico por possuírem valor como notícia. Por esse motivo, os critérios recebem o nome de “valor-notícia” (TRAQUINA, 2013, p. 61).

A análise qualitativa e quantitativa foi escolhida porque julgamos ser este o melhor procedimento para responder ao nosso problema de pesquisa. Na análise quantitativa é revelada a frequência com que o objeto de estudo surge nas amostragens selecionadas. Já na análise qualitativa é a presença ou ausência de características selecionadas nas amostragens que são tomadas em consideração (BARDIN, 1977, p. 21).

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS OBJETOS

Os jornais impressos escolhidos para análise seguiram esta ordem: *Diário da Manhã*, *O Nacional*, *Correio do Povo* e *Zero Hora*. Cada um dos recortes é descrito através da sua localização na diagramação, o tipo de notícia e sua apresentação, seu aprofundamento no caso e se há continuidade e conclusão. As notícias selecionadas foram categorizadas segundo uma tabela de síntese de valores-notícia, sendo estes baseados em livre estudo e interpretação das teorias de Nelson Traquina (2013, p. 76-80). A tabela foi preenchida com um valor unitário (1) para cada valor-notícia encontrado na chamada e no corpo do material selecionado. Após o preenchimento, foi feita uma tabela geral contendo a soma do que foi encontrado em cada veículo durante o período de recorte para, depois, ser comparada e interpretada com base na revisão literária.

Tabela 1 – Modelo de tabela de valores-notícia.

Importância					Excepcionalidade					Negatividade					
Notoriedade	Proximidade	Relevância	Tempo	Simplificação	Quantidade de pessoas	Novidade	Inversão	Insólito	Falha	Excesso/Escassez	Inesperado	Morte	Conflito	Infição/Escândalo	Dramatização

Para a composição do gráfico foram elencados os grupos de valores-notícia Importância, Excepcionalidade e Negatividade. Como os grupos possuem números diferentes de itens, foram executados cálculos simples de multiplicação, soma e divisão: todos os valores notícia (16 no total) foram somados e divididos pelo número de grupos (três), o que resultou em 5,33 aproximadamente, valor este entendido como a média de valores-notícia presentes em cada grupo para se chegar ao verdadeiro valor de cada item na formulação do gráfico. Para os grupos Importância e Excepcionalidade cada item tem o peso de 0,88 e para o grupo Negatividade cada item tem o peso de 1,33. Assim, ao multiplicar os itens com seu peso e aplicar no gráfico, é possível chegar a um resultado muito mais equilibrado e condizente com as conclusões obtidas através da leitura aprofundada.

Jornal Diário da Manhã

O jornal *Diário da Manhã* foi o periódico de Passo Fundo que mais vezes mencionou o objeto de estudo. Foram cinco notícias ao longo de três dias. Porém, o conteúdo é de muita informação, quase em estado bruto, pouca compreensão do contexto e teve mais aparições em pequenas notas em seções de colunistas.

No dia 25/11/2015 o objeto de estudo foi citado três vezes. Na capa, apenas um título informando a medida tomada pela Assembleia Legislativa e uma chamada com dois fatos acerca da

decisão. A próxima citação foi na coluna da editora, com título simples e a exposição de alguns fatos, texto repetido e certa dramatização. Já a matéria principal ocupou a página inteira e usou várias citações do processo, inclusive relatando o conteúdo da carta de renúncia de Diógenes Basegio, detalhe não explorado noutros jornais. Já nos dias 26 e 27 de novembro, o assunto apareceu somente na coluna assinada da página dois, com pequenas notas e poucos fatos novos.

No período selecionado para o corte da pesquisa, o jornal *Diário da Manhã* foi o que divulgou mais fatos em forma de informação bruta acerca da cassação de Diógenes Basegio, com números e citações de agentes de notoriedade. Porém, em nenhum momento houve alguma indicação do valor-notícia *Proximidade* e também nenhuma informação que poderia criar algum contexto, nem o histórico do caso nem mesmo o porquê do processo de cassação ter ocorrido. Qualquer pessoa que se baseasse somente nesses jornais como fonte de informação, pouco saberia sobre o acontecimento, pois o jornal focou apenas na atualidade do fato.

É importante frisar que, devido à natureza do objeto escolhido, para fazer o levantamento do estudo, alguns valores-notícia apareceram repetidamente e em maior grau. Esse foi o caso do valor-notícia *Notoriedade*, que aparece bastante pontuado na Tabela 2, a seguir, por causa do fato de Diógenes Basegio ser, na data do ocorrido, um político de importância na Assembleia Legislativa do Rio grande do Sul. Foi também o caso do valor-notícia *Infração/ Escândalo*, devido aos atos do político que o levaram à denúncia por quebra de decoro. Então, com base na Tabela 2, consideremos que a interpretação dos dados mais profunda ficou por conta dos outros valores-notícia encontrados no recorte.

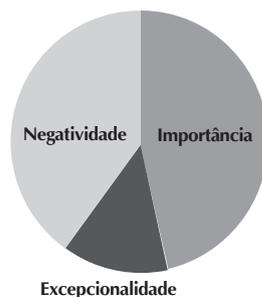
Outro valor-notícia bastante pontuado foi a *Simplificação*. Isso pode demonstrar que o jornal preferiu uma abordagem sucinta e direta, sem muito aprofundamento ao caso, e se relaciona bem ao

outro valor-notícia encontrado quatro vezes, a *Novidade*, já que ao longo das cinco notícias apuradas as informações eram divulgadas de maneira moderada, talvez com o objetivo de manter o assunto sempre vivo aos leitores.

Tabela 2 - Tabela de valores notícia - *Diário da Manhã*.

Importância					Excepcionalidade					Negatividade					
Notoriedade	Proximidade	Relevância	Tempo	Simplificação	Quantidade de pessoas	Novidade	Inversão	Insólito	Falha	Excesso/Escazez	Inesperado	Morte	Conflito	Infração/escândalo	Dramatização
5		2	1	4	2	4							1	4	3

Representada no gráfico ao lado, a *Importância* alcançou 47%; a *Negatividade*, 40%, e a *Excepcionalidade*, 13%.



Mas o valor que mais chamou atenção nas publicações do *Diário da Manhã* foi a *Dramatização*, que apareceu três vezes. Este valor-notícia é comum em seções de colonistas e, como aparecem mais vezes na coluna da editora do periódico, pode representar um posicionamento da redação e até uma manifestação mais direta do jornal quanto ao caso e às pessoas envolvidas. Embora de maneira curta, sempre foi manifestada uma opinião sobre o caso, o que poderia atestar um envolvimento com o objeto de estudo e os fatos que ocorreram no decorrer dos dois dias selecionados do recorte. Boa parte desta dramatização foi encontrada também na descrição da carta de renúncia de Diógenes Basegio, a qual, como é de se esperar em documentos desse tipo, esteve recheada de dramas, conflitos e acusações, como na

citação a seguir: “Ainda na carta, o deputado acusa o jornalismo que criminaliza os políticos, referindo-se ao ‘jornalista sem rosto’, que produziu todo o conteúdo acusatório e gerou o processo na comissão de Ética da Assembleia”². O teor desta carta foi revelado com detalhes somente por este periódico, o que de certa forma também revela algum tipo de posicionamento da editoria. Nesta carta também apareceu o valor-notícia *Conflito*, devido também à natureza do texto.

O valor-notícia *Quantidade de pessoas envolvidas* aparece pouco, porém de forma importante na matéria principal do caderno *Conexão* do dia 25/11/2015, em que várias citações de outros membros da Assembleia foram confrontadas³, e também em uma coluna assinada noticiando a continuidade do processo. O valor-notícia *Relevância* foi encontrado também em coluna assinada e se referiu mais ao futuro da Assembleia Legislativa do que o impacto da cassação no cenário político e social passo-fundense.

O mais relevante destes valores-notícia, levando em conta o local da publicação, não foi encontrado no recorte: a *Proximidade*. Em nenhum momento foi citada a origem e região de interesse que o então deputado Diógenes Basegio representava, muito menos o impacto que tal notícia teria sobre a realidade da cidade da publicação. O histórico do embate entre jornalismo e política poderia dar alguma luz ao motivo de tal omissão ou até mesmo a relação dos envolvidos com a redação do jornal. São coisas que, infelizmente, não se pode citar em um trabalho acadêmico por falta de referências escritas válidas, mas é algo a se ponderar sobre a decisão de não salientar a origem do deputado e sua influência na cidade de Passo Fundo.

² DIÁRIO DA MANHÃ. Passo Fundo: 25 nov. 2015. p. 01. Caderno Conexão.

³ Ibidem.

Nos jornais selecionados pelo recorte foram encontradas três ocorrências do objeto de estudo no período de três dias. As duas notícias publicadas logo após o ocorrido (25/11/2015) grifam bastante a novidade e ineditismo da decisão. Ao histórico e contexto da notícia foi dada pouca importância (praticamente nula) em detrimento da reação de outras pessoas envolvidas. Dentro da diagramação, na capa foi o segundo elemento de maior grandeza, localizado logo após a foto com a manchete do assunto destaque daquela edição e, na página 10, teve o maior destaque. O objeto de estudo reapareceu dois dias depois (27/11/2015) em um *box* novamente na página 10 e desta vez trouxe fotografia e fundo colorido. A nota curta explicou as consequências dentro da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul em função do ocorrido, mas novamente não ofereceu contexto apurado e histórico ao leitor. Devido ao seu tema, apresenta vários agentes notórios no desenvolver da narrativa.

Em algumas das notícias avaliadas existiu valor-notícia de proximidade, porém sem aprofundamento, limitando-se a citar a origem do deputado. No *box* do dia 27 o texto finalizou com um gancho, com uma tímida tentativa de expor a consequência da cassação de Diógenes Basegio à região de Passo Fundo com a mudança das cadeiras na Assembleia Legislativa.

Tabela 3 - Tabela de valores-notícia - *O Nacional*.

Importância					Excepcionalidade					Negatividade					
Notoriedade	Proximidade	Relevância	Tempo	Simplificação	Quantidade de pessoas	Novidade	Inversão	Insólito	Falha	Excesso/Escassez	Inesperado	Morte	Conflito	Infratã/Escândalo	Dramatização
3	2	1		2	2	2							1	2	

Apurando o conjunto dos principais valores-notícia no gráfico ao lado, temos que a *Importância* alcançou 60%; a *Negatividade*, 28%, e a *Excepcionalidade*, 12%.

Os valores-notícia mais encontrados foram novamente *Notoriedade* e *Infração/ Escândalo*, conforme previsto anteriormente, em razão do acontecimento e da influência das pessoas envolvidas.

O valor-notícia que mais chamou a atenção foi a *Novidade*. O novo, o excepcional e o inédito foram muito frisados nas notícias encontradas na edição do dia 25, tanto na capa quanto na matéria da página 9. Apareceram nos chapéus destas notícias termos como “Unanimidade”⁴ e “Decisão histórica”⁵, além de várias passagens nos textos reiterando o ineditismo da decisão da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, o que supõe que a ideia da redação foi apresentar a importância da notícia no estilo antigo, ou seja, valorizando o extraordinário.

A *Simplificação* apareceu somente na capa do dia 25, que cumpriu seu papel com uma apresentação sucinta do fato, e também na notícia do anúncio do substituto de Diógenes Basegio, no dia 26, página 10, em que o pequeno *lead*⁶ acompanhado de foto divulgou tudo aquilo que seria relevante ao leitor. É de se esperar que tenha sido opção da redação valorizar o pouco espaço com informações que julgou serem pertinentes, enquanto na



⁴ O NACIONAL. Passo Fundo: 25 nov. 2015. Capa.

⁵ Ibidem, p. 9. Seção Plenário.

⁶ *Lead* ou *Lide* é o texto que carrega o maior número de informações em um relato jornalístico, geralmente situado no primeiro parágrafo. Sua estrutura contém dados básicos como quando, onde, como e quem faz parte do fato narrado. É sempre direto e objetivo, sem interrogações ou citação. Fonte: FERRAMENTAS FOCA. Dicas para a construção do lead no jornalismo. Disponível em: <<http://www.ferramentasfoca.com/2013/02/dicas-e-regras-para-construcao-do-lead.html>>. Acesso em: 18 nov. 2016.

capa a ideia talvez tenha sido chamar bastante atenção ao caso. Já o valor-notícia *Quantidade de pessoas envolvidas* foi encontrado em sua maioria na matéria da página 9 do dia 25, com várias citações e depoimentos cruzados entre membros da Assembleia Legislativa. Nesses depoimentos encontrou-se a única citação do valor-notícia *Conflito*.

Mas o que diferencia enormemente a cobertura do caso do jornal *O Nacional* de seu concorrente *Diário da Manhã* foram dois valores-notícia: a *Relevância* (encontrada uma vez) e a *Proximidade* (encontrada duas vezes). Já na capa do dia 25 o jornal fez questão de lembrar que o deputado cassado era passo-fundense, e na matéria do dia 26 saiu a citação: “Assim, Passo Fundo perde um deputado na defesa da região para Caxias do Sul”⁷. Embora curto, esse “gancho” reúne os valores-notícia *Proximidade* e *Relevância* e demonstra que a publicação sabia da importância do deputado na região. *O Nacional* foi o único a destacar a perda de espaço da localidade na Assembleia, um fato que prejudica a região de Passo Fundo na administração estadual.

A diagramação, por sua vez, sempre criou uma maneira de destacar as citações de Basegio em tamanho e localização relevantes na página, fosse na capa ao lado da fotografia da manchete, fosse na matéria de meia página e até no pequeno *box* de fundo amarelo. Todas as matérias citaram o objeto de estudo, o que poderia significar, juntamente com o uso bem aplicado do valor-notícia *Proximidade*, que o jornal *O Nacional* tinha noção da relevância do caso para a cidade e a região e fez uso do que tinha em mãos para lembrar o seu leitor de tal fato.

⁷ O NACIONAL. Passo Fundo: 26 nov. 2015. p. 10. Seção Plenário.

O objeto de estudo foi pauta de quatro notícias no jornal *Correio do Povo* de Porto Alegre com duas notícias por página, uma servindo de complemento à outra. Na página 4 do dia 25/11/2015 o objeto é citado em uma reportagem que ocupa um quarto da página no sentido vertical. Mesmo curto, o texto é bastante abrangente, apresentando não somente a novidade do caso, mas também criando um contexto para melhor entendimento do leitor, como infração, histórico da discussão e as medidas tomadas e não tomadas pelo deputado cassado. Apesar das breves referências às pessoas envolvidas, pode-se afirmar que houve aprofundamento no assunto. As citações foram curtas, porém bem colocadas. E, na coluna de Taline Oppitz, que ocupou metade da página, o objeto de estudo foi citado em um pequeno parágrafo que também apresentou novos dados, além de salientar pontos importantes da notícia da mesma página. Mesmo sendo uma coluna assinada, não houve manifestação de opinião ou qualquer dramatização do fato.

No dia 26/11/2015 o objeto aparece novamente em notícia dupla. A primeira, no meio da página, novamente foi curta e também citou as notícias e ocorridos passados, incluindo dados sobre os históricos dos novos agentes envolvidos. A segunda notícia, de apenas um parágrafo, apresentou fatos não relevados nos periódicos anteriores.

Ao total, o jornal *Correio do Povo* mostrou, mesmo com espaço reduzido, um maior número de informações e fatos mais relevantes que os mostrados pelos periódicos passo-fundenses, bem como a abrangência do histórico foi muito maior, fazendo, com pouco espaço, uma cobertura mais completa.

Tabela 4 - Tabela de valores-notícia - *Correio do Povo*.

Importância					Excepcionalidade					Negatividade					
Notoriedade	Proximidade	Relevância	Tempo	Simplificação	Quantidade de pessoas	Novidade	Inversão	Insólito	Falha	Excesso/Escazesz	Inesperado	Morte	Conflito	Infração/Escândalo	Dramatização
4		1	1	2		2			2				2	3	

A partir dessa checagem de valores-notícia, os valores representados no gráfico evidenciam ter sido esta a publicação com teor mais balanceado. A *Importância* alcançou 41%; a *Negatividade*, 39%, e a *Excepcionalidade*, 20%.



Comparado aos periódicos de Passo Fundo, o *Correio do Povo* dá mostras de maior experiência jornalística. Conseguiu informar melhor, de maneira rápida e direta, muito mais fatos e acontecimentos do que as publicações do *O Nacional* e do *Diário da Manhã*. Mesmo sendo o único periódico analisado que não colocou o assunto na capa, o *Correio do Povo* soube aproveitar melhor o espaço. Suas notícias, sempre na mesma página, registravam uma tentativa de cobertura, um método mais abrangente de se abordar um assunto.

Novamente, *Notoriedade* e *Infração/Escândalo* foram os valores-notícia que mais apareceram, o que não é novidade. Já a *Simplificação*, embora tenha aparecido duas vezes, foi de certa forma o resumo do assunto no jornal, pois todas suas aparições foram curtas e resumindo informações. *Novidade* também apareceu duas vezes por conta do formato escolhido pela redação, já que nas quatro notícias duplas foi possível notar uma fórmula: uma

notícia apresentando a novidade do caso e a outra desmembrando o assunto em outros fatos pertinentes.

O valor-notícia *Falha*, com duas aparições, está relacionado com o próprio processo, que, pela descrição exposta em todos os periódicos, foi feito às pressas e não contemplou todas as denúncias e acusações contra Diógenes Basegio. A diferença entre o *Correio do Povo* e os outros jornais foi que este valor-notícia apareceu duas vezes na mesma página, o que pode ser entendido como uma exposição do outro lado da notícia, algo que é muito importante em uma escrita jornalística. A aparição de *Conflito*, duas vezes pela mesma razão, revela a relação conflituosa que surgiu devido ao processo de cassação com citações dos membros da Assembleia:

O mais enfático deles, deputado Ciro Simoni (PDT), criticou o parecer produzido pelo colega Marlon Santos (PDT), corregedor da Comissão de Ética, responsável por conduzir a investigação. [...] Segundo Ciro, a cassação deixa margem para que Basegio recorra à Justiça da decisão.⁸

Na sua contrapartida, a resposta do parlamentar: “Santos alegou que ficou convencido das irregularidades e que não havia tempo hábil para acrescentar as demais denúncias, como adulteração do odômetro de um veículo, no processo”⁹. E para acirrar a discussão, a opinião de um agente de notoriedade: “O deputado Ibsen Pinheiro (PMDB) pediu a reforma do Código de Ética”¹⁰. Três citações que mostram conflito, cada uma com seu ponto de vista colocado de forma direta. Um belo exemplo do que seria estar presente em um embate político tamanho foi o ocorrido.

⁸ CORREIO DO POVO. Porto Alegre: 25 nov. 2015. p. 4.

⁹ Ibidem, p. 15.

¹⁰ Ibidem, p. 15.

Os outros dois valores-notícia citados têm aparições únicas e relevantes dentro da mesma notícia intitulada “Projetos serão arquivados”, publicada no dia 26 de novembro de 2015. O valor-notícia *Tempo* aparece para identificar um dos projetos do deputado cassado e o ano em que foi protocolado e, por sua vez, o valor *Relevância* aparece pela própria notícia em si, ao revelar o futuro do trabalho de quem é cassado na Assembleia Legislativa. Visto que é um fato inédito, então pouca coisa se sabe sobre o processo.

Portanto, o jornal *Correio do Povo* teve em mente o leitor que vê no jornal uma maneira para se informar rapidamente, pois tudo nele era simples, prático e rápido. Mesmo assim, houve um esforço para inteirar o leitor que desconhecia o caso, algo que não foi encontrado em nenhum dos jornais passo-fundenses. É possível descobrir do que ele foi acusado e também saber um pouco da situação do caso na Assembleia, sem precisar revelar carta de renúncia ou qualquer outro recurso dramático. Aliás, não havia nenhum espaço para dramatizações, apenas *leads* curtos, seguindo a norma da pirâmide invertida¹¹, muito difundida no jornalismo impresso atual. Todo o texto teve valores balanceados, como aparece no gráfico, o que pode ser visto como fruto de experiência jornalística da redação.

Comparado aos periódicos da cidade de Passo Fundo, o *Correio do Povo* fez seu trabalho como imprensa política muito mais prático e detalhado. Porém, comparado ao seu concorrente estadual, ele foi muito direto e extremamente econômico, como veremos a seguir.

¹¹ Estrutura textual utilizada no jornalismo que coloca os dados mais importantes no início do texto, concluindo com o desenvolvimento e fechamento. Geralmente segue esta fórmula: Lead, Sublead, Desenvolvimento e Fechamento (FERRAMENTAS FOCA. Pirâmide invertida explicada para não restar dúvidas. Disponível em: <<http://www.ferramentasfoca.com/2013/07/piramide-invertida-no-jornalismo.html>>. Acesso em: 18 nov. 2016).

Ao longo do período escolhido pelo recorte foram encontradas quatro citações do objeto de estudo escolhido, sendo duas no dia seguinte ao fato, 25 de novembro, uma no dia 27 e outra no dia 29. As duas primeiras ocorrências foram, entre todos os jornais avaliados, as mais relevantes. Na capa a manchete teve destaque maior (até que a pauta de abrangência nacional que ocorria no mesmo dia) e foi apresentada de maneira sucinta, direta e com as informações pertinentes sobre o caso. A matéria de meia página foi a que conteve o texto mais rico em valores-notícia, comparado aos demais jornais escolhidos por este estudo. Muita informação relegada por outras publicações apareceu nesta reportagem, incluindo a infração, a descrição do então deputado, a relação de acusações que sofreu, quem fazia parte de sua manobra, quem o delatou, quem o defendeu e quem o acusou na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul. Apareceu inclusive uma lista de deputados julgados anteriormente e outras infrações de membros em que a Assembleia teve de tomar atitude legal. As citações dos políticos envolvidos foram utilizadas no texto de forma a se fazer parte da narrativa, algo que engrandece muito a leitura. Inclusive, em vários pontos do texto mostra-se um esforço em definir ao leitor o clima da decisão. Outro ponto que chamou muita atenção foi o uso da *Dramatização*, que deu um tom de relato à matéria.

No dia 27 foi publicada uma pequena nota em coluna assinada por Roseane de Oliveira acerca do substituto de Diógenes Basegio. Essa nota, diferente das outras citações, focou no substituto e, especialmente, na instituição estatal da qual ele fazia parte antes de assumir na Assembleia, assim como no futuro dessa instituição. O título desta chamada usa um termo carregado de opinião e, talvez, ironia.

Já no dia 29, domingo, o objeto deste estudo reapareceu na seção em que a publicação elegeu quais foram os sete fatos mais

importantes da semana. O ocorrido foi descrito em um *lead* padrão e bem definido, com toda informação de relevância apresentada no dia 25 resumida em um pequeno parágrafo.

Tabela 5 - Tabela de valores-notícia - *Zero Hora*.

Importância						Excepcionalidade					Negatividade				
Notoriedade	Proximidade	Relevância	Tempo	Simplificação	Quantidade de pessoas	Novidade	Inversão	Insólito	Falha	Excesso/Escazes	Inesperado	Morte	Conflito	Infragã/Escândalo	Dramatização
4	1	3	1	3	1	3		3					2	3	2

Mais uma vez, o levantamento de dados evidenciou neste outro jornal estadual valores balanceados: a *Importância* chegou a 44%; a *Negatividade*, 36%, e a *Excepcionalidade*, 20%.

Comparando com os jornais selecionados pelo recorte, é notável a diferença de tratamento que o jornal *Zero Hora* dispensou ao objeto de estudo. O jornal fez questão de dar destaque ao caso, dedicando até na capa mais relevância para a cassação de Basegio do que para o assunto que havia norteadado quase todas as edições nacionais da época: a prisão do pecuarista José Carlos Bumlai, acusado de tráfico de influência em 24 de novembro de 2015¹². A matéria do dia 25 de novembro foi a mais completa encontrada dentro do recorte selecionado e boa parte dos valores-notícia encontrados na análise aparecem nela.



¹² G1 PARANÁ. Polícia Federal prende empresário e pecuarista Bumlai em Brasília. Disponível em: <<http://g1.globo.com.br/pr/parana/noticia/2015/11/policia-federal-deflagra-21-fase-da-lava-jato-em-3-estados-e-no-df.html>>. Acesso em: 11 nov. 2016.

Mais uma vez, *Notoriedade e Infração/Escândalo* aparecem mais devido à natureza do assunto. O valor-notícia *Insólito* foi citado três vezes, sempre se referindo ao fato inédito da cassação, mas de maneira muito mais enfática do que outro jornal que priorizou a novidade: o passo-fundense *O Nacional*. Já o valor-notícia *Novidade* apareceu três vezes em três edições distintas. Estes valores também apareceram na capa.

O valor *Relevância* esteve na capa, na matéria do dia 25 e na coluna do dia 27. Na coluna de Roseane Oliveira apareceu na forma de conclusão do caso, envolvendo o substituto de Diógenes Basegio, o deputado Vinícius Ribeiro, pois quando ele assumiu a vaga na Assembleia deixou em aberto a presidência da CORAG (Companhia Rio-grandense de Artes Gráficas), que é responsável por várias publicações governamentais, incluindo o Diário Oficial do Rio Grande do Sul¹³. Já a *Simplificação* esteve também na capa e na coluna do dia 27, mas sua citação de maior destaque ficou no *lead* do dia 29 e, nesta parte, foi de muito valor, pois demonstrava a vontade da redação do periódico em manter o caso ainda vivo aos leitores.

O valor-notícia *Dramatização* foi um dos que recebeu um tratamento completamente diferente dos outros materiais analisados, sendo sempre usado para chamar a atenção do leitor a detalhes que poderiam passar despercebidos. Na coluna do dia 27 ele apareceu no modo direto e, podemos dizer, agressivo. O título “CORAG ACÉFALA”¹⁴ não poupou a dramatização. Mas as aparições mais interessantes deste valor-notícia ficaram na matéria de meia página do dia 25, pois nelas a dramatização foi usada para tornar a leitura mais prazerosa. Ela já aparecera no início com a citação: “Por unanimidade, mas em clima de cons-

¹³ CORAG. Apresentação. Disponível em: <<http://www.corag.rs.gov.br/conteudo/1002/apresentacao>>. Acesso em: 11 nov. 2016.

¹⁴ ZERO HORA. Porto Alegre: 27 nov. 2016. p. 16. Política.

trangimento, o deputado estadual Diógenes Basegio (PDT) teve o mandato cassado ontem à noite”¹⁵ e novamente demonstrou o ambiente do plenário: “o assunto dominou a reunião de líderes ontem de manhã. A portas fechadas, houve bate-boca e gritaria”¹⁶ e até uma citação do então presidente da Assembleia, deputado Edson Brum (PMDB), foi utilizada como carga dramática no texto. Mesmo sendo um valor-notícia comumente utilizado em tabloides sensacionalistas ou outras publicações que fazem uso negativo deste recurso, a dramatização também pode ser utilizada como método de narrativa com o objetivo de prender a atenção do leitor e criar uma leitura mais prazerosa, o que fica demonstrado na matéria do jornal *Zero Hora*.

O valor-notícia *Conflito* é citado duas vezes, uma do mesmo modo que as outras publicações, com o embate de opiniões do envolvidos, e a outra é de fato inédita, pois fala do futuro da CORAG, coisa que nenhum outro periódico fez. O valor *Quantidade de pessoas envolvidas* também foi usado no mesmo padrão das outras publicações. Já os valores-notícia *Tempo* e *Proximidade* apareceram em momentos importantes da narrativa: *Tempo* é citado várias vezes no *box* intitulado “SOB INVESTIGAÇÃO”¹⁷ anexo à matéria do dia 25, com várias datas revelando o histórico do deputado e da própria Assembleia. Já o valor *Proximidade* esteve na capa onde o jornal frisou o termo “gaúcho” e criou um território cultural para o assunto.

Foram vários os motivos que fizeram da cobertura do jornal *Zero Hora* a leitura mais atrativa e elucidativa. Fosse na capa em que foi manchete, fosse na matéria do dia 25, recheada de valores-notícia, recursos de escrita romanceados e muita informação, ou mesmo na inclusão do caso na seção de sete assuntos pertinentes da

¹⁵ ZERO HORA. Porto Alegre: 25 nov. 2016. p. 14.

¹⁶ Ibidem, p. 22.

¹⁷ Ibidem, p. 22.

semana. Nota-se que o *Zero Hora* assumiu a importância dos acontecimentos e repassou essa preocupação ao leitor de forma completa e muito bem escrita. Outra coisa a se notar é que a matéria do dia 25 foi a única assinada, escrita por Juliana Bublitz. Vale lembrar que política e jornalismo possuem uma relação conflituosa e que muitos repórteres evitam assinar matérias que envolvam políticos em escândalos, exceto em caso de muita experiência, coragem ou inocência, e eu creio que o último caso não tenha sido a razão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

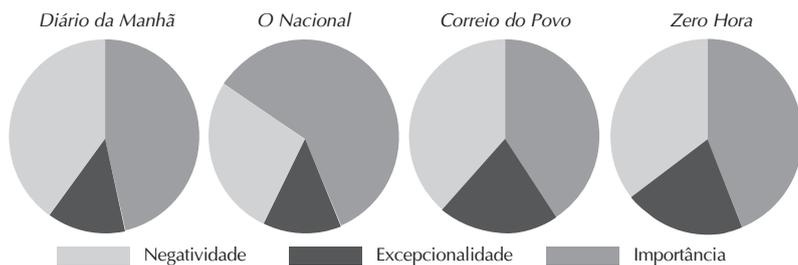
Após analisar de maneira quantitativa e qualitativa os quatro periódicos selecionados para estudo (os passo-fundenses *O Nacional* e *Diário da Manhã* e os portoalegrenses *Correio do Povo* e *Zero Hora*), é possível destacar, em primeiro lugar, que a abordagem, a escrita, a disposição gráfica e a interpretação dos fatos foram bastante diferentes nos jornais analisados. Talvez isso se deva a que a estrutura, a tiragem, o histórico e até a personalidade dos periódicos são diversas e o tratamento dado ao caso também foi muito pessoal em cada publicação.

Ainda dentro das comparações, existiu uma grande diferença de experiência jornalística e organização da redação entre os jornais pesquisados, sendo que os da região de Porto Alegre deram mais clareza ao texto e maior abrangência ao fato do que os de Passo Fundo. É bom frisar que a diferença na estrutura também influi neste fato, pois os periódicos da capital tinham mais insumos e ferramentas disponíveis – como um repórter para fazer a cobertura no local –, enquanto os passo-fundenses tiveram de se contentar com os *releases* e a transmissão via áudio disponibilizados pela própria Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, afinal uma pessoa portando papel e caneta faz um registro muito mais profundo do que várias câmeras ou materiais da assessoria de imprensa.

Ainda é possível interpretar que o valor-notícia *Proximidade* foi, de fato, bastante relegado nas publicações e sua ausência em jornais da cidade é ainda mais preocupante, pois nos periódicos estaduais ele esteve atrelado à cultura gaúcha e não ao território. Nos impressos de Passo Fundo ele só apareceu de forma tímida e de pouca importância, parecendo mais distante de sua própria realidade do que jornais de outras localidades. Embora as datas escolhidas para o recorte tenham abrangência dos fatos em um período em que o assunto era apresentado em ritmo diminuído, o que poderia justificar uma cobertura mais econômica dos fatos, ainda falta o pertencimento que a proximidade gera ao leitores. A notícia também vai muito além do texto e só o fato de a cobertura de Passo Fundo ter sido bem menor do que a de Porto Alegre já demonstra que a proximidade não foi relevada em nenhum momento. Poderia haver dados do histórico, uma grande reportagem contendo entrevistas com os envolvidos, a opinião de outras personalidades locais acerca do caso, porém só houve, da parte dos periódicos passo-fundenses, uma abrangência rasa e pouco inspirada, parecendo mais uma coleção de *releases* e pequenos parágrafos do que uma cobertura jornalística de qualidade.

Ao pesquisar os dados e informações do recorte, é visto que a disparidade chegava a extremos. De um lado, vários erros gramaticais, diagramação confusa, textos reaproveitados e pouca relevância. De outro, textos contendo estruturas narrativas, escrita criativa, objetos e organizações visuais bem planejadas dentro do princípio da semiótica e uma preocupação em manter o leitor sempre bem informado. Essa diferença aparece, inclusive, nos gráficos a seguir, com os grupos de valores-notícia, os quais quando comparados demonstram que os jornais impressos de Passo Fundo priorizaram os grupos que elencaram importantes, sendo que no jornal *O Nacional* o grupo *Importância* teve relevância tão grande

que pautou bem mais da metade dos valores-notícia utilizados para a cobertura do caso.



Já nos jornais impresso de Porto Alegre, nota-se que há uma harmonia entre os grupos, o que pode significar uma redação que tem em mente o público heterogêneo e uma cobertura muito mais ampla e rica em comparação aos periódicos passo-fundenses. Se o recorte da pesquisa fosse outro período, provavelmente os resultados seriam os mesmos para os jornais de Porto Alegre, talvez com um pouco mais relevância ao grupo “Excepcionalidade” (o caso Basegio não era mais novidade nas pautas do período selecionado), porém daria para afirmar o mesmo sobre os jornais de Passo Fundo.

As capas também demonstram essa disparidade, pois enquanto o jornal *Zero Hora* deu prioridade total ao caso, o jornal *O Nacional* deu destaque maior a uma pauta com mais natureza de serviço do que de notícia. Por sua vez, no *Diário da Manhã* prevaleceu um assunto conhecido como “pauta de gaveta”, termo usado para identificar notícias que são corriqueiras e geralmente utilizadas para preencher lacunas da redação.

Desta forma, com base nos estudos teóricos acerca dos conceitos pertinentes que embasaram esta pesquisa, é possível se aproximar do objetivo deste trabalho, sendo que a comparação entre os jornais selecionados, acerca de um tema relevante à re-

gião de Passo Fundo, revelou um pouco da realidade dos jornais impressos de cada região e de seu comportamento.

Esta pesquisa, através de análise de conteúdo e de interpretação de dados, alcançou seu objetivo de estudo e foi positiva porque apontou e registrou as características principais de cada um dos periódicos selecionados com base em acadêmicos conceituados na comunicação social.

A importância dos veículos mídia na divulgação das notícias é notória, pois influencia a interpretação dos fatos pela sociedade. É sabido que, para se dar uma notícia, existem várias maneiras, e isso se provou ao analisarmos a personalidade que cada veículo midiático apresentou na análise. Descobrimos que os jornalistas fizeram o seu trabalho e repassaram informações ao público à sua maneira. Espera-se que esta pesquisa sirva de base para futuros estudos (inclusive do próprio autor).

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 1977.
- BOURDIN, A. *A questão local*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- CORRÊA, T. G. KOERICH. Marina Alice da Luz F; KUCINSKI, B. *Comunicação: memória e resistência*. São Paulo: Paulinas, 1989.
- DARNTON, R. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- DILLENBURG, S. R. *Correio do Povo: histórias e memórias*. Passo Fundo: Ediupf, 1997.
- ERBOLATO, M. L. *Técnicas de codificação em jornalismo*. São Paulo: Ática, 1991.
- GODOY, M. B. *Jornalismo regional: 6º aniversário do jornal Correio do Povo*. Presidente Epitácio: Epitaciana, 2006.

GOLDENSTEIN, G. T. *Do jornalismo político à indústria cultural*. São Paulo: Summus, 1987.

KARAM, F. J. *Jornalismo, ética e liberdade*. São Paulo: Summus, 1997.

KUNCZIK, M. *Conceitos de jornalismo: norte e sul: manual de comunicação*. São Paulo: Edusp, 1997.

LIMA, G. M. *Releasmania: uma contribuição para o estudo do “press-release” no Brasil*. São Paulo: Summus, 1952.

MOREIRA, F. B. *Os valores notícia no jornalismo impresso: análise das “características substantivos” das notícias nos jornais Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e O Globo*. Porto Alegre: UFRGS, 2006. 157 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2006.

PIEDRAHITA, M. *Jornalismo moderno: história, perspectivas e tendências rumo ao ano 2000*. Lisboa: Plátano, 1993.

SOARES, I. O. *Para uma leitura crítica dos jornais*. São Paulo: Paulinas, 1984.

SODRÉ, M. *Sociedade, mídia & violência*. Porto Alegre: Sulina; Edipucrs, 2002.

SUSCA, V. *Nos limites do imaginário: o governador Schwarzenegger e os telepopulistas*. Porto Alegre: Sulina, 2007.

RINGOOT, R. Por que e como analisar o discurso no contexto dos estudos sobre jornalismo? [Título original: Pourquoi et comment et analyser le discours dans le cadre des études sur le journalisme? Versão em português do ensaio realizado por: Dione Moura e Fábio Henrique Pereira] In: *Comunicação e espaço público*. Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. 2006.

TRAQUINA, N. *O estudo do jornalismo no século XX*. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

TRAQUINA, N. *Teorias do Jornalismo – Volume I: Por que as notícias são como são*. Florianópolis: Insular, 2012.

TRAQUINA, N. *Teorias do Jornalismo – Volume II: A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional*. Florianópolis: Insular. 2012.

Periódicos “on line”

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Basegio assume liderança do PDT na Assembleia. Disponível em: <<http://www2.al.rs.gob.br/noticias/ExibeNoticia/tabid/5374/IdMateria/266977/language/pt-BR/Default.aspx>> Acesso em: 11 nov. 2016.

G1 RIO GRANDE DO SUL. Deputado Diógenes Basegio é acusado de exigir parte do salário dos assessores no RS. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/jornal/do/almoco/videos/v/deputado-diogenes-basegio-e-acusado-de-exigir-parte-do-salario-dos-assessores-no-rs/4238268/>>. Acesso em: 11 nov. 2016.

G1 RIO GRANDE DO SUL. Vinicius Ribeiro assume vaga deixada por Basegio na Assembleia. Disponível em: <<http://g1.globo.com.br/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2015/11/vinicius-ribeiro-assume-vaga-deixada-por-basegio-na-assemblei.html>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

O ALTO URUGUAI. Diógenes Basegio estará em FW nesta quinta-feira. [Jornal] Disponível em <http://www.oaltouruguai.com.br/publicacao.com.br-7482-Diogenes_Basegio_estara_em_FW_nesta_quinta-feira.fire>. Acesso em: 11 nov. 2016.

SUL 21. Assembleia cassa mandato do deputado Basegio. Disponível em: <<http://www.sul21.com.br/jornal/assembleia-cassa-mandato-do-deputado-basegio/>>. Acesso em 10 nov. 2016.

ZH NOTÍCIAS. Deputado estadual Diógenes Basegio renuncia ao mandato. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2015/11/deputado-estadual-diogenes-basegio-renuncia-ao-mandato-4911194.html>>. Acesso em 11 nov. 2016.

CAPÍTULO



REAÇÃO DE JORNALISTAS APÓS SITUAÇÕES TRAUMÁTICAS: ESTUDO DESCRITIVO-ANALÍTICO

Luana Fiorentin¹
Sônia Bertol

INTRODUÇÃO

Dada a importância em compreender os problemas psicológicos que os jornalistas podem ter ao longo da profissão, esta pesquisa estudará as suas reações após exposição a situações traumáticas. Alguns conceitos essenciais à pesquisa, tais como jornalismo de guerra, traumas psicológicos e estresse pós-traumático, assim como a fundamentação teórica, são explicados com base em diferentes autores.

O estudo será aplicado a dois casos: (a) o da jornalista norte-americana Mac McClelland, que simulou o próprio estupro após entrevistar uma mulher do Haiti vítima de abuso sexual, em setembro de 2010, durante a cobertura sobre o terremoto que assolou o país. A jornalista adotou tal medida para tentar curar o estresse pós-traumático, pois os tratamentos convencionais não estavam surtindo efeito. (b) O segundo caso é o do jornalista brasileiro José Hamilton Ribeiro que, ao cobrir a guerra do Vietnã

¹ Bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da FAC – Universidade de Passo Fundo.

em 1968, acabou perdendo parte da perna esquerda após pisar em uma mina. Ribeiro permaneceu cobrindo a guerra por 40 dias. Em ambos os casos ocorreram traumas após o exercício da profissão.

METODOLOGIA A PARTIR DE GIL E ANDRADE

Após a tradicional revisão bibliográfica em publicações científicas relacionadas ao objeto de estudo, procedeu-se um estudo descritivo-analítico. Segundo Gil (2002), “uma pesquisa descritiva pode investigar a ligação entre variáveis ou simplesmente descrever características de um fenômeno, amostra ou de um determinado caso”. Além disso, Andrade (2010) aponta que “nesse tipo de pesquisa os fatos são observados, registrados, analisados, classificados e interpretados, sem que o pesquisador interfira neles”.

Para estudar os traumas psicológicos dos jornalistas e como isso refletiu em suas vidas, foram descritas e analisadas as seguintes variáveis: (a) *trabalho*, investigando se após a situação traumática ocorreu afastamento da profissão ou não e se os repórteres voltaram a cobrir situações de conflito, guerra e violência; (b) *saúde*, descobrindo se o trauma trouxe algum problema de saúde, doença, distúrbio; (c) *comportamento*, analisando se houve mudança nas atitudes ou alteração de comportamento quando os jornalistas passaram pelo trauma.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE CASOS

Os traumas dos jornalistas Mac McClelland e José Hamilton Ribeiro serão descritos através de depoimentos, entrevistas ou registros em diferentes meios de comunicação. O quadro a seguir servirá de modelo investigativo para cada caso.

Quadro 1. Variáveis dos dois casos do estudo descritivo-analítico.

Estudo descritivo-analítico de dois casos sobre as variáveis			
Trabalho	Saúde		Comportamento
<ul style="list-style-type: none"> • Afastamento da profissão • Voltaram a fazer a cobertura em situação de conflito, guerra, violência e impacto 	<ul style="list-style-type: none"> • O trauma trouxe algum problema de saúde, distúrbio ou doença 		<ul style="list-style-type: none"> • Houve mudança nas atitudes, alteração de comportamento quando passaram pelo trauma
Critérios de análise			
Casos	Trabalho	Saúde	Comportamento
Mac McClelland			
José Hamilton Ribeiro			

Descrição do caso Mac McClelland

Jornalista americana especializada em direitos civis, Mac McClelland cobriu ao longo da carreira diversas situações de violência, conflito e impacto. Esse tipo de jornalismo é feito em tempo real e desafia o profissional porque precisa instigar o leitor a perceber as mudanças rápidas que causam os conflitos pelo mundo com resultados imprevisíveis e muitas vezes catastróficos (FREIRE; VAZ BORJA, 2016).

Em setembro de 2010 ela ficou responsável por cobrir um terremoto que assolou o Haiti e lá entrevistou uma mulher vítima de abuso sexual. O relato lhe causou um trauma que ela simplesmente não conseguia superar, como relatou no artigo *“I’m Gonna Need You to Fight Me On This: How Violent Sex Helped Ease My PTSD”* (em tradução livre: “Eu vou precisar de você para me ajudar a lutar nisso: Como a violência sexual me ajudou no PTSD”) da revista eletrônica *Good* (MCCLELLAND, 2016).

Um trauma nada mais é do que uma lesão causada por um agente externo que atinge as barreiras de defesa existentes dentro da mente. Uma vez atingidas por algo de natureza conflitante, a

pessoa está suscetível a desenvolver distúrbios ou doenças psicológicas (PERES; MERCANTE; NASELO, 2005).

Segundo o artigo publicado na revista *Good* e depois reproduzido por jornais e revistas brasileiras como o *G1*, a revista *Época* e a *JusBrasil*, Mac McClelland passou o dia acompanhando uma mulher que havia sido estuprada por cinco homens durante duas horas e ficou sabendo mais detalhes sobre o crime. Além disso, levou a vítima ao médico no seu próprio carro e na volta a mulher entrevistada teria avistado um de seus estupradores e entrara em pânico. Mac McClelland aponta que foi esta a cena que lhe causou o trauma:

Infelizmente, quando Sybille (nome fictício) virou-se no banco do passageiro da frente e começou a lamentar, batendo e batendo sua cabeça, eu perdi a capacidade de localizar-me no espaço e no tempo no banco de trás. É chamado de dissociação e é uma resposta comum e bastante inquietante para trauma extremo (MCCLELLAND, 2016).

A jornalista passou a chorar sem motivo, ter pesadelos, ânsias de vômito e embriagar-se durante dias sem parar. Depois que retornou do Haiti, procurou um terapeuta e foi diagnosticada com transtorno de estresse pós-traumático, como enfatiza em seu artigo:

Eu chorei no avião no caminho de volta para casa para San Francisco e, dentro de 24 horas após o desembarque, eu fui diagnosticada com transtorno de estresse pós-traumático. Eu chorei quando eu estava checando meu *e-mail* antes do trabalho. Eu chorei quando cheguei para trabalhar e um dos meus colegas disse: “Ei! Como você está?” Eu chorei no chuveiro. Chorei durante a maior parte de uma aula de ioga. O choro foi pelo menos melhor do que a náusea, que foi igualmente imprevisível e me mandou correndo para a lata de lixo debaixo da minha mesa. Ou cuspir para o lado

de uma mesa de calçada em um bar com o meu melhor amigo (MCCLELLAND, 2016).

O transtorno de estresse pós-traumático é um dos problemas que mais atingem jornalistas hoje no mundo e demora cerca de um mês para ser diagnosticado devido ao fator de resistência dos sintomas. As mulheres teriam maior vulnerabilidade a serem atingidas pelo transtorno. Além disso, o estresse pós-traumático faz com que as pessoas percam a vontade de viver, pois acabam se sentindo “mortas para a vida” (GUARASEMIN, 2015).

Vendo que os tratamentos convencionais não estavam surtindo efeito, resolveu tomar uma medida drástica “propondo a um ex-namorado que a ‘violentasse’, forçando-a a fazer sexo mesmo enquanto ela se debatia e se esforçava ao máximo para afastá-lo” (G1, São Paulo, 2016).

Explana o que passou por sua mente no momento que decidiu pedir ao ex-namorado (Isaac) que a estuprasse de forma consentida: “eu não estava louca. Foi uma maneira de lidar criando uma situação simulada, porém controlada. Eu poderia dizer ‘pare’ a qualquer momento. Mas mesmo assim foi terrível, e o corpo entende quando passa por uma luta”, explica McClelland no artigo já citado anteriormente, “*I’m Gonna Need You to Fight Me On This: How Violent Sex Helped Ease My PTSD*”.

E relata ainda momentos do estupro simulado:

Eu estava ciente mesmo quando foi doloroso, mesmo quando ele colocou um travesseiro sobre minha cara, não para me asfixiar, mas para que não quebrasse meu queixo enquanto ele me dava murros na capa, duas três quatro vezes. Meu corpo ficou devastado, mas aliviado. Eu havia perdido, mas sobrevivi (MCCLELLAND, 2016).

E Isaac mostra para a jornalista algo que ela mesma tinha esquecido e que é fundamental para sua recuperação:

Mas, no momento, Isaac puxou meu cabelo longe do meu rosto molhado, repetindo mais e mais e mais alguma coisa que ele provavelmente acreditava, mas que eu tinha que reaprender. “Você é tão forte”, disse ele. “Você é tão forte. Você está tão forte” (MCCLELLAND, 2016).

Após a jornalista passar por essa situação e vivenciar o que de certa forma a mulher entrevistada no Haiti passou, ela se sentiu recuperada para voltar a cobrir situações de violência. “Em alguns meses eu me sentiria pronta para voltar ao Haiti. [...] Eu faria uma matéria no Congo, onde todas as entrevistas teriam a ver com violência sexual ou assassinato, mas já seria possível trabalhar normalmente” (MCCLELLAND, 2016).

Análise caso McClelland

Todas as pessoas nascem com sistemas defensivos que se tornam barreiras para que traumas psicológicos se instalem, porém quando o ser humano tem algum problema no campo das emoções acaba perdendo sua estabilidade, como explicam Rodrigues e Gonçalves (2004).

O trauma psicológico existente no caso de Mac McClelland é de estresse pós-traumático, que, como vimos anteriormente, consiste em um dos transtornos que mais atingem jornalistas hoje no mundo.

Um transtorno como esse interfere diretamente no comportamento da vítima. Com McClelland, o transtorno a deixou impossibilitada de reagir, comprovando a presença do estresse pós-traumático: o choro desmedido, a embriaguez (algo que não era do cotidiano da jornalista), as náuseas e os pesadelos.

Outro ponto que a jornalista americana cita em seu artigo é que ela percebeu que algo dentro dela se quebrou no momento que adquiriu o trauma, o que é outra característica do estresse pós-traumático: fazer com que a vítima acredite que seja incapaz de “viver”. Foi a vontade de curar o estresse pós-traumático, de entender o que vítimas de abuso sexual passam e o medo de um dia ter que abandonar a profissão que fizeram McClelland seguir por uma estratégia própria: simular o próprio estupro.

Limongi-França (2008), ao falar sobre a importância do acompanhamento psicológico dentro dos meios jornalísticos, deixou claro que cabe ao indivíduo superar e transformar determinada fraqueza em força para enfrentar os obstáculos existentes e para garantir que os transtornos não afetem a área profissional.

A atitude da jornalista nos coloca na dimensão do trauma e nos mostra a força com que o transtorno a atingiu. Como os tratamentos convencionais não surtiram efeito, o procedimento que ela adotou a libertou para voltar a fazer coberturas de violência e impacto. Assim, Mac não precisou se afastar da profissão e retornou mais tarde para o Haiti para entrevistar outras vítimas de estupro, muito mais forte e sabendo o que ia encontrar pelo caminho.

Quadro 2. Variáveis do caso Mac McClelland.

Estudo descritivo-analítico de dois casos sobre as variáveis			
Trabalho	Saúde		Comportamento
<ul style="list-style-type: none"> • Afastamento da profissão • Voltaram a fazer a cobertura em situação de conflito, guerra, violência e impacto 	<ul style="list-style-type: none"> • O trauma trouxe algum problema de saúde, distúrbio ou doença 		<ul style="list-style-type: none"> • Houve mudança nas atitudes, alteração de comportamento quando passaram pelo trauma
Critérios de análise			
<i>Casos</i>	<i>Trabalho</i>	<i>Saúde</i>	<i>Comportamento</i>
Mac McClelland	(x)	(x)	(x)

Dessa forma, podemos apontar que a jornalista foi atingida em todos os aspectos analisados: trabalho, saúde e comportamento. Mac McClelland não se afastou da profissão e voltou a trabalhar na mesma região onde adquiriu o trauma. Além do mais, o trauma trouxe o transtorno de estresse pós-traumático, o que gerou consequentemente uma mudança comportamental.

Descrição caso José Hamilton Ribeiro

O jornalista brasileiro Zé Hamilton (como é popularmente conhecido), que esteve à frente da criação da revista *Realidade* e da *Quatro Rodas*, trabalhou no jornal *Folha de São Paulo* e nos programas televisivos Globo Repórter, Fantástico e Globo Rural. Quando ainda trabalhava na extinta revista *Realidade*, em 1968, foi escalado para cobrir a guerra do Vietnã por 40 dias.

Ribeiro aceitou de imediato. O jornalismo de guerra sempre o fascinou por ser marcado pela rotina incerta, novos fatos a cada dia e muitos desafios. Não há nada comparado a arriscar a vida em nome da informação (HENNING, 1996).

Ao chegar ao país sua primeira atitude foi contratar um fotógrafo, como ele mesmo contou em seu livro *O gosto da guerra* (2005):

Para amanhã se prevê uma operação em aldeia... Para vir ao *front* contratei um fotógrafo japonês - Kêi Shimamoto -, indicado pelo Sr. Pelou, da Agência *France Press* de Saigon, como boa gente e bom profissional. Parece mesmo bom, só que o desgraçado, toda vez que peço para me fotografar com água pela cintura ele diz “*No good*” Acho que ele espera que uma bomba me mande para o chão, para só então achar uma boa foto (RIBEIRO, 2005).

No dia 20 de março de 1968 o fotógrafo Shimamoto pediu para que Ribeiro o acompanhasse em uma operação dos soldados

americanos em Quang Tri, norte do Vietnã. A operação aconteceria na “Estrada sem Alegria”, uma das regiões mais perigosas da guerra (RIBEIRO, 2005, p. 15).

Zé Hamilton contou o que viu minutos antes de descer do helicóptero:

às 8h45 sobrevoamos o local marcado para o início da operação. A companhia lá estava, mas havia entre os soldados uma estranha movimentação. Quando o helicóptero baixou, veio a razão: a Companhia D, antes mesmo de iniciar a operação na Estrada sem Alegria, já amargava duas baixas. Dois soldados, designados para “Explorar” o terreno, tinham feito detonar uma mina e o resultado estava ali: um tinha ambas as pernas em frangalhos, o outro recebera o impacto na parte alta do rosto (RIBEIRO, 2005).

Vinte quilômetros depois, uma nova explosão. O terreno apresentava bombas caseiras por todos os lados. Para garantir a segurança do jornalista e do fotógrafo, quatro vietnamitas que trabalhavam para o exército tinham a missão de detectar as minas. “Henry, um soldado de origem mexicana, caminhava na minha frente. Sua missão era manter-se informado sobre cada passo da operação, e proteger-me” (RIBEIRO, 2005, p. 17).

Devido a essa nova explosão, Henry sugeriu que fosse uma boa oportunidade para Shimamoto, que ainda não tinha achado a foto que queria para a capa. Então os três seguiram na direção dos outros soldados e da equipe médica que já prestava os primeiros socorros aos feridos (RIBEIRO, 2005, p. 19).

Henry, como sempre, foi na frente, seguido de Ribeiro e Shimamoto. “Ele foi na frente, seguindo o mesmo caminho usado pelos enfermeiros. E eu fui atrás dele. Nem bem dei uns cinco passos quando o estrondo de uma explosão povoou inteiramente

meus ouvidos. Um zumbido agudo e interminável brotava na minha cabeça” (RIBEIRO, 2005, p. 19).

É na cobertura de guerra e conflito que “homens e mulheres que arriscam a vida em nome de um dos gêneros informativos com maior interesse e relevância pública, para que os que não podem e/ou não querem lá estar possam ficar a par de todos os movimentos” (CARVALHO, 2016).

José Hamilton Ribeiro disse não ter tido noção de que o atingido pela mina havia sido ele. Só após perceber que Henry e Shimamoto estavam bem e ter certeza disso que tomou consciência do que estava de fato acontecendo:

Senti na boca um gosto ruim, como se tivesse engolido um punhado de terra, pólvora e sangue – hoje eu sei, era o gosto da guerra. Cuspia, cuspiam, mas aquela gosma amarga permanecia na boca. Então senti um repuxão violento na perna esquerda e só aí tive consciência de que a coisa era comigo. A perna esquerda da calça tinha desaparecido e eu estava, naquele lado, só de cueca. O repuxão muscular aumentava e eu quase não me equilibrava sentado; rodopiava sobre mim mesmo em círculos e aos saltos. Olhei-me de novo: abaixo do joelho, na perna esquerda, só havia tiras de pele, banhadas de sangue, que repuxavam e se arregaçavam, fora do meu controle (RIBEIRO, 2005, p. 20).

Logos após, a equipe médica prestou os primeiros socorros ao repórter e utilizou morfina para aliviar a sua dor. Ele relatou: “vi Shimamoto tomando distância para me fotografar, e tive raiva: o desgraçado disse que ia arranjar fotos dramáticas e arranjou mesmo” (RIBEIRO, 2005, p. 22).

José Hamilton foi encaminhado para uma base de primeiros socorros e em seguida para um hospital em Nha Trang, onde passou por diversas cirurgias. Consciente que, quando o efeito

da morfina acabasse, iria entender a dimensão do que tinha acontecido consigo:

Aí, então a parada é dura, pois mesmo a morfina não fará mais efeito como nos primeiros dias, além de atrapalhar o estômago e provocar vômitos e tontura. Entra a fase de depressão profunda, a fase em que a felicidade pode ser claramente definida: felicidade é a capacidade de não sentir dor e de poder tomar duas colheres de sopa! (RIBEIRO, 2005, p. 24).

Como o previsto, Ribeiro entra em um quadro de estresse extremo. Esse tipo de quadro está presente no transtorno de estresse pós-traumático agudo, no qual a pessoa perde o prazer pelas coisas simples. Essa etapa se agravou devido à quantidade de cirurgias, pela falta de visitas e de distração. “Experimento fumar um cigarro, mas não sinto nenhum gosto e só tontura. Nada está bom. Essa televisão ligada o dia todo, em alto volume, passando filmes de violência e humorísticos idiotas, me esgota a paciência” (RIBEIRO, 2005, p. 35).

No quarto dia no hospital Ribeiro entrou em pânico, pois não tinha notícias do Brasil e ainda aumentava o estresse devido ao medo de morrer como um indigente, como relatou: “Sinto-me cada vez mais fraco, mais abandonado, mais sozinho, uma angústia amarga vai tomando conta de mim – temo que acabarei morrendo, mingando de tanto perder sangue e não comer, até apagar completamente” (RIBEIRO, 2005, p. 39).

O estresse pós-traumático pode fazer a pessoa atingida desenvolver outros transtornos como: transtorno de pânico (TP), transtorno de ansiedade generalizada (TAG) e transtorno depressivo maior (TDM), o que se encaixa perfeitamente nos sintomas apresentados por José Hamilton Ribeiro (FIEDMAN; YEHUDA, 1995).

Durante o longo período que se sucede, José Ribeiro se autoquestiona sobre sua decisão de ter aceitado cobrir a guerra no Vietnã: “A soma de tantas dificuldades e de tantas facilidades deu nisto – uma cama de hospital de guerra, num país estranho, cercado de gente estranha. Valeu a pena ter vindo? Apesar da tristeza toda de agora, ainda não consigo aceitar a ideia de estar arrependido. Não estou arrependido, não. Foi uma fatalidade, é só” (RIBEIRO, 2005, p. 47).

Apenas no sétimo dia José que teve notícias do Brasil, quando o jornal *Folha de São Paulo* escreveu-lhe um telegrama desejando melhoras. “Esse telegrama, assim tão frio e, visto a distância, tão simples, fez mais para o meu estado do que os oito litros de sangue que tomei até agora” (RIBEIRO, 2005, p. 53).

As náuseas, que insistiam em permanecer com o repórter, fizeram com que, durante o período que estava no hospital, comesse somente laranja e tomasse alguns goles de leite, mas o que o impressionou mais foi o próprio estado físico e psicológico:

O cabelo está grande, o braço fino, penso que emagreci 20 quilos, e que já não tenho força nem para sentar na cama. Estou frustrado, vencido, entregue à mais profunda amargura. Os piores pensamentos me vêm à mente. [...] Tomo consciência da canalhice dos meus pensamentos, e isso se torna um fator a mais de angústia. Então, seu Zé, você não presta mesmo, nem por fora nem por dentro! Por fora, esta perna apodrecendo, minando água suja; por dentro, esses pensamentos canalhas, sujos, porcos. Você deveria é ter morrido (RIBEIRO, 2005, p. 63-64).

E assim o repórter Hamilton Ribeiro foi atingido profundamente pela depressão:

Xingo o hospital, os enfermeiros, o vietcongue, as minas, a mim próprio, a solidão, o abandono, a guerra, o mundo todo. Vou-me entusiasmando com o próprio desabafo e daí a pouco, sem perceber, me encontro no choro mais sentido. (...) Puxo o lençol sobre a cabeça e mergulho na mais profunda tristeza, choro, choro alto, suspiro alto, não ligo para as lágrimas que descem pelo nariz. Choro até cansar, até me considerar parcialmente remido de tanta fraqueza e maldade (RIBEIRO, 2005, p. 64).

Mesmo com algumas visitas diárias, com a presença das enfermeiras, os dias traziam para José Hamilton uma angustiante tristeza. Quando realizou uma das cirurgias na perna esquerda, de onde retirou as rodela de ferro que faziam a tração da perna, começou a ficar mais animado. Em suas palavras: “As dores diminuíram em mais da metade. Alegria. Tudo no hospital parece que fica mais claro, mais limpo” (RIBEIRO, 2005, p. 77).

No dia 1º de abril de 1968, José Hamilton recebeu uma cadeira de rodas para poder mover-se pelo hospital. No dia 3 de abril veio a notícia de que já podia deixar o hospital e seguir para os Estados Unidos. Ele frisou: “Se eu não estivesse tão dolorido e com tanta desconfiança da minha magreza eu pulava da cama e saía saltitando que nem saci para comemorar. Finalmente!” (RIBEIRO, 2005, p. 91).

Em maio Ribeiro saiu do hospital militar de Chicago e foi para um instituto particular, onde começou um tratamento preparatório para receber uma perna mecânica. Sua reação era melhor: “Tenho muita confiança de que vou ficar bom e de que vou poder continuar ganhando a vida com meu trabalho” (RIBEIRO, 2005, p. 97).

Em 1995, em um especial de aniversário da rede Globo de televisão, 27 anos depois do acidente no Vietnã, José Hamilton Ribeiro voltou ao local do seu acidente, recuperado fisicamente, mas ainda abalado psicologicamente.

Assim que descemos no conhecido *Tan Son Nheet*, o aeroporto de Saigon, o meu Vietnã começou a doer. Eu veria, ao longo da viagem, que essa visita iria doer mais que a primeira. Angústia, decepção, uma certa desesperança. Acabei passando vários dias sem dormir, a ponto de precisar de ajuda médica – e remédios tarja preta (RIBEIRO, 2005, p. 115).

Nessa volta de Ribeiro ao Vietnã ele não conseguiu encontrar nenhum de seus amigos ou profissionais com quem trabalhou no período do acidente, mas encontrou o local exato onde perdeu parte da perna esquerda e revelou: “Com bastante angústia e sofrimento, principalmente de minha parte, fizemos - Sérgio Filz e eu – a reportagem da volta ao local do meu ferimento na guerra do Vietnã” (RIBEIRO, 2005, p. 123).

Por isso é importante a psicologia do trabalho, ao fazer o acompanhamento dos profissionais com trauma. A existência de um profissional dentro dos veículos de comunicação que possa conversar, tratar e mostrar que esse abalo profundo causado pelas somatizações podem ser sim amenizados é extremamente necessária. Uma vez que a mente for atingida, o corpo também é. O rendimento profissional é menor, e as chances de afastamento da profissão são grandes.

A rapidez em um tratamento feito dentro do meio onde se exerce a profissão é a base para uma possível “cura”. Existe um paralelo entre mente-corpo-ambiente que causa as somatizações, ou seja, disfunções físicas que a medicina não consegue explicar, mas que a psicologia garante serem de ordem emocional por apresentarem sensações de dor, mal-estar e doença (LIMONGI-FRANÇA, 2008).

Entretanto, mesmo ainda estando abalado psicologicamente após o trauma, o jornalista ainda desejou voltar ao Vietnã, mas em viagem de férias, não a trabalho: “Estive no Vietnã, nessa segunda

vez, por cerca de trinta dias – apesar do que doeu, gostei de ter ido. E conto ir outra vez, quem sabe agora sem tarefas, nem *dead line*. Uma viagem só para curtir um grande povo e um país, apesar de tudo, cheio de charme e calor” (RIBEIRO, 2005, p. 125).

Análise caso José Hamilton Ribeiro

Pessoas atingidas por traumas desenvolvem certa fragilidade em lidar com situações difíceis. Jornalista que trabalha em coberturas de guerra e conflito “não esquece a experiência, justamente porque a guerra desperta reações insuspeitadas das profundezas da mente”, como explica Rodrigues dos Santos (2005).

No caso de José Hamilton Ribeiro, além de ele ter sofrido um trauma psicológico, teve um trauma físico. Os dias que passou no Vietnã e até o período de sua recuperação fora dele abriram portas para não só o estresse pós-traumático adquirido pela sensação de impossibilidade após perder parte da perna esquerda, mas também para outros transtornos vinculados. São eles: transtorno de pânico (TP), transtorno de ansiedade generalizada (TAG) e transtorno depressivo maior (TDM). Esses transtornos foram identificados pelos seguintes sintomas: fraqueza, sensação de abandono, solidão, angústia, medo da morte, perda de prazer nas coisas simples, náuseas e desânimo. Entretanto, Ribeiro ainda luta para fugir dessas sensações. Resistiu bravamente, mas precisa de muito mais para ser imune ao que vivenciou em um lugar onde o cenário foi de sofrimento, tristeza, morte e destruição.

Uma vez atingido por trauma psicológico, as barreiras da mente não se recuperam completamente. Sempre existe a possibilidade de uma nova somatização instalar-se, ou seja, dar-se a transferência para o corpo de um problema de ordem psicológica. Até os dias atuais é perceptível a amargura que José Hamilton leva consigo, mas isso jamais interferiu em seu trabalho. Nunca abandonou o exercício da profissão.

Quadro 3. Variáveis do caso José Hamilton Ribeiro

Estudo descritivo-analítico de dois casos sobre as variáveis			
Trabalho	Saúde		Comportamento
<ul style="list-style-type: none"> • Afastamento da profissão <ul style="list-style-type: none"> • Voltaram a fazer a cobertura em situação de conflito, guerra, violência e impacto 	<ul style="list-style-type: none"> • O trauma trouxe algum problema de saúde, distúrbio ou doença 		<ul style="list-style-type: none"> • Houve mudança nas atitudes, alteração de comportamento quando passaram pelo trauma
Critérios de análise			
Casos	Trabalho	Saúde	Comportamento
Mac McClelland	(x)	(x)	(x)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após descrever e analisar os dois casos de jornalistas com trauma psicológico, sendo um da jornalista americana Mac McClelland e outro do jornalista brasileiro José Hamilton Ribeiro, que consistiram no objeto de estudo deste trabalho, é possível destacar, em primeiro lugar, que nos dois casos ocorreram traumas psicológicos, sendo que no caso do José Hamilton Ribeiro houve trauma físico também.

Em ambos casos os profissionais não quiseram se afastar da profissão, mesmo estando debilitados e tendo sofrido transtornos de estresse pós-traumático. Entretanto, os jornalistas acharam formas diferentes para superar as marcas invisíveis em suas mentes. Foi preciso adaptar-se antes de voltar a exercer a profissão em ambientes de guerra, violência ou conflito. Mesmo traumatizados, voltaram a fazer coberturas no local onde adquiriram o transtorno.

Desmistificando a ideologia de que o jornalista é super-herói e que não é atingido por sentimentos mundanos como qualquer outra pessoa, podemos concluir que a reação de jornalistas após a situação traumática revelou a intrínseca fragilidade humana e

uma alteração gradativa na vida profissional e pessoal, seguida de transtornos como o estresse pós-traumático, entre outros.

Esta pesquisa também se justificou pelo cumprimento de objetivos secundários, pois os principais transtornos foram evidenciados nos relatos dos jornalistas em sintonia com os conceitos estudados. Com isso, chega-se à conclusão de que é importante entender a reação dos jornalistas após uma situação traumática e aplicar a psicologia do trabalho dentro das empresas jornalísticas, uma vez que todo o jornalista é suscetível a traumas psicológicos e físicos durante o exercício da profissão.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida. *Introdução à metodologia do trabalho científico*. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

ANDRADE, Regina Gloria Nunes. *A repetição e o acontecimento (horrores de guerra)*. Disponível em: <http://intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP02_andrade.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2016.

BIAL, Pedro. *Crônicas de repórter: o correspondente internacional conta tudo o que não se diz “no ar”*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.

CARVALHO, Lucas. *Jornalistas mulheres desafiam preconceitos em coberturas de guerras e regiões de conflito*. Disponível em: <http://www.portalimprensa.com.br/noticias/ultimas_noticias/71190/jornalistas+mulheres+desafiam+preconceitos+em+coberturas+de+guerras+e+regioes+de+conflito>. Acesso em: 10 set. 2015.

CROWLEY, Catherine; ESTER, Kathi. *Trabalhar com você está me matando*. Trad. Carlos Irineu da Costa e Juliana Lemos. Rio de Janeiro: Sexante, 2007.

Cury, Augusto J. *Superando o cárcere da emoção*. São Paulo: Academia de Inteligência, 2007.

DEJOURS, Cristophe. *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. Trad. Ana Isabel Paraguay e Lúcia Leal Ferreira. 5. ed. ampl. São Paulo: Cortez-Oboré, 1992.

DI FRANCO, Carlos Alberto. *Jornalismo, ética e qualidade*. São Paulo: Vozes, 1996.

FEINSTEIN, Anthony: *Jornalistas sob fogo*. Disponível em: <<https://jhupbooks.press.jhu.edu/content/journalists-under-fire>>. Acesso em: 10 set. 2015.

FREIRE, Eduardo Nunes; VAZ BORJA, Magdala Azulay Teixeira. *A cobertura da Guerra de Angola pelos jornais brasileiros*. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-0855-1.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2016.

FRIEDMAN, M. J.; YEHUDA, R. Post-traumatic stress disorder and comorbidity: psychobiological approaches to differential diagnosis. In: FRIEDMAN, M. J.; CHARNEY, D. S., DEUTCH, A. Y. *Neurobiological and clinical consequences of stress*. Philadelphia: Lippincott-Raven: 1995. p. 429-45.

FIGUEIRA, Ivan; MENDLOWICZ, Mauro. *Diagnóstico do transtorno de estresse pós-traumático*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbp/v25s1/a04v25s1.pdf>>. Acesso em: 7 set. 2015.

G1. *Repórter simula o próprio estupro para superar estresse pós-traumático*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/07/reporter-simula-o-proprio-estupro-para-superar-estresse-pos-traumatico.html>>. Acesso em: 17 maio 2016.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1995.

GUARESEMIN, Cármen. *Envolvidos na tragédia de Santa Maria (RS) podem ter transtorno similar ao de sobreviventes de guerra*. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/>

redacao/2013/01/30/sobreviventes-familiares-e-profissionais-envolvidos-em-tragedia-podem-desenvolver-disturbios-psicologicos-serios.htm>. Acesso em: 7 set. 2015.

GUEDES, Márcio Novaes. *Terror psicológico no trabalho*. São Paulo: LTr, 2003.

HENNING, H. *Via satélite*. São Paulo: Globo, 1996.

LIMONGI-FRANÇA, Ana Cristina. *Psicologia do trabalho*. São Paulo: Saraiva, 2008.

MCCLELLAND, Mac. *I'm gonna need you to fight me on this: how violent sex helped ease my PTSD*. Disponível em: <<https://www.good.is/articles/how-violent-sex-helped-ease-my-ptsd>>. Acesso em: 17 maio 2016.

MENDES, Lucas. *Conexão Manhattan: crônicas da Big Apple*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

MONTEIRO, Talissa de Angilis Azevedo; HELLER, Reginaldo Jonas. *O papel da imprensa em conflitos armados: o caso da guerra civil na Síria*. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/busca.htm?queryO+Papel+da+Imprensa+em+Conflitos+Armados:+O+Caso+da+Guerra+Civil+na+S%EDria>>. Acesso em: 10 mar. 2016.

PERES, Julio; MERCANTE, Juliane; NASELLO, Antonia. *Promovendo resiliência em vítimas de trauma psicológico*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rprs/v27n2/v27n2a03.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2015.

RIBEIRO, José Hamilton. *O gosto da guerra*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

RIVERA Y REVUELTA, José Luis González de. *El maltrato psicológico: como defenderse del mobbing y otras formas de acoso*. 2. ed. Madrid: Espasa Calpe, 2003.

RODRIGUES, Vitor Amorim; GONÇALVES, Luisa. *Patologia da personalidade*. São Paulo: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

SILVA, Ana Beatriz B. *Mentes inquietas*. São Paulo: Gente, 2009.

SIMM, Zeno. *Acesso psicológico no ambiente de trabalho*. São Paulo: LTR, 2008.

SUCUPIRA, Daniella Moraes. *Psicologado: emoções e afetos no trabalho*. Disponível em: <<http://psicologado.com/atuacao/psicologia-organizacional-emocoes-e-afetos-no-trabalho>>. Acesso em: 11 ago. 2015.

VARELLA, Drauzio. *Transtorno do estresse pós-traumático*. Disponível em: <<http://drauziovarella.com.br/letras/e/transtorno-do-estresse-pos-traumatico>>. Acesso em: 7 set. 2015.

CAPÍTULO



A LINGUAGEM HUMANIZADA NO JORNAL NACIONAL

Julia Maziero Possa¹

Nadja Hartmann²

Sônia Bertol

INTRODUÇÃO

Este trabalho baseia-se na análise da linguagem utilizada no programa televisivo *Jornal Nacional*, exibido pela Rede Globo desde 1969. Busca-se compreender o seu uso, as limitações e os assuntos predominantes no modelo de discurso humanizado, conceituado por Ijuim (2009). Esse modelo é ao mesmo tempo literário e objetivo, atendendo às premissas do texto telejornalístico. Foram analisados seis telejornais, seguindo os preceitos de “semana construída” (BAUER, 2000), entre os meses de novembro e dezembro de 2015. Para análise, foram selecionadas matérias que continham em suas narrativas aspectos da linguagem humanizada, como figuras de linguagem e linguagens conotativas, bem como expressões que se enquadrassem na definição de Marques de Melo (2003) de história de interesse humano e nas descrições metodológicas de Gomes (2007), ligadas aos modos

¹ Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo da FAC/UPF - Universidade de Passo Fundo.

² Orientadora da monografia que originou o estudo deste capítulo.

de endereçamento, mais precisamente nos operadores de análise “contexto comunicativo” e “texto verbal”.

O JORNAL NACIONAL COMO OBJETO

Hilton Gomes e Cid Moreira deram voz ao programa que se tornaria, a partir de então, um dos ícones do telejornalismo brasileiro: “O Jornal Nacional da Rede Globo, um serviço de notícias integrando o Brasil novo, inaugura-se neste momento: imagem e som de todo o Brasil. Dentro de instantes, a grande escalada nacional de notícias”. Nascido no primeiro dia de setembro de 1969, da “paixão pela notícia e pela busca permanente de formas eficientes de transmitir informação correta ao maior número possível de cidadãos” (MEMÓRIA GLOBO, 2004), o Jornal Nacional (JN) fez revolução por buscar integrar o país de Norte a Sul. Foi o primeiro telejornal em rede do Brasil.

Por outro lado, a ascensão da própria Rede Globo e o surgimento do JN aconteceram na carona de fatores específicos da sua época. O clima de reintegração no Brasil vinha sendo animado desde a década de 1950 quando da construção de Brasília e depois também foi “estimulado pelos governos militares a partir de 1964. Em 1965, dois fatos foram decisivos para o surgimento do JN: a inauguração da TV Globo, em abril, e a criação da Empresa Brasileira de Telecomunicações (Embratel), em setembro” (MEMÓRIA GLOBO, *Jornal Nacional*, 2004, p. 17).

Entre outras metas, o Jornal Nacional visava competir com o telejornal Repórter Esso³, exibido pela já extinta TV Tupi⁴,

³ O Repórter Esso foi sucesso nas rádios brasileiras desde o seu nascimento – em 1941, pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro. O programa surgiu como uma alternativa de aproximar as ideologias estadunidenses com a América Latina durante a Segunda Guerra Mundial. Em 1952 o programa migrou para a televisão, através da TV Tupi, onde perdurou até o fim de 1968 (KLÖCKNER, 2001).

⁴ A TV Tupi, idealizada pelo jornalista Assis Chateaubriand, foi a primeira televisão brasileira. Todos os equipamentos foram comprados nos EUA. O patrocínio veio

e, mais que isso, o JN “era parte estratégica de um ambicioso projeto de Walter Clark [então diretor-geral da TV Globo] e José Bonifácio de Oliveira Sobrinho [Boni, na época superintendente de programação da empresa] para transformar a Globo na primeira rede de televisão do Brasil. O objetivo era gerar uma programação uniforme para todo país, diluindo, assim, os custos de produção dos programas” (GLOBO, Memória, 2004, p. 28). O telejornal, portanto, presenciou e fez parte do ponto alto da Ditadura Militar, momento em que a pressão sobre os meios de comunicação era intensa.

Os militares queriam mostrar que o Brasil era um país de primeiro mundo e montaram a Embratel. Nós imaginamos que a primeira utilização óbvia dos enlaces das microondas seria o jornalismo, então começamos a pensar num programa nacional. Havia um interesse comercial muito grande e, paralelamente, pensávamos que seria um primeiro serviço que a televisão prestaria, dando um passo além do simples entretenimento (GLOBO, Memória apud BONI, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, 2004, p. 28).

Historicamente, quanto ao texto, o Jornal Nacional, “apesar de manter um certo grau de formalidade, sempre buscou um tom coloquial e de fácil entendimento, afastando-se da pomposidade que até então caracterizava o telejornalismo” (GLOBO, 2004, p. 62).

Apesar de o JN, nos primeiros anos, ter buscado enfatizar a importância da imagem para a informação, logo resolveu fazer uma campanha pela valorização da palavra. Segundo Boni, a decisão foi tomada quando se percebeu que os jornalistas estavam reduzindo o texto à sua expressão mais simples, banalizando o idioma e empobrecendo a linguagem (GLOBO, Memória, 2004, p. 62).

de empresas brasileiras – que, em troca, pediam longos contratos publicitários (LINS, 2013). A inauguração foi no dia 18 de setembro de 1950.

A sistematização da linguagem veio em 1975, quando Armando Nogueira e Alice-Maria criaram o primeiro manual de redação do JN. Em seis páginas mimeografadas reuniram as principais regras sobre o texto telejornalístico do programa. O documento “recomendava que os textos fossem curtos e objetivos e estimulava o uso de palavra mais elaboradas. Afinal, a preocupação com a linguagem coloquial não deveria tornar o vocabulário pobre e vulgar” (GLOBO, 2004, p. 62). Com quase 50 anos, atualmente, o Jornal Nacional segue no ar, de maneira ininterrupta, desde o seu nascimento. Os apresentadores atuais são Willian Bonner (também editor-chefe) e Renata Vasconcellos (editora-executiva). Com cerca de 45 minutos de programação diária, o telejornal é exibido de segunda a sexta-feira, a partir das 20 horas. Mesmo com seu caráter primordialmente tradicional, em 2015 o formato do telejornal foi alvo de transformações que repercutiram em toda a imprensa nacional.

Um dia após as comemorações pelo cinquentenário da TV Globo, o Jornal Nacional foi ao ar com novidades na noite desta segunda-feira, 27. Quem sintonizou a emissora ou alguma de suas afiliadas teve contato visual com um combo de mudanças: vinheta, imagens ao fundo, bancada, postura dos apresentadores, tomadas das câmeras e garota do tempo. Tudo isso foi alterado em comparação com a edição do noticiário transmitida no último sábado, 25 (COMUNIQUE-SE, 2015).

O Portal Comunique-se, *site* de informações sobre a imprensa brasileira, destacou as mudanças do Jornal Nacional, que foram ao ar no dia 27 de abril de 2015. O programa, a partir dessa data, passou a ser transmitido em uma bancada menor, “juntando ainda mais os âncoras William Bonner e Renata Vasconcellos e permitindo tomadas de câmeras que até então não eram feitas – como se aproximar da dupla pela ‘quina’ da bancada” (COMUNIQUE-

-SE, 2015). Mesmo que a redação siga atuando abaixo do cenário do telejornal, os recursos visuais ficaram mais *clean*, “com a ideia de auxiliar no entendimento do público” (Ibidem, 2015). No cenário, outro ponto forte apontado pelo *síte* foi a utilização do telão para transmitir o quadro de previsão do tempo – que passa a ser ao vivo – e de *links* comandados por repórteres. “Além de o recurso nunca ter sido utilizado na história do Jornal Nacional, [...] o telão [reproduz] o tamanho real dos jornalistas que nele aparecem” (Ibidem, 2015). Outra grande mudança foi o fato de os apresentadores, pela primeira vez na história do telejornal, colocarem-se em pé no estúdio.

A mudança da postura ocorreu ainda no primeiro bloco do noticiário, com William Bonner deixando a sua cadeira (ao lado esquerdo da tela) para se dirigir ao lado do painel para chamar Clayton Conservani e Carol Barcellos, que, em *link*, relataram os últimos momentos enfrentados por quem está no Nepal, país atingido por terremotos no sábado, 26. Após as informações dos jornalistas que estão na Ásia, Renata Vasconcellos também apareceu em pé, ao lado do companheiro de bancada. (COMUNIQUE-SE, 2015).

Todas essas mudanças repercutiram na mídia porque destoavam bastante da postura tradicional, com os apresentadores sentados, a fala pontuada, sem grandes mudanças desde o lançamento do programa. Quanto à estrutura do telejornal, produzida há quase 10 anos, Gomes (2007) diz que o JN costuma apresentar nos primeiros blocos as reportagens sobre os assuntos ou fatos ocorridos no Brasil, que se destacam pelo caráter de impacto, como tragédias ou denúncias; são reproduzidas independentemente da editoria a que pertençam, com fim de “seduzir o telespectador”. Gomes (2007) ainda analisou que “as reportagens da editoria de esportes e/ou as da área social de repercussão positiva sempre encerram o telejornal, ainda fiel ao padrão de aliviar as tensões do

telespectador que acaba de ser bombardeado de notícias negativas” (GOMES, 2007).

METODOLOGIA

Por ser esta uma pesquisa descritiva qualitativa, os dados foram coletados com gravação do material e anotação, a fim de observar e compreender o contexto do ambiente de estudo em que ocorre e do qual fez parte (GODOY, 1995). Em seu caráter qualitativo, este estudo foi igualmente descritivo, já que “a palavra escrita ocupa lugar de destaque na abordagem, desempenhando papel fundamental tanto no processo de obtenção dos dados quanto na disseminação dos resultados” (GODOY, 1995, p. 6). Bardin (2009) é referência para a análise do conteúdo que, enquanto método, torna-se um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens (FARAGO *apud* BARDIN, 2009).

Os dados coletados apareceram nas transcrições do conteúdo e anotações de campo. A pesquisa foi construída igualmente através do referencial teórico dos autores Aronchi de Souza (2004), Barbeiro e Lima (2004), Curado (2002), Ijuim (2009-2014), Klein (2013), Marques de Melo (2003), Paternostro (2006), Rezende (2002), Squirra (1993) e Vizeu (2002). A ênfase sobre a linguagem humanizada, especificamente, fizeram parte dos estudos desenvolvidos por Ijuim, nos anos de 2009 e 2014. Quanto à amostragem, os programas foram baixados do *site* oficial do Jornal Nacional (www.g1.com.br). O esquema de escolha das datas de análise ocorreu mediante o conceito de “semana construída” (BAUER, 2000), na qual selecionam-se dias de um mês (segunda, quarta e sexta-feira) e no outro o seu complemento (terça, quinta e sábado). Dessa forma é possível ter um panorama geral e sequencial de vários programas aleatórios, mas que contemplem todos os dias da semana.

Modos de endereçamento

A metodologia deste estudo irá acontecer através da teoria dos “modos de endereçamento”, apresentados pela primeira vez por Gomes (2007). O foco, mesmo em estágios ou níveis diferentes, é tido sobre os receptores e a recepção da mensagem simbólica. Conforme a autora, o conceito de modo de endereçamento surge na “análise fílmica, especialmente vinculada à *screeentheory* e tem sido, desde os anos 80, adaptado para interpretação do modo como os programas televisivos constroem sua relação com os telespectadores” (GOMES, 2007, p. 16). Essa metodologia é construída sobre o que é característico das formas e práticas específicas de um determinado programa. Diz respeito ao modo como um programa tenta estabelecer uma relação particular com a sua audiência.

A análise do modo de endereçamento associada ao conceito de gênero televisivo deve nos possibilitar entender quais são os formatos e as práticas de recepção solicitadas e historicamente construídas pelos programas jornalísticos televisivos. Na nossa perspectiva, o conceito de modo de endereçamento tem sido apropriado para ajudar a pensar como um determinado programa se relaciona com sua audiência a partir da construção de um estilo, que o identifica e que o diferencia dos demais (GOMES, 2007, pg. 20).

A autora utilizou David Morley (1978, 1999), John Hartley (1997, 2000, 2001) e Daniel Chandler (2003) como referenciais para a sua teoria. Segundo ela, eles articulam os modos de endereçamento para compreender a relação de interdependência entre emissores e receptores na construção do sentido do texto televisivo. Em resumo, o conceito de modo de endereçamento refere-se ao modo de como determinado programa se relaciona com a sua audiência. O estudo segue a partir da construção de um estilo, que nasce para o distinguir dos demais. Para a sua análise, é necessário

considerar elementos que configuram dispositivos propriamente semióticos da televisão, como os recursos da linguagem televisiva e recursos propriamente verbais, além daqueles de filmagem e edição. A intenção é chegar ao que é específico da linguagem televisiva, tal como construído e, conseqüentemente, partilhado com a audiência. De modo geral, os operadores de análise deste método são denominados: “mediador”; “temática”, organização das editorias e proximidade com a audiência; “pacto sobre o papel do jornalismo”; “contexto comunicativo”; “recursos técnicos a serviço do jornalismo”; “recursos da linguagem televisiva”; “formatos de apresentação da notícia”; “texto verbal” e a “relação com as fontes de informação”. Esta pesquisa, no entanto, irá trabalhar com apenas dois operadores de análise: “contexto comunicativo” e “texto verbal”, já que ele está direcionado especificamente à linguagem utilizada no telejornal.

- 1) O *contexto comunicativo* é o contexto em que o programa televisivo atua – aquele que compreende tanto emissor, quanto receptor, além das circunstâncias espaciais e temporais em que o processo criativo se dá. “A comunicação tem lugar em um ambiente físico, social e mental partilhado. Isso pode ser melhor explicado pelo recurso à noção de instruções de uso de um texto, ou seja, aqueles princípios reguladores da comunicação – os modos como os emissores se apresentam, como representam seus receptores e como situam uns e outros em uma situação comunicativa concreta”, defende Gomes (2007, p. 5). Conforme a autora, um telejornal sempre vai apresentar definições dos seus participantes, objetivos e modos de comunicação, explicitamente. Ela cita exemplos como o tradicional “você, amigo da Rede Globo” ou “para o amigo que está chegando em casa agora”; “esta é a principal notícia do dia”, entre outros.

- 2) O *texto verbal*, em sua análise, revela estratégias empregadas pelos mediadores para construção das notícias, interpelando diretamente na audiência e, por fim, compondo credibilidade. Gomes (2007) referencia-se em Vizeu (2002), que adota como modalizadores de atualidade, objetividade, interpelação, leitura e modalizador didático (VIZEU, 2002).

Ambos irão auxiliar na construção de análise do tema proposto – a linguagem humanizada no *Jornal Nacional* – visando contribuir com a maior compreensão deste tema. Como parâmetro para análise, serão identificados nos textos das matérias do telejornal a existência do relato humanizado conceituado por Ijuim (2009-2014) e Gomes (2007). Dentre os critérios estão a existência de figuras de linguagem (prosopopeia, metáfora, metonímia, ironia e antítese), da linguagem conotativa (FARACO & MOURA, 2001), o modelo de crônica (BENDER & LAURITO, 1993) e dos gêneros “história de interesse humano” e “informação pela imagem” (MELO, 2010).

DESCRIÇÃO DAS REPORTAGENS

Abaixo apresenta-se a descrição das reportagens com características de linguagem humanizada encontradas nos telejornais do universo da pesquisa. As palavras em **negrito** chamam atenção para uma das características apontadas no referencial teórico desta pesquisa e que serão pormenorizadas após cada descrição.

Edição de quarta-feira, 18 de novembro de 2015

Programa com duração de 54 minutos, com quatro blocos. A linguagem humanizada apareceu em três momentos. Foram identificados textos no estilo crônica – no primeiro e terceiro

bloco do telejornal. Os atentados terroristas na França eram as notícias de destaque.

Reportagem 1

Chamada/âncora: Renata Vasconcellos - Bloco 1
Início 5'55 - Fim 8'

Para quem mora perto dos atentados de sexta, essa foi a segunda noite de medo. Os enviados especiais, Pedro Vedo e Sérgio Gilz, conversaram com esses moradores.

- Narração *off*: **Milhares de pessoas se descobriram vizinhas do terror.** O pesadelo acordou a pequena Saint Denis. As ruas isoladas dividiram famílias. **Muitos se entrincheiraram em casa.** Outros, do lado de fora, não puderam entrar. Pontos interrompidos, ônibus desativados, postos de controle. A paralisia era total. A população, ansiosa, buscava respostas, notícias. A polícia avistava o perigo em todas as direções. Agentes arrombaram a igreja atrás de um suspeito. O padre explicou que era só um fotógrafo. **A ansiedade dos policiais era a ansiedade de todos.**

- Passagem⁵: Nove horas depois da invasão, **uma cidade inteira trancada começa a voltar para as casas.** O problema é que esta normalidade aparente vai esbarrando em novos cordões de isolamento. A polícia vai pedindo para que as pessoas se afastem deste lugar e a população e jornalistas vão buscando entender o que aconteceu com essa cidade.

- Narração *off*: E de repente o reencontro, a mãe **aflita** apertava a família. Conferia, entre beijos, se tudo estava em seu

⁵ Momento em que o repórter aparece na gravação da reportagem, geralmente mostrando o local onde a ocasião aconteceu. Serve também como *ponte* para a matéria, fazendo ligação entre um trecho e outro do acontecimento (SQUIRRA, 1993, p. 169).

lugar. O menino **valente** conta todos os detalhes do que aconteceu: horários, movimentos, tipos de arma e o abrigo no vizinho de cima. Revia toda a cena outra vez. **Há um abatimento familiar em toda cidade.** Este homem acordou com barulho. Mora a 300 metros do apartamento invadido, viu fumaça por todo lado. Esta mulher assistiu aos raios *lasers* das miras das armas da polícia. *Sahib* agarrou o filho de dois anos e se agachou até o banheiro. Ela disse que o prédio balançava a ponto de parecer que ia desabar. **Diante de tantas aflições, um grupo especial se destaca. O governo francês enviou psicólogos para cuidar destes novos traumas.**

Análise:

Vale destacar que todas as sonoridades foram gravadas enquadrando repórter e entrevistado. Em todo o texto se vê o sentido de conotação, momento em que uma palavra emprega, em si, um sentido figurado, ou seja, ela é subjetiva e sua percepção varia de indivíduo para indivíduo (FARACO & MOURA, 2001). Dentre os trechos, destaca-se:

Metonímia: “Milhares de pessoas se descobriram vizinhas do terror”. O ato de “se descobrir vizinho do terror” é extremamente subjetivo; neste aspecto, o repórter se referiu ao “susto” que moradores da cidade francesa de Saint Denis levaram ao descobrir repentinamente a existência de um grupo de terroristas no local. Na outra frase: “Muitos se entrincheiraram em casa”, o verbo “entrincheirar” representa armar trincheira, proteger-se, armar-se (LUFT, 2000). Neste caso, os moradores não criaram, literalmente, trincheiras de guerra em suas casas; eles se esconderam ali, buscando proteção. A metonímia é a representação da palavra que tinha originalmente um significado (proteção nos campos de batalha da guerra) e, mudando de contexto, passa a ter outro. A conotação é o que dá subsídio à frase, alcançando-lhe entendimento.

Prosopopeia: “A polícia avistava o perigo em todas as direções. [...] A ansiedade dos policiais era a ansiedade de todos”. O conceito de prosopopeia é atribuir características, sentimentos e ações aos mais variados seres, transformando-os em personagens (IJUIM, 2009). Neste caso, é a polícia e os policiais que resumem a ansiedade da população no momento de tensão.

Crônica: Quando o repórter se utiliza dos termos “aflita” e “valente”, ele adjetiva o texto, conscientiza os personagens de suas ações. Apesar dos manuais de jornalismo abominarem o uso de adjetivos, eles aparecem neste texto, que traz em si muitas características da crônica jornalística, que, como explicam Bender e Laurito (1993), a intenção não é mostrar, por exemplo, a princesa da Inglaterra em si, propriamente dita, mas como todos a apreciam, por tais qualidades.

Reportagem 2

Chamada: Renata Vasconcellos - Bloco 2 Início: 22'

A lama que invadiu o leito do Rio Doce, no desastre ambiental de Mariana, em Minas Gerais, chegou a uma das maiores cidades do Espírito Santo. Colatina cortou o abastecimento de água e começou a perfurar poços.

• Narração *off*: **A lama foi chegando devagar**, a um quilômetro por hora. Mas quanto entrou no município de Colatina, por volta de meia noite, a suspensão do abastecimento foi imediata. **E a dona Jaldete logo percebeu: parou de chegar a água que ela usa na mangueira.** E dentro de casa, ela aproveita a água que já estava na caixa. Essa aí é extra: ela comprou *pra* armazenar mais água. O tanquinho da máquina de lavar roupa ganhou a mesma

função. O Rio Doce é a única forma de captação de água para as 122 mil pessoas que moram em Colatina. E a cidade montou um plano de emergência *pra* atender todo mundo. A Samarco, que pertence à Vale e à PHP, é a empresa responsável pela barragem que cedeu em Minas Gerais. É ela que está perfurando seus poços na cidade, a pedido da Prefeitura de Colatina. Mas não é tão fácil encontrar água. Esse foi a 120 metros de profundidade. E não achou nada. Já esse outro conseguiu e a água começou a jorrar hoje de manhã.

- **Passagem:** Para buscar a água nos poços e também em lagoas aqui da região, 80 carros pipa já estão aqui em Colatina. Outros ficam parados assim perto de hidrantes e em locais estratégicos também. No final dessa rua, por exemplo, tem um hospital e logo aqui atrás tem uma escola, que tem prioridade no abastecimento.

- **Narração *off*:** Para atender as casas o Exército instalou esses reservatórios de 10 mil litros nos bairros. **Um reservatório ficou bem ao lado da casa do seu Leoni.** A Prefeitura informou que está analisando a qualidade da água do Rio Doce e que por enquanto não pode informar exatamente quando Colatina vai voltar a poder usar essa água. Baixo Guandu, a primeira cidade capixaba a receber a lama, consegue garantir o abastecimento dos moradores utilizando outro rio. **Um alívio para quem se entristece com a visão atual da água do Rio Doce.**

Análise:

Relato humanizado: A notícia é sobre a lama, que chegava no leito do Rio Doce, na cidade de Colatina, do Espírito Santo. Situação desastrosa para os 122 mil habitantes do município. A dimensão do fato, no entanto, fica a cargo de dona Jaldete e seu Leoni: dois moradores dos bairros que estão sentindo na pele o desastre ambiental. A “dona Jaldete” e o “seu Leoni” são ambien-

tados como “cidadãos brasileiros” quando tratados pelo primeiro nome (GOMES *apud* PALLOTTINI, 2007). Essa aproximação se vale da “construção de cenários específicos e da encenação da vida cotidiana” (GOMES, 2007, p. 14) – ou seja, a mulher que não tem mais água na mangueira do pátio de casa e que precisou comprar uma caixa d’água extra e o senhor idoso que ficou com um reservatório do Exército bem próximo de sua casa.

Reportagem 3

Chamada/âncora: William Bonner - Bloco 3

Início: 28' - Fim: 31'11

Nesse desastre de Minas Gerais, até agora sete corpos já foram identificados. Quatro ainda aguardam reconhecimento e 12 pessoas ainda estão desaparecidas.

Narração *off*: **A lama que engoliu um rio inteiro também enterrou histórias. Esta era a casa do pai do Reginaldo. Não sobrou nenhum quadro na parede.** A criação de galinhas foi soterrada. A família conseguiu sair antes *da* lama chegar.

• Passagem: Quem conseguiu fugir da avalanche de lama ou foi levado para hotéis ou então para casas de parentes. **É o caso da dona Maria da Penha, 70 anos, que passou por um resgate dramático.** A perna dela já estava quebrada e ela estava com dificuldade de locomoção. Ela viu a lama chegando bem próximo a casa dela. Só no dia seguinte ela conseguiu finalmente ser resgatada por helicóptero e foi levada para casa de parentes. (Falando com a personagem, que está deitada em uma cama) Dona Maria da Penha, uma imagem que a senhora não esquece. (Personagem, em tom de voz baixo e rouco) “Não esqueço nunca...”

• *Narração off*: A filha de dona Maria da Penha ajudou a arrastar a mãe para que ela não fosse coberta pela lama. Em Gesteira, um distrito de Barra Longa, um grupo de motoqueiros ajudou a polícia militar a recuperar obras sacras de grande valor histórico que haviam sido roubadas da igreja depois do rompimento da barragem. Em Bento Rodrigues, oito famílias tiveram autorização para tirar móveis e outros pertences de dentro de casa. **Entre os desaparecidos desta tragédia está a mãe de Vanderlei.** Ele não cansa de buscar informações. **A cada dia que se passa um pouquinho da esperança dele vai embora com a lama que desce pelo rio.**

Análise:

Conotação/Metonímia/Prosopopeia: “A lama que engoliu um rio inteiro também enterrou histórias”. Quando o repórter diz que a lama que engoliu um rio inteiro enterrou também histórias, ele dá outro sentido às palavras “engolir” e “enterrar”, conforme compreendido pelo conceito de metonímia. A prosopopeia está presente no momento em que a lama é personificada, passando a ser o sujeito da ação. Ela (a lama) foi tão forte que engoliu um rio inteiro e enterrou histórias.

Discurso humanizado: “Esta era a casa do pai do Reginaldo. Não sobrou nenhum quadro na parede. A criação de galinhas foi soterrada. [...] Entre os desaparecidos desta tragédia está a mãe de Vanderlei. Ele não cansa de buscar informações. [...] A cada dia que se passa um pouquinho da esperança dele vai embora com a lama que desce pelo rio.” Aqui se destaca o discurso humanizado pois o norte da matéria está nos personagens, que são “o ponto de partida e de chegada, o que supõe que este fazer começa antes da pauta, na consciência do ser jornalista” (IJUIM, 2014, p. 13). A busca em mostrar a versão dos personagens existe para estender ao público mais que a explicação de um fato – neste caso os prejuízos

da queda da barragem de Mariana, MG – mas a totalidade das ações humanas.

Edição de quinta-feira, 26 de novembro de 2015

O telejornal desta data apresentou, majoritariamente, notícias sobre a prisão do senador Delcídio do Amaral e seu envolvimento na Operação Lava Jato: foram mais de 20 minutos de atenção à prisão do político em 43 minutos de programação. O aspecto de linguagem humanizada, no entanto, apareceu em duas ocasiões. A primeira, apresentada no segundo bloco, tratou de filhotes de tartaruga que receberam atendimento do Projeto Tamar para não ir em direção da lama após o rompimento da barragem da Samarco atingir o litoral do Espírito Santo. A segunda ocasião foi a apresentação do atleta Dante na casa de uma família que estava inscrita para ser voluntária nas Olimpíadas do Rio. É ele quem dá o fio condutor da história – tendo o repórter apenas como alicerce textual e de edição.

Reportagem 1

Chamada/âncora: Renata Vasconcellos - Bloco 2
Início: 22' - Fim: 24'10

No litoral do Espírito Santo, pra proteger da lama os filhotes de tartaruga, os biólogos do Projeto Tamar tiveram que mudar de estratégia.

• **Narração off: Fim de tarde e algumas já começam a chegar. Essa aí saiu da água, andou um pedaço na areia, mas não colocou os ovos. É normal. Às vezes elas se assustam, desistem e voltam para o mar.** O que nunca ninguém imaginou é que um dia o mar aqui estaria com lama de rejeito de

minério. A praia de Regência é um dos principais pontos do país de desova de tartarugas. Têm quase 700 ninhos, que são marcados por estacas na areia. E a lama não tinha hora pior *pra* chegar aqui. Novembro é o mês que tem mais desova e o nascimento dos filhotes está começando agora. Por isso quando souberam que tinha lama a caminho, os pesquisadores tiraram alguns ovos da foz do rio que era assim (rio sem lama) e ficou assim (com a lama chegando). Os ovos foram enterrados em outro ponto da praia e chegou a hora de nascer. Geralmente elas saem sozinhas dos ninhos. Mas agora... (sonora especialista do projeto) “É uma espécie de cesariana, porque a gente teve que abrir o ninho”.

- **Passagem:** Logo que sai do ninho, o filhotinho de tartaruga não para. Ele vai direto aqui em direção ao mar. Em condições normais o pessoal do Projeto Tamar não interfere, mas agora eles até pedem que a gente dê essa ajuda aqui (**pega a tartaruga na mão**) e entregue aqui. **Olha aqui ó, tem um fujão.** Porque com essa lama toda, o trajeto está alterado.

- **Narração off:** **Desses dois ninhos saíram 118 tartaruginhas, que não foram direto para o mar.** Primeiro ficaram guardadas nessas caixas. **O pessoal do Projeto Tamar**, para tentar salvá-las, levou para mais de 20 km ao sul da praia, onde a lama ainda não chegou. **Lá, sim, elas foram liberadas, seguiram o instinto e foram para o mar.** É uma tentativa, mas não uma garantia, de que vão escapar deste desastre ambiental. (Encerra com sonoras de biólogos do Projeto Tamar).

Análise:

Reportagem: A história sobre as tartarugas que nascem e são levadas para outro lugar por conta da lama da barragem da Samarco poderia ser transcrita como uma notícia simples, mas foi retratada com profundidade pelo repórter. Ele mostra as tartarugas, pega-as na mão, mostra dados e percorre todo o caminho de soltura – 20

km da praia da Regência, no Espírito Santo – o que caracteriza a diferenciação entre uma notícia e uma reportagem. Na reportagem é possível aprofundar os fatos, entrevistar um número maior de fontes e contar com uma produção mais elaborada que auxilie no contar de uma história (BARBEIRO & LIMA, 2002).

Texto verbal: Durante a passagem, o repórter fala, ao pegar uma das tartarugas na mão: “Olha aqui ó, tem um fujão”. A linguagem empregada se encaixa no operador de análise do texto verbal – ou seja, a estratégia empregada pelo mediador para construir a conexão com a audiência. Ele faz uso, também, de figura de linguagem conotativa, não insinuando que a “fuga” seria proposital, mas uma leitura do movimento de uma das tartarugas que, instintivamente, ia em direção ao mar minutos após seu nascimento. O mesmo acontece na frase “Lá, sim, elas foram liberadas, seguiram o instinto e foram para o mar”. O “lá” refere-se à praia que fica a 20 km de distância, mas, por coloquialidade, foi transformada em advérbio, que, portanto, conta também como figura de linguagem, como explica Ijuim (2009). Ele serviu para realçar sonoridade, comparou e buscou ampliar a compreensão do texto (IJUIM, 2009, p. 95), caracterizando como linguagem humanizada.

Prosopopeia/Texto verbal: Quando o repórter chama os filhotes de tartarugas de “tartaruguinhas”, esta pode, também, ser considerada uma prosopopeia, já que as personifica, transformando-as em alvos carismáticos do público. O mesmo acontece quando o mediador se refere aos biólogos da organização como “o pessoal do projeto Tamar” – ele dá o tom de coloquialidade para que logo de início haja simpatia com a audiência, fator que também se enquadra na teoria de “texto verbal”, já que é uma estratégia de identificação utilizada pelo repórter (GOMES, 2007).

Chamada/âncora: William Bonner - Bloco 6
Início: 40' - Fim: 42'47

A organização das olimpíadas do Rio tá divulgando agora à noite os nomes dos 50 mil voluntários selecionados para trabalhar nos jogos. E os integrantes do primeiro grupo são todos da mesma família.

- Narração *off*: **Essa medalha é cheia de lembranças.** Nas olimpíadas de Barcelona, em 92, o Brasil conquistava o lugar mais alto do pódio. Dante lembra também dos bastidores, da amizade entre atletas e voluntários.

- Passagem: O trabalho voluntário é espontâneo, **feito de coração.** Nessa casa aqui moram cinco pessoas que querem muito trabalhar nas olimpíadas de 2016. Mas ninguém sabe que foi escolhido. Quem vai trazer essa mensagem é o Dante. **Olha só.** (Cumprimentos; som ambiente)

- Narração *off*: Carla, que já é voluntária na organização dos jogos, nos apresenta a família. (Sonora: “Esse é o time!”) Todos ansiosos por uma vaga. (**Dante fala: hoje vai sair a lista dos 50 mil convocados pra seleção das olimpíadas e eu fui convocado para passar a informação que vocês foram convocados; aplausos; abraços.**)

- Narração *off*: **Dona Maria Auxiliadora já correu cinco maratonas e está cheia de disposição para ajudar no atletismo. Osmar foi jogador profissional de basquete. O Pedro Ivo quer ser jogador de futebol. E o João Pedro sonha em ser diplomata e fala quatro idiomas.** A família tá pronta pra ajudar. Bem, o João Pedro até ganhou a camisa, mas não pode ser voluntário. É menor, só tem 15 anos. Nem por isso, menos

satisfeito. Dante lembra que voluntários têm o privilégio de ficar **pertinho das estrelas. (Som ambiente; abraços; entrega a medalha para dona Maria).**

Análise:

História de interesse humano: A pauta é simples: uma família quer ser voluntária nas Olimpíadas do Rio de Janeiro e um dos medalhistas dos jogos de Barcelona de 1992, Dante, foi escalado para contar a novidade de que todos foram escolhidos para o trabalho. Ainda que seja interessante por si só, o espectador quer entender o motivo desta família, em específico, ter sido escolhida. Como explicar isso? No texto, o repórter fala um pouco das particularidades de cada integrante. **“Dona Maria Auxiliadora já correu cinco maratonas e está cheia de disposição para ajudar no atletismo. Osmar foi jogador profissional de basquete. O Pedro Ivo quer ser jogador de futebol. E o João Pedro sonha em ser diplomata e fala quatro idiomas”.** Somado a isso, o texto serve apenas como um suporte ao encontro: as sonoridades da conversa entre o atleta e os integrantes da família são o foco da reportagem. Por isso ela pode ser caracterizada como uma “história de interesse humano”, conforme o conceito de Marques de Melo (2003). Este modelo não se diferencia em nada da reportagem em si, mas é reparado em sua dimensão para retornar o interesse e atenção do público com ajuda de personagens que auxiliem no contar da história (MELO, 2003). A história de interesse humano está intrinsecamente ligada à linguagem humanizada. Ijuim (2014) diz que sua intenção é produzir narrativas em que “o ser humano é o ponto de partida e de chegada, o que supõe que este fazer começa antes da pauta, na consciência do ser jornalista” (IJUIM, 2014, p. 13).

Contexto comunicativo: É o atleta medalhista das Olimpíadas de Barcelona, Dante, quem dá o tom da conversa: a notícia está no fato de ele ir, pessoalmente, informar uma família de que todos foram escolhidos para ser voluntários nas Olimpíadas. O contexto comunicativo está na certa institucionalidade do seu ato: o fato do próprio medalhista ter ido até a casa dos personagens ressalta a proximidade não apenas das Olimpíadas, mas do jogador ter entrado na residência destas pessoas e entregado, ali, um certificado (a medalha simbólica) de presença nos jogos. O contexto comunicativo é aquele que compreende tanto emissor, quanto receptor, além das circunstâncias espaciais e temporais em que o processo criativo se dá. O diferencial, neste caso, foi no uso do texto, que não foi necessariamente contado pelo repórter, mas pelo atleta que foi visitar a família – ele era o fio condutor da matéria.

Figuras de linguagem: As expressões “esta medalha é cheia de lembranças”; “feito de coração” e “pertinho das estrelas” revelam uso da linguagem conotativa no texto do jornalista.

Edição de sexta-feira – 4 de dezembro de 2015

No total de mais de 43 minutos de telejornal, apenas uma matéria foi destacada com potencial linguagem humanizada. Para ela, no entanto, foi dedicado quase todo o segundo bloco: dos oito minutos totais do bloco, cinco foram ocupados pela reportagem. Também pode-se destacar que no programa desta sexta-feira, os primeiros três blocos foram dedicados a matérias de cunho geral (estatísticas do IBGE sobre empregabilidade dos jovens, confronto nas escolas ocupadas de São Paulo e investigações sobre o Estado Islâmico são alguns dos exemplos). O quarto e último bloco, tiveram como foco a abertura de processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff.

Chamada / Âncora: Renata Vasconcellos - Bloco 2
Início: 14'15 - Fim: 19'20

A tragédia da lama completa um mês amanhã. Os repórteres Phelipe Siani e Tiago Capelle foram até Bento Rodrigues. Eles mostram agora a destruição impressionante do distrito e o drama de quem perdeu tudo.

- Narração *off*: A escola municipal de Bento Rodrigues, até pouco mais de um mês atrás. **Lugar colorido, alegre.** Escola municipal de Bento Rodrigues hoje. **Agora, prédio marrom. Silencioso. Onde no refeitório nada mais se come. No cantinho da leitura, nada mais se lê.**

- Passagem: Aqui era o pátio onde as crianças mais brincavam na escola. Como a gente sabe disso? Pela única ponta da gangorra que ficou para fora da lama e pelo balanço, lá no fundo, soterrado.

- Narração *off*: **A Marli chegou a trabalhar na escola, mas o único pátio em que ela trabalha agora, com passos acanhados, é esse. Lugar que ela foi obrigada a reconhecer como novo lar. Um alojamento de um hotel com muitas pessoas convivendo juntas. Pra se distrair, a Marli tem só duas agulhas e um novelo de lã. Mas como é difícil não errar o trançado pensando em tudo que aconteceu há um mês.** (Sonora – conta que a mãe foi levada pela lama). **É por isso que hoje o irmão dela passa os dias assim, deitado na cama. Faz dois anos que ele tava construindo uma casa em Bento Rodrigues pra morar com a esposa e com a mãe. A tragédia levou a casa e levou a mãe.** (Sonora – “eu não tenho vontade de ficar vivo mais não”). **Depois da nossa entrevista** a Marli resolveu voltar para Bento Rodrigues pela primeira vez desde a tragédia. Com medo do que ia encontrar, levou uma amiga que

perdeu tudo. **E como foi duro pra Eliziane entender que o lugar onde ela cresceu correndo e brincando com as amigas virou um deserto onde até caminhar é perigoso. Agora nada mais que um terreno lamacento de memórias.** (Sonora: Eliziane mostra o anel encontrado no barro que era da mãe, as chaves da casa, onde eram os quartos, a sala). Vizinha à casa da Eliziane ficava a casa do Marcelo, irmão da Marli, que tentava construir havia dois anos.

- **Passagem:** A lama veio de lá para cá. Quando ela chegou na parede aqui dessa casa ela destruiu boa parte da construção, entrou com muita violência por aqui, inclusive carregando esse colchão que era de outra casa. Carregando também uma geladeira que foi parar lá em cima, no teto. A gente não consegue nem identificar que cômodo é esse. A gente só vê que aqui, pelo desenho, tinha uma porta, só que o buraco que a lama abriu por aqui foi gigantesco e seguiu destruindo tudo o que vinha pelo caminho. O nível da lama aqui *tá* tão alto que a gente consegue chegar no telhado da casa. E é só a gente arrancar umas telhas aqui (tira as telhas) *pra* perceber que a casa *tá* totalmente tomada pela lama.

- **Narração *off*:** Até que os rastros da destruição levam a Marli onde ela queria chegar. (Sonora – mostra o *shampoo* da mãe. “A lama cobriu tudo”).

Análise:

História de interesse humano: Como saber se encontramos (ou não) a linguagem humanizada? Basta analisar a existência dos personagens. Nesta matéria, em específico, são basicamente eles quem constroem a narrativa. Este recurso causa aproximação com o espectador – já imaginou ter que voltar para a sua casa depois de um mês e encontrar suas chaves, seus objetos, sua sala, cheios de lama? Ao invés de dizer que tantas pessoas estavam fora de casa por conta da queda da barragem, um recorte de tantas outras

histórias sensibilizou o acontecimento. Curado (2002) defende este modelo. Ela diz que “a informação crua, embora correta, não tem nenhum impacto” (CURADO, 2002, p. 43). A emoção, ela afirma, é compreendida quando retratada em outro semelhante. “Toda tragédia tem um ser humano e o ser humano tem que se revelar, e toda história tem uma pessoa, pois sem ela não é uma história. Se não mostrarmos a pessoa, estamos fazendo o anuário estatístico do IBGE. Está claro: temos que ter o personagem, a história e a emoção” (CURADO, 2002, p. 43). O interesse humano está no homem que queria construir uma casa para a mãe e a esposa, mas a lama destruiu toda a casa (e, como se não bastasse, também desapareceu com a mãe). Provas que provocam o interesse humano estão nas frases **“E como foi duro pra Eliziane entender que o lugar onde ela cresceu correndo e brincando com as amigas virou um deserto onde até caminhar é perigoso”** ou **“Lugar que ela foi obrigada a reconhecer como novo lar. Um alojamento de um hotel com muitas pessoas convivendo juntas. Pra se distrair, a Marli tem só duas agulhas e um novelo de lã. Mas como é difícil não errar o trançado pensando em tudo que aconteceu há um mês”**. A humanização descreve, ambientaliza, dá tons e nuances, leva o espectador para o caminho da identificação, levando o sujeito “a pensar, a buscar compreender melhor o que se passa, as razões, os interesses, as variantes do caso relatado” (IJUIM, 2009, p. 92).

Prosopopeia: “A escola municipal de Bento Rodrigues, até pouco mais de um mês atrás. **Lugar colorido, alegre.** Escola municipal de Bento Rodrigues hoje. **Agora, prédio marrom. Silencioso. Onde no refeitório nada mais se come. No cantinho da leitura, nada mais se lê”**. A Escola Municipal de Bento Rodrigues passa a ser o personagem que conta por si como a lama foi prejudicial à comunidade: antes era um lugar alegre, colorido e depois virou marrom, silencioso. Ela é a personificação do que se perdeu naquela comunidade. As frases **“Agora, pré-**

dio marrom. Silencioso. Onde no refeitório nada mais se come. No cantinho da leitura, nada mais se lê” em especial mostram a morbidade do local. O repórter, inclusive, utilizou-se de adjetivação para compreender o lugar – ainda que as imagens mostradas na reportagem dissessem muito por si só, mesmo que o texto apresente aspectos de redundância – abominados pelos manuais de televisão. Pode ser usado o exemplo do “prédio marrom”, que, neste caso, refere-se não ao fato de que o prédio é de fato da cor marrom, mas que ficou assim com a chegada da lama.

Contexto comunicativo/Informação pela imagem: O repórter fica em evidência na reportagem; são três passagens, sem contar os momentos em que ele é enquadrado durante as sonoras. Este movimento mostra a ideia de que ele está ali, vivendo aquilo com as vítimas, mostrando como a lama estragou a comunidade, pegando telhas na mão – **“O nível da lama aqui tá tão alto que a gente consegue chegar no telhado da casa. E é só a gente arrancar umas telhas aqui (tira as telhas) pra perceber que a casa tá totalmente tomada pela lama”**– andando sobre o barro com as botas de borracha ou mostrando colchões e geladeiras nos telhados das casas. Este movimento também pode se enquadrar no quesito Informação pela imagem, conceituado por Melo (2003). Ele diz que não é o código em si que caracteriza o gênero jornalístico, mas o conjunto de circunstâncias que determinam o relato difundido ao público (MELO, 2003). Como na televisão esta é a prioridade, as imagens em movimento apresentam maior significação e expressão simbólica (MELO 2003), o que faz com que a presença do repórter só comprove ainda mais que ele esteve ali e viu de perto o drama dos sobreviventes da tragédia. É mais uma maneira de dar sustentação ao discurso humanizado. Só o fato de o repórter estar no local já evidencia tanto a sua presença, quanto a do veículo, o que permuta a teoria de Contexto comunicativo – os modos como os emissores se apresentam, como

representam seus receptores e como situam uns e outros em uma situação comunicativa concreta (GOMES, 2007).

Edição de sábado, 12 de dezembro de 2015

A edição de sábado não contou com registro de linguagem humanizada. O telejornal, apresentado por Evaristo Costa e Giuliana Morrone, teve um primeiro bloco de 18 minutos e 30 segundos: nele se destacou a Conferência do Clima da ONU e uma chamada ao vivo de Nova Iorque, com repórter falando sobre a notícia. A ONU também foi citada na reunião de representantes da empresa Samarco, onde se cobrou assistência às vítimas da tragédia de Minas Gerais, com o rompimento da barragem de Fundão. No primeiro bloco ainda se passam os riscos de armazenamento de rejeitos das barragens, tendo como recurso um infográfico animado e uma matéria completa sobre causas do El Niño, seguido, então, da previsão do tempo e de matéria sobre a morte de menino de dois anos com bala perdida, no Rio de Janeiro. Nos três blocos restantes (cada um com cerca de seis minutos) não foram encontradas matérias construídas unicamente sobre a narrativa humanizada. O tempo total de jornal foi de 40 minutos e 40 segundos.

Edição de segunda-feira, 14 de dezembro de 2015

A edição dessa segunda-feira, em específico, contou com duas matérias que traziam em si o relato humanizado conceituado por Ijuim (2009-2014). Coincidentemente ou não, ambas estavam enquadradas na editoria de Economia e foram veiculadas juntas no segundo bloco do telejornal. Nesse dia, William Bonner e Renata Vasconcellos apresentavam na bancada o programa que teve o tempo total de 32 minutos e 50 segundos – o mais curto dos jornais analisados por esta pesquisa.

Chamada/âncora: William Bonner - Bloco 2
Início: 13' - Fim: 15'30

A venda de *smartphones* chegou ao fim no Brasil. Os números mostram uma queda no movimento de compras. Mas a dependência de quem tem um aparelhinho desses por perto, não mudou não.

• Narração *off*: **Esse foi um dia esquisito pra Luísa.** Repórter: A sensação é estranha? Personagem: É, é bem estranha. Parece que uma parte de mim foi perdida (risos).

• Narração *off*: E vai dizer que hoje em dia ele não é uma parte de cada um de nós? **Esse hospital do celular atende todo dia cerca de 60 pacientes. E, como numa emergência, o socorro tem que ser bem rápido.** Até porque comprar outro custa caro. Ainda mais com o dólar do jeito que tá. E ainda tem a crise. O analista diz que o setor não esperava queda nas vendas nesse ano. Eles apostavam nos brasileiros que ainda não têm um *smartphone*, esse celular moderno que acessa a internet.

• Passagem: Dois mil e quatorze foi o ano em que as vendas de *smartphones* explodiram no Brasil. As vendas chegaram a 54 milhões e 500 mil aparelhos. Já agora, em 2015, as coisas mudaram: elas desaceleraram e não devem passar de 47 milhões e 600 mil unidades. Quase sete milhões de *smartphones* a menos. Uma queda de 12,6% nas vendas. Tem menos gente saindo das lojas com um equipamento desses. Mas quem sai, sai desembolsando mais: em 2014 o gasto médio com *smartphone* era de 618 reais. Agora em 2015 chegou a 925 reais.

• Narração *off*: Se é pra gastar mais, tem que durar mais. Um ano atrás, os brasileiros trocavam de aparelho a cada um ano e meio. Agora levam dois anos. Dois anos que serão intensos.

Análise:

Conotação: “Esse foi um dia esquisito pra Luísa. Repórter: A sensação é estranha? Personagem: É, é bem estranha. Parece que uma parte de mim foi perdida (risos)”. Uma “parte” da Luísa não foi realmente perdida: ela só deixou o celular no conserto por algumas horas. O primeiro artifício da linguagem humanizada é que o repórter já começa o texto com a fonte e utiliza-se da sua fala para explicar qual é o sentimento na hora de “largar” o celular, o principal foco da matéria. A seguir, mais utilização da linguagem conotativa. “E vai dizer que hoje em dia ele não é uma parte de cada um de nós. Esse hospital do celular atende todo dia cerca de 60 pacientes. E, como numa emergência, o socorro tem que ser bem rápido”. Desta vez é o repórter quem dá ênfase: “E vai dizer que hoje em dia ele não é uma parte de cada um de nós?”. Linguagem conotativa no sentido mais puro da palavra, justamente do jeito explicado por Faraco e Moura (2001), que disseram que a conotação é o emprego da palavra no sentido figurado. Sua utilização pode sugerir inúmeras interpretações, é subjetiva. Por isso nesta frase, em que diz que o celular é “parte” de cada um de nós, temos um termo com sentido polissêmico – ou também conhecido como uma “palavra-ônibus”, como citado por Rezende *apud* Albertino Cunha (2004). No sentido denotativo, o celular não faz “parte” de nós: ele é apenas mais um objeto isolado do nosso dia a dia, talvez com uma importância maior que outros. A linguagem humanizada consiste na identificação com o sujeito que recebe a mensagem: a intenção não é apenas fazer com que a mensagem seja mais atrativa, mas que também provoque a identificação com o receptor da mensagem, como explica Curado (2002). Segundo ela, a construção da matéria é sobre o personagem e a emoção que ele transmite só pelo fato de se sentir assim, como, por exemplo, com o celular sendo “parte” de si.

Ironia/Metonímia: Foram localizadas algumas figuras de linguagem em duas frases: “Esse hospital do celular atende todo dia cerca de 60 pacientes. E, como numa emergência, o socorro tem que ser bem rápido”. A ironia, empregada para dizer exatamente ao contrário do que está sendo exposto, utilizando-se da situação de forma cômica está empregada quando o repórter diz que “esse hospital do celular atende todo dia cerca de 60 pacientes” e que “o socorro tem que ser rápido”. Os celulares não são, de fato, “pacientes” que precisam de um “socorro rápido”. Logo, o uso da ironia identifica aqui a “febre” dos donos destes aparelhos que, na realidade, são quem precisam de atendimento. A metonímia serve para completar este quadro. Ela existe para conceituar palavras que originalmente têm um significado e passam a ter outros. É o caso das palavras “hospital” (que na realidade é um estabelecimento comercial de consertos de aparelhos eletrônicos); “paciente” (que não são pacientes de verdade, mas *smartphones*); e “socorro” (já que estes atendimentos não podem ser caracterizados como reais urgências e emergências tidas nos hospitais). A conotação, por fim, é visualizada pelo sentido figurado de cada uma destas palavras e seu entendimento subjetivo.

Reportagem 2

Cabeça/âncora: William Bonner - Bloco 2

Início: 15'42 - Fim: 18'51

O Índice de Desenvolvimento Humano do Brasil melhorou, mas ainda assim está atrás do México e do Sri Lanka. Esse índice, o IDH, é medido pela ONU e leva em consideração a educação, a saúde e a renda da população.

• Narração *off*: **Parece que foi ontem, mas lá se vão 16 anos desde que a Alessandra se formou em Administração.** Depois ainda fez uma pós, antes de passar num concurso de um

banco em Brasília. **Foi a realização do sonho do seu Luís e da dona Lucília, que tinham pouco estudo**, mas deram uma chance para a filha de **controlar o futuro profissional. São os sinais dos tempos**. Os brasileiros estão estudando mais. A média de presença nas salas de aula passou de 7,7 anos, quase quatro a mais que em 1990. Os dados são da pesquisa divulgada hoje pelo PNUD, o dado das Nações Unidas que mede o IDH, o Índice de Desenvolvimento Humano, que avalia a qualidade de vida da população mundial.

- **Passagem:** Nessas duas últimas décadas e meia, desde que a pesquisa começou a ser feita, o índice de desenvolvimento humano do Brasil foi o que mais cresceu na América Latina: 24,2%. Mas ainda está abaixo da Venezuela, do Uruguai, da Argentina e do Chile. Entre todos os 188 países pesquisados de todo planeta, perdemos uma posição em apenas um ano. Fomos de 74 para 75. E esses dados são de 2014, portanto não consideram os efeitos da atual crise econômica.

- **Narração off:** A ONU também destaca os programas sociais e de transferência de renda no Brasil, como o Bolsa Família. A renda média dos brasileiros caiu 0,8% em relação ao relatório anterior de 2013. **A Cleide e o Manuel sabem bem disso. Os dois perderam o emprego no ano passado, bem na época do aniversário da filha.** Os dois decidiram montar uma festinha. Nasceu naquele dia a nova profissão do casal: organizadores de eventos. Por enquanto renda 30% menor do que antes, mas **otimismo nas alturas. Sob o mesmo teto um outro exemplo da pesquisa. O seu Adão, pai da Cleide. Ele é um dos brasileiros que estão vivendo mais.** A expectativa de vida no Brasil subiu de 74,2 para 78,2 anos. O seu Adão passou longe disso. Vai fazer 90 anos, **firme e forte.**

Análise:

Relato humanizado: Esta reportagem traz características da humanização por não ter dado apenas a notícia em si – que dados do IDH revelam tais informações – mas por ter trazido personagens que sentiram na pele as mudanças mostradas pela pesquisa. Quando o repórter começa contando que **“parece que foi ontem, mas lá se vão 16 anos desde que a Alessandra se formou em Administração”**, ele humaniza o relato, faz com que outras pessoas que passaram por situações semelhantes se interessem pela reportagem (IJUIM, 2014). O mesmo acontece quando ele conta a história dos pais do personagem Alessandra, o seu Luís e dona Lucinda: ambos com pouco estudo, que deram para a filha a chance de ter um futuro profissional. Ou então a história da Cleide e do Manuel, que “perderam o emprego no ano passado, bem na época do aniversário da filha” e, depois de montar uma festinha para a menina, descobriram suas novas profissões: organizadores de eventos. Relatos de pessoas que tiveram suas vidas transformadas pela questão econômica e que são retratados como exemplos para os números da pesquisa. Este modelo de narração é defendido por Curado, que diz que a informação, sozinha, não tem força. “Toda tragédia tem um ser humano e o ser humano tem que se revelar, e toda história tem uma pessoa, pois sem ela não é uma história. Se não mostrarmos a pessoa, estamos fazendo o anuário estatístico do IBGE. Está claro: temos que ter o personagem, a história e a emoção” (CURADO, 2002, p. 43). Outro ponto crucial do enunciado são os pronomes de tratamento dos personagens: o Seu Adão, a Cleide, o seu Luís, a dona Lucinda, o Manuel. Todos são retratados como sujeitos simbólicos, com os quais se busca identificação através do uso do primeiro nome, o que lhes assume posição social, sem qualquer outra caracterização, como origem ou sobrenome, por exemplo. Seu uso no relato consiste em “contar a história de um personagem que vai

exemplificar a situação de muitos outros”, o que se entende como uma das estratégias mais utilizadas para se aproximar da audiência (GOMES, 2007).

Conotação: Dizer que a filha teve a chance de “**controlar o futuro profissional**” ou que o “otimismo está nas alturas” é, sim, utilizar-se de linguagem conotativa. O mesmo acontece quando se refere que alguém está “**firme e forte**”. O otimismo não está literalmente nas alturas, mas na confiança de Cleide e Manuel, que viram no novo negócio uma chance de driblar a crise econômica. A figura de linguagem utilizada com o Seu Adão, pai de Cleide, em que diz que está “firme e forte” conota saúde e disponibilidade de um senhor idoso que está prestes a completar 90 anos. Quando se diz que os pais de Alessandra lhe deram a oportunidade de “controlar o futuro profissional” não significa que de fato lhe deram poderes mágicos, mas sim o estudo – para que, a partir daí, assuma sua vida profissional como bem desejar. Esta conotação está muito presente no operador de análise “texto verbal”, onde são reveladas estratégias para a construção das notícias, a fim de ser compreensível e interpelar diretamente na audiência (GOMES, 2007). Neste caso, vê-se o modalizador de atualidade e didático, onde são utilizadas gírias (firme e forte, otimismo nas alturas) e alternativas de maior compreensão no texto (chance de controlar o futuro profissional) (VIZEU, 2002).

Edição de terça-feira, 22 de dezembro de 2015 (Anexo 3)

Dos 41 minutos de telejornal, apresentados por William Bonner e Renata Vasconcellos, cerca de 15 foram dedicados para três matérias identificadas com o discurso humanizado conceituado por Ijuim (2009-2014). Atenção para o segundo bloco, onde foram apresentadas duas reportagens do estilo, uma seguida da outra.

Chamada/âncora: Renata Vasconcellos – Bloco 01
Início: 4'05 - Fim: 8'58

Um curto circuito é por enquanto a única hipótese do início do incêndio que destruiu o Museu da Língua Portuguesa ontem em São Paulo. **Menos de 24 horas depois do acidente devastador, os repórteres Franklin Feitosa e José Roberto Burnier entraram no prédio.**

• Narração *off*: **Dói só de olhar. O que abrigava um dos museus mais importantes da América Latina agora é um amontoado de escombros.** Se impressiona do alto, imagine de perto.

• *Passagem*: Essa é a área de divisão. O fogo foi daqui *pra* lá. A gente *tá* vendo aqui pelo teto que foi queimado, os bombeiros conseguiram segurar a torre que fica bem em cima de onde nós estamos e não deixar o fogo avançar *pra* parte onde fica a Estação da Luz mesmo, de trem, que é aquele lado de lá. Aqui começa o que era o Museu da Língua Portuguesa. Vamos **entrar aqui**. Não sobrou absolutamente nada. Ferros, cimento e o que tinha de madeira aqui queimou. Esse aqui é o segundo andar do Museu da Língua Portuguesa. Aqui ficavam painéis eletrônicos, equipamentos de som, alto-falantes. Aqui tinha projeção de vídeos. Provavelmente a gente vai ver agora a parte pior que é o terceiro piso. Ele *tá* me explicando aqui, que aqui, olha, a base é de ferro, mas é tudo forrado com madeira, então é perigoso a gente andar por aqui agora porque a gente pode desmontar tudo aqui. **Agora olha aqui gente**, isso tudo era telhado, coberto. **Olha aí, olha o que que virou. Acabou tudo. Olha gente**, esse aqui é um dos hidrantes instalados aqui no museu, ***tá* vendo?** O tenente do

Corpo de Bombeiros me disse que esse hidrante chegou a ser usado ontem. Repórter: Essas paredes laterais e as paredes que dão para fora são na verdade a estrutura de todo esse prédio histórico. É possível mantê-las? (Bombeiro responde).

- Passagem: **Olha aqui o que funcionava aqui, ó.** Palavras cruzadas, história da língua portuguesa, beco das palavras e por aí vai. **Agora a gente vai pra realidade. O que a placa prometia existia aqui. E olha o que virou agora. Que tristeza, olha isso.**

- Narração *off*: O que você acabou de ver, tudo queimado, era assim. O único museu do mundo dedicado a uma língua nacional. O acervo era digital e está salvo. Inaugurado no ano 1901, o prédio já havia sofrido um grande incêndio em 1946, foi reconstruído e em 2006 o Museu da Língua Portuguesa abriu as portas. Ao lado do museu fica a plataforma da estação. O prédio tem duas partes. À esquerda da torre do relógio fica a principal, atingida ontem. À direita da torre funciona outro setor do museu, que abriga a administração. Essa parte não foi atingida pelo primeiro incêndio, de 46, e ainda preserva elementos originais da primeira construção. Por enquanto a única hipótese para o incêndio é um curto circuito. Técnicos do Instituto de Pesquisas Tecnológicas verificaram a estrutura do prédio. A perícia científica vai elaborar o laudo apontando as causas. O que ainda gera dúvida é se o prédio cumpria todas as normas de segurança. O museu funcionava há nove anos sem alvará da Prefeitura e sem o auto de vistoria dos bombeiros. A única vítima do incêndio foi enterrada nesta terça-feira. Ronaldo Ferreira da Cruz era bombeiro civil. Ele trabalhava no museu e morreu quando tentava combater as chamas.

Análise:

Contexto comunicativo: Na chamada da matéria a âncora Renata Vasconcellos diz que **“menos de 24 horas depois do acidente devastador, os repórteres Franklin Feitosa e José Roberto Burnier entraram no prédio”**. Esta chamada se enquadra no operador “contexto comunicativo”, já que o telejornal apresenta “definições dos seus participantes, objetivos e modos de comunicação, explicitamente” (GOMES, 2007). Ou seja, quando a apresentadora fala que os repórteres Franklin Feitosa e José Roberto Burnier entraram no prédio recém incendiado, ela confere a eles a legitimidade de que, de fato, estiveram no local e mostram-se ali para o público em uma situação comunicativa, concreta (GOMES, 2007). Outro aspecto do contexto comunicativo pode ser visto durante a primeira parte da matéria. Neste momento, o repórter faz uma grande “passagem”, mostrando todos os estragos deixados pelo fogo no museu. É ele quem narra, como se fosse em tempo real, tudo o que está sendo contado e mostrado pelos bombeiros. Para chamar a atenção, ele diz repetidamente “*agora olha aqui, gente*”, “*olha aí, olha o que virou*”, “*tá vendo?*”, “*olha o que funcionava aqui, ô*”, “*agora a gente vai pra realidade. O que a placa prometia existia aqui. E olha o que virou agora. Que tristeza, olha isso*”. Estas expressões também se enquadram no contexto comunicativo. O repórter confirma que está no local e está tão “abismado” com os estragos quanto a audiência que o assiste. Seu relato é extremamente coloquial, como em uma conversa. Ele anda por todos os lados do museu incendiado, questiona, mostra o que existia ali e o que foi tomado pelo fogo. Ele não está parado, mas em total movimento, mostrando todos os aspectos e rastros da destruição.

Crônica/Conotação: A utilização da frase, logo no início da matéria, traz em si traços de crônica e linguagem conotativa: **“Dói só de olhar. O que abrigava um dos museus mais**

importantes da América Latina agora é um amontoado de escombros". A frase "dói só de olhar" e a expressão "agora é um amontoado de escombros" retratam muito bem o gênero crônica e a linguagem conotativa, já que trazem em si elementos que configuram teor subjetivo, com entendimentos paralelos a aceitação em que são empregadas (AURELIO, 1986). Este estilo de texto é herdado pela crônica, onde o fato jornalístico é o pretexto para que a matéria jornalística seja escrita de outra forma. Este estilo, no entanto, só é visto nas duas frases acima expostas, nesta reportagem em particular.

Reportagem 2

Chamada/âncora: William Bonner - Bloco 2 Início: 15'35 - Fim: 18'15

Quem mora numa cidade grande hoje no Brasil não tem como escapar do trânsito ruim e dos congestionamentos. E por isso a gente começa a notar uma espécie de adaptação forçada a essa situação, **porque, se não dá pra fugir do engarrafamento, que pelo menos dê pra curtir o tempo que ele rouba da gente.**

• Narração *off*: **Cinco da tarde. Fim de expediente. A Daniele sai do trabalho e anda. Dobra a esquina e anda mais um pouco. Chega no tempo certo de embarcar.** Hora do *rush* no Rio e ela vai enfrentar o trânsito de uma das cidades mais engarrafadas do país. Mas esse envelope fez as coisas mudarem. E o trânsito, que só fazia perder tempo, agora também ajuda a encher o bolso. Enquanto vai e volta no ônibus, a Daniele aproveita pra fazer uma **graninha** extra. Quando ela chega no ponto, o trabalho termina. Daqui para frente todas as atenções já têm dona.

• *Passagem*: No Rio de Janeiro as pessoas gastam em média duas horas e 21 minutos pra ir e voltar do trabalho. Em São Paulo, duas horas e doze. **Para arredondar vamos deixar os minutos de lado.** Duas horas por dia no trânsito significam dez horas a menos de vida útil na semana. **No mês, aproximadamente 40. No ano, dá aflição só de pensar.**

• Narração *off*: **Percebeu o quanto de vida a gente tá deixando no caminho? E se você pudesse pegar esse tempo de volta?** Onde é que ia usar? Essa turma decidiu embarcar junto numa proposta curiosa. **É exatamente isso que você ouviu.** Eles estão aprendendo inglês. No caminho *pro* trabalho. O ônibus foi todo adaptado e começou a rodar há duas semanas. Essa é a primeira turma. As lições são passadas no quadro. Tem dever de casa, leitura, repetição, como qualquer curso. **A professora usa microfone e cinto de segurança. É igualzinho a uma sala de aula.** Quem quiser pode ter aula também na volta *pra* casa. **Falando em volta *pra* casa, olha as duas, continuam na bagunça. E a Daniele que passou o dia engarrafada ainda vai brincar de carrinho. É muito amor.**

Análise:

Crônica: O repórter inicia a narrativa mostrando o caminho do personagem Daniele: ela anda, anda mais um pouco e chega a tempo de embarcar. Atitude banal, mas que dá a impressão de continuidade para o texto, já que a pauta é sobre trânsito, congestionamento, tempo que se perde entre a casa e o trabalho. Diante dos personagens e da narrativa, no entanto, ela acaba virando pretexto – como se constrói o texto da crônica. “O espaço em que acontece o fato analisado pelo cronista não fica no mundo real que nos rodeia. Mesmo quando há verdade inquestionável no que diz, as entrelinhas e as analogias é que interessam” (BENDER & LAURITO, 1993).

Relato humanizado: O personagem é a linha de condução da narrativa. **“Cinco da tarde. Fim de expediente. A Daniele sai do trabalho e anda. Dobra a esquina e anda mais um pouco. Chega no tempo certo de embarcar”, “A professora usa microfone e cinto de segurança. É igualzinho a uma sala de aula”** ou **“olha as duas, continuam na bagunça. E a Daniele que passou o dia engarrafada ainda vai brincar de carrinho. É muito amor”**. Mesmo que a pauta seja congestionamento, os personagens foram escolhidos para dimensionar os dados: tem tanto congestionamento que até já tem gente buscando alternativas para não perder tempo. O jornalismo humanizado surge, neste caso, a partir da leitura da pauta: “o ser humano é o ponto de partida e de chegada, o que supõe que este fazer começa antes da pauta, na consciência do ser jornalista” (IJUIM, 2014, p. 13). Assim, o repórter acaba não se relacionando com um objeto em si, mas com outros seres humanos envolvidos no processo comunicativo. Dessa forma, sua busca envolve a compreensão das ações dos sujeitos da comunicação (IJUIM, 2014).

Conotação/Texto verbal: As expressões “*graninha extra*” e “*dá aflição só de pensar*” caracterizam-se como gíria e linguagem coloquial, atribuindo-se como linguagem conotativa. Já nas frases “*para arredondar, vamos deixar os minutos de lado*”, “*percebeu o quanto de vida a gente tá deixando de lado?*” e “*é exatamente isso que você ouviu*”, vê-se o operador texto verbal, onde o interlocutor conversa diretamente com o espectador, no sentido de audiência presumida, conceituada por Vizeu (2004), que diz que “os jornalistas constroem antecipadamente a audiência a partir da cultura profissional, da organização do trabalho, dos processos produtivos, dos códigos particulares (as regras de redação), da língua e das regras do campo das linguagens para, no trabalho da enunciação, produzirem discursos” e que, por isso, se justifica ao telejornal o modelo enunciativo que tem o poder de falar e mandar olhar aquilo que é construído e referenciado como real (VIZEU, 2004).

Chamada/âncora: Renata Vasconcellos - Bloco 2
Início: 18'20 - Fim: 25'

Ontem você viu aqui no Jornal Nacional que o acordo ortográfico assinado por Brasil, Portugal e outros seis países ainda gera dúvidas e críticas. **Hoje a gente vai mostrar** que, *pra* unificar a língua, aparecem dificuldades onde menos se espera.

- **Passagem:** Nós estamos na Rua Capela, no centro de Aracaju. Bem aqui passa a linha da fronteira que separa a língua portuguesa falada no Brasil da língua falada nos outros países que também assinaram o acordo ortográfico. Para esse cartório de títulos e documentos, angolanos, moçambicanos e portugueses falam uma língua estrangeira.

- **Narração *off*:** **Em março deste ano o advogado Lucas chegou com certidões de nascimento, casamento e de óbito da mãe de um cliente angolano.** Os papéis, escritos em português, com carimbos angolanos e até do Consulado Brasileiro de Luanda, capital de Angola. Mas o cartório exigiu: a papelada precisava ser traduzida. Do português para o português. É que a lei de registros públicos exige a tradução de documentos estrangeiros. O caso foi parar na Justiça. O Tribunal de Justiça de Sergipe confirmou em primeira instância a exigência de tradução dos documentos. **Nós falamos com o cliente, Luis Felipe, pela internet.** Ele veio para o Brasil para fazer o inventário dessa casa, que herdou da mãe. Voltou sem resolver nada. A Justiça publicou a decisão em português, claro, quer dizer, nem tanto. (Sonoras com populares lendo documentos do judiciário sem compreender as palavras).

• *Passagem*: E aí, entendeu o que é suscitado? Suscitante? Pretensão? Tudo isso foi escrito pela juíza Érica Madi, de Sergipe. Para ela, documentos angolanos escritos em português só têm validade no Brasil se forem traduzidos para o português. Agora será que também não era o caso de traduzir documentos com decisões de tribunais de todo país para um português que você entende?

• *Narração off*: **Fizemos o teste. O Marcos, que é contador, tropeçou em algumas palavras. O João trabalha no almoxarifado e reclama. Nem a Milena, que é estudante de Direito, entendeu tudo. A funcionária do Tribunal de Justiça do Rio diz que todo dia vê textos complicados assim.** A Marília é advogada, tem um blog na internet e escreveu um livro para compreender a complexa linguagem do Direito.

• *Passagem*: A linguagem rebuscada utilizada nos tribunais tem nome. É o *juridiquês*. Agora nós vamos acompanhar a aula do desembargador Wagner Silverio. Aqui todos são funcionários do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro. Profissionais do Direito. Nessa aula eles aprendem exatamente o contrário: a usar uma linguagem simples.

• *Narração off*: O desembargador explica que o *juridiquês* é diferente da linguagem técnica. **Alguns recursos de linguagem jurídica têm nomes complicados mesmo, e isso não deve mudar.** Mas ele ensina que o floreio excessivo, o uso de expressões antigas, algumas em latim, não melhoram o conteúdo de uma decisão. É o caso de algumas expressões que vimos lá no início da reportagem. E tem mais. Só que fugir do *juridiquês* é um desafio até *pra* esses alunos, que condenam a linguagem rebuscada. Tribunais de todo o país vem se esforçando para melhorar a linguagem. A orientação é que juízes escrevam sentenças de forma clara e direta para que qualquer pessoa entenda.

Análise:

Contexto comunicativo: Quando o âncora diz “**Ontem você viu aqui no Jornal Nacional**” que aconteceu tal fato relacionado ao acordo ortográfico, ele se enquadra no operador “contexto comunicativo”. Conforme Gomes (2007), um telejornal sempre vai apresentar definições dos seus participantes, objetivos e modos de comunicação, explicitamente – neste caso mostrando o que foi visto no dia passado (ontem), **no Jornal Nacional**, e o agora “**Hoje a gente vai mostrar que [...]**”.

Relato humanizado: Além de toda reportagem ter sido ancorada na história do advogado Lucas e do seu cliente, Luis Felipe, o repórter também falou com muitas pessoas da rua (o chamado *fala-povo*), como é o caso da seguinte passagem: “Fizemos o teste. O Marcos, que é contador, tropeçou em algumas palavras. O João trabalha no almoxarifado e reclama. Nem a Milena, que é estudante de Direito, entendeu tudo. A funcionária do Tribunal de Justiça do Rio diz que todo dia vê textos complicados assim”. Conforme Gomes (2007), a humanização do relato é uma das estratégias mais usadas pelo JN para se aproximar da audiência. Segundo ela, a identificação resulta neste caráter “humano”, que estabelece um jogo de cumplicidade com o telespectador. Missão cumprida: ninguém compreende realmente o tal *juridiquês* tratado na reportagem. “A aproximação aqui não significa simplesmente ‘se reconhecer’ na tela, mas reconhecer ‘aquela história’ contada como ‘humana’, ‘real’ ou ‘verdadeira’” (GOMES, 2007).

Linguagem figurada: Atenção para as expressões: “*juridiquês*”, “floreio excessivo”, “fugir do *juridiquês*”, “condenam a linguagem rebuscada”. Além de constarem em si elementos da conotação, todas contêm figuras de linguagem. A palavra “*juridiquês*”, por exemplo, a grosso modo significa o uso excessivo de termos jurídicos. Esta definição não existe no dicionário: ela pode ser configurada como uma gíria e uma ironia. A expressão “floreio

excessivo” também pode ser considerada como uma ironia. O “floreio” entende-se como o ato de encher de firulas, florear, pintar. Quando o repórter se refere a um “floreio excessivo” da língua, ele está dizendo que existe o uso exagerado de palavras que em nada acrescentam com o processo em si. Já as expressões “fugir” e “condenar” são ambas metonímias – palavras que têm originalmente um significado e, conforme o contexto, passam a ter outro. O “fugir” não é necessariamente correr para as colinas (outra gíria), mas tentar escapar, evitar os termos exagerados. O mesmo acontece com o “condenar” – não é uma condenação de fato, perante juizado ou promotor, mas a condenação de não gostar, detestar ou até abominar tal ação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando esta pesquisa iniciou, duvidei que encontraria matérias humanizadas no Jornal Nacional. Entre os motivos estava a sua formalidade estática, pouco mutável, com matérias tradicionalmente voltadas à política nacional e acontecimentos do exterior; geralmente direcionadas para fatores pontuais e econômicos. Já vinha percebendo uma espécie de mudança no JN há algum tempo: a tentativa de modernizar está acontecendo, mas, desde o olhar de telespectadora, notava que o movimento andava mais devagar, a passos pequenos. Nestas considerações finais, no entanto, posso destacar que estava enganada: encontrei um número maior de matérias de cunho humanizado do que pensei que encontraria – mesmo que ainda seja um número relativamente pequeno. Em seis programas analisados, dez matérias do formato foram encontradas. Fica aqui, portanto, a assertiva que já se desenrola há algum tempo: o jornalismo está mudando! Levantar da bancada parece ser um detalhe insignificante, mas representa um novo olhar sobre o jornalismo brasileiro. E aqui não entro em mérito de fatores

ideológicos – não é este o norte da pesquisa. O que busquei foi a humanização nos textos do *Jornal Nacional* – e encontrei.

Vale constatar que grande parte das matérias analisadas continham personagens como fio condutor da narrativa, conforme previsto pela conceituação de linguagem humanizada. E eles nem precisam ser *homo sapiens* – como o Seu João ou Dona Maria – mas podem ser *tartaruguinhas* recém-nascidas que correm em direção do mar. Podem ser a lama que cobriu cidades inteiras. Pode ser o fogo que destruiu o Museu de Língua Portuguesa em São Paulo. Ou pode ser a própria língua portuguesa, pregando peças com o tal *juridiquês*. A linguagem conotativa e as figuras de linguagem – outros aspectos característicos da linguagem humanizada – também foram encontradas na análise, com maior ênfase para a prosopopeia (personificação) e a metonímia (quando o sentido da palavra passa a ser outro, dependendo do contexto textual).

Dentre as descobertas desta pesquisa, está uma importante colocação quanto à organização do telejornal: a regra de começar com as matérias factuais ou “mais pesadas” – como política ou economia – pôde ser questionada. A própria autora, muito citada neste trabalho, Itânia Gomes escreveu, ainda em 2007, que era essa a composição costumeira do telejornal. Segundo ela, as reportagens da editoria de esportes e/ou as da área social de repercussão positiva sempre encerram o programa, ainda fiel ao padrão de aliviar as tensões do telespectador que acaba de ser bombardeado de notícias negativas (GOMES, 2007). O *Jornal Nacional*, pelo o que a pesquisa pôde concluir, não segue mais esse modelo em sua totalidade. Várias matérias de caráter extremamente humanizado estiveram presentes nos dois primeiros blocos na maioria das edições aqui apresentadas e outras, como as de política, ficaram para o fim do jornal. Outro paradigma, de que matérias mais leves ou de cunho social ficam reservadas e ganham destaque exclusivamente nos finais de semana, também pode ser questionado: no

sábado analisado não foi constatada uma só matéria em que houve a identificação da narrativa humanizada no JN. Constatção para pensar e rever conceitos.

Outro aspecto importante é que essas editorias mais “pesadas”, como dito anteriormente, também podem ser humanizadas, utilizando como exemplo a Cleide, o Manuel e o seu Adão, que são os representantes da população nos dados do IDH. A categoria “tragédia” enquadra-se igualmente neste quesito – como pudemos observar no desastre da lama, de Minas Gerais. Segundo Ijuim (2009), a linguagem humanizada também é isso: trazer personagens para exemplificar dados de uma tragédia, de um movimento que surge ou que termina.

A linguagem humanizada é uma tendência do jornalismo. Na televisão, no entanto, ela se dá com maior complexidade: a fala e a imagem precisam ser amigas. De nada adianta um imenso e aprofundado texto descritivo se não há imagem para dar-lhe suporte. E a imagem, por sinal, que não foi objeto deste trabalho, permite novas reflexões e muito aprofundamento, sem dúvida. Este trabalho, portanto, termina apenas com uma certeza: a bibliografia de televisão precisa ser ampliada. Não estamos mais em 2004 ou 2007, quando a internet ainda não era tão popular e a televisão reinava absoluta como a principal fonte de notícias para a totalidade da população brasileira. Cabe salientar, também, que a televisão, por ser um meio efêmero, sempre se preocupou em seduzir o telespectador mais pela emoção que pela razão. O uso das figuras de linguagem e o próprio modo de selecionar a notícia – colocar o fato mais interessante na frente de todo texto, mesmo que ele não seja a informação principal, comprova isso. A linguagem humanizada, portanto, não é um fenômeno novo, mas se tornou muito mais presente com o crescimento da popularidade da internet, convertendo-se em um meio ainda mais necessário para a televisão e o telejornalismo manterem os níveis de audiência.

A verdade é que haveria muito mais para se analisar em cada uma das reportagens decupadas nesta pesquisa. As apresentadas aqui, no entanto, são as humanizadas no sentido puro da palavra, conceituados por Lima (2009), Ijuim (2009-2014) e Gomes (2007), que dizem que toda linguagem de viés humanizado utiliza-se de determinados artifícios, como as figuras de linguagem e narrativas de movimento, bem como as apresentadas no terceiro capítulo. O destaque foi o que encontrei de mais importante e com maior relevância.

O movimento da linguagem humanizada, acredito, faz bem para o jornalismo: concede-lhe criatividade, atratividade, atividade. No entanto, é necessário compreender de onde ela vem e, principalmente, por que vem. Mas este é assunto para outro trabalho.

REFERÊNCIAS

ADGHIRNI, Zelia. *O jornalista: do mito ao mercado*. Estudos em jornalismo e mídia. Florianópolis, 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2088/1828>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

AMARAL, Márcia. Sensacionalismo: inoperância explicativa. *Em questão*, Porto Alegre, v. 9, n. 1, 2003. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/66/26>>. Acesso em: 15 abr. 2016.

BARBEIRO, H.; LIMA, P. R. D. *Manual de telejornalismo: os segredos da notícia na TV*. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.

BARBOSA, G.; RABAÇA, C. A. *Dicionário de comunicação*. 3 ed. Rio de Janeiro: Campus. 2002.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2009.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 7. ed., Petrópolis: Vozes, 2008.

BENDER, F.; LAURITO, Ilka. *Crônica: história, teoria e prática*. São Paulo: Scipione, 1993.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado, 1988.

BRASIL. Constituição (1988). *Artigo 6*. 1995. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d1720.htm#art1>. Acesso em: 20 mar. 2016.

CURADO, Olga. *A notícia na TV: o dia-a-dia de quem faz Telejornalismo*. 1. ed. São Paulo: Alegro, 2002.

COMUNIQUE-SE, Portal. *Âncoras em pé e telão em tamanho real são destaques do novo "Jornal Nacional"*. [Publicado em 23 de abril de 2015]. Disponível em: <<http://portal.comunique-se.com.br/index.php/jo-com/77115-ancoras-em-pe-e-telao-em-tamanho-real-sao-destaques-do-novo-jornal-nacional>>. Acesso em: 16 mai. 2016.

FARACO, C. E.; MOURA, F. M. *Gramática nova*. São Paulo: Ática, 2001.

FERREIRA, Aurelio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1986.

GLOBO, Memória. *Jornal nacional: a notícia faz história*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. 407 p.

GOMES, Itânia Maria. *Modo de endereçamento no telejornalismo do horário nobre brasileiro: o Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão*. NP 07 – Comunicação Audiovisual. V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom. 2007. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/74277217742772103772621605140235486090.pdf>>. Acesso em: 2 mai. 2016.

GOMES, Pedro Gilberto. Artigo. In: MELO, José Marques de. *Gêneros jornalísticos na Folha de São Paulo*. São Paulo: FTD, 1992.

IJUIM, Jorge; URQUIZA, Moema. *Autoria e humanização em Neide Duarte*. Estudos em Jornalismo e Mídia, Florianópolis.

Março de 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2009v6n1p85/10419>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

IJUIM, Jorge. *Humanização e desumanização no jornalismo: algumas saídas*. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/r6-2440-1.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2016

LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. 4 ed. Barueri: Manole, 2009.

KLEIN, Otávio. *A notícia em rede: processos e práticas de produção da notícia em rede regional de televisão*. Passo Fundo: UPF Editora, 2013. 107 p.

KLÖCKNER, Luciano. *O Repórter Esso e Getúlio Vargas*. Portcom, 2001. Disponível em <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/74695668814433177230257016087316867641.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2016.

LAGE, Nilson. *Estrutura da notícia*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2006. 78 p.

LAGE, Nilson. *Linguagem jornalística*. 1. ed. São Paulo: Ática, 1985. 78 p.

LAGE, Nilson. *Linguagem jornalística*. 8 ed. São Paulo: Ática, 2006. 78 p.

LINS, Flávio. *Uma aventura chamada Tupi: os primeiros anos da TV brasileira*. Rumores, USP, 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/Rumores/article/viewFile/58935/61918>>. Acesso em: 19 abr. 2016.

LOPES, Luís Carlos. *A parole do telejornalismo brasileiro*. Espéculo, Madrid, 2005. Disponível em: <<http://www.ucm.es/info/especulo/numero31/telejorn.html>>. Acesso em: 09 mar. 2016.

LUFT, Lya; BARBOSA, Francisco; PEREIRA, Manuel. *Mini-dicionário Luft*. 9 ed. São Paulo: Ática, 2002.

MELO, José Marques De. *Estudos de jornalismo comparado*. 1. ed. São Paulo: Pioneira, 1985. 260 p.

MARQUES DE MELO, José. *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. 3 ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003. 238 p.

MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de. *Gêneros jornalísticos no Brasil*. São Bernardo do Campo: UMESP, 2010.

PATERNOSTRO, Vera. *O texto na TV: manual de telejornalismo*. 5 ed. São Paulo: Elsevier, 2006. 231 p.

RECORD, News. *Manual de telejornalismo*. São Paulo: Record News, 2007.

REZENDE, Guilherme. *Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial*. São Paulo: Summus, 2004. 289 p.

SILVA, Marconi Oliveira Da. *O mundo dos fatos e a estrutura da linguagem: a notícia jornalística na perspectiva de Wittgenstein*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998. 173 p.

SODRÉ, Muniz. *O monopólio da fala: função e linguagem da televisão no Brasil*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1981. 155 p.

SOUZA, José Carlos Aronchi de. *Gêneros e formatos da televisão brasileira*. São Paulo: Summus. 2004.

SQUIRRA, Sebastião. *Aprender telejornalismo: produção e técnica*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1993. 187 p.

VIZEU, Alfredo. *Telejornalismo, audiência e ética*. 2002. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/vizeu-alfredo-telejornalismo-audiencia-etica.pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2016.



A investigação é uma das mais nobres atividades em sociedades, escolas, academias. Este livro, dentro dessa lógica, merece atenção diferenciada por trazer seis capítulos dedicados à análise de algo que em si já é um processo de análise: a atividade jornalística. Os seus textos vêm do compromisso final de alunos do curso de graduação em Jornalismo da Faculdade de Artes e Comunicação (FAC/UPF). Sua leitura não é densa, sim rápida, objetiva.

Os assuntos aqui explorados foram: as variações de visibilidade na assessoria de imprensa de jornais do norte do Rio Grande do Sul; a eficácia informativa via análise de conteúdo de valores-notícia de quatro veículos impressos do interior e da capital do estado gaúcho; a prática dita "sensacionalista" associada à repórter televisiva Sonia Abrão durante a cobertura de um sequestro com desfecho trágico ocorrido em 2008; também os efeitos do estresse e traumas em jornalistas, e, por fim, a análise de figuras de linguagem utilizadas pelo mais conhecido telejornal brasileiro: o Jornal Nacional.

O jornalismo (essa atividade de coleta, contextualização e transmissão periódica de informações da atualidade) provê a primeira base com a qual a sociedade frequentemente pauta a sua particular investigação sobre a realidade regional, nacional, mundial, e, mais que isso: com essa primeira base toma decisões diárias e cria sentidos diversos, como os de justiça, solidariedade, cidadania. Aperfeiçoar o jornalismo é, portanto, bastante louvável!

Charles Pimentel da Silva
editor

ISBN 978-85-8200-069-4



www.meritos.com.br

